

Revista *Professare*, v.1, n.1 (2013)

PROFESSARE:

Revista do Núcleo de Pesquisa Núcleo de Pesquisa Políticas Públicas e Processos
Formativos em Educação Regional da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe

V. 2 – Nº 1 – 2013

Editor:
Ludimar Pegoraro

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca Universitária
Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – Caçador -SC

R454r

Revista eletrônica Professare da Universidade Alto
Vale do Rio do Peixe – UNIARP / Universidade Alto Vale
do Rio do Peixe. V.2, n.1. 2013. Caçador (SC): UNIARP,
2013.

Semestral (online)
ISSN: 2238-9172

1. Educação - Pesquisa 2. Pensamento
educacional - Periódico. I. Título.

CDD 370.05

EQUIPE EDITORIAL

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ludimar Pegoraro, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp), Caçador, SC, Brasil

Editor(a) Associado(a)

Sonia de Fátima Gonçalves, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adelcio Machado dos Santos, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

Prof. Dr. Alfonso Carrillo Torres, Universidad Pedagogica Nacional - Bogotá, Colômbia

Prof. Dr. Altair Alberto Fávero, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil

Profa. Dra. Ana Maria Netto Machado, Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages, SC, Brasil

Profa. Dra. Arabela Campos Oliven, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil

Prof. Dr. Dilvo Ilvo Ristoff, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva, UNICAMP - Faculdade de Educação, Campinas, SP, Brasil

Prof. Dr. Ludimar Pegoraro, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp), Caçador, SC, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

Prof. Dr. Joviles Vítório Trevisol, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, SC, Brasil

Prof. Dr. Ridha Ennafaa, Universidade Paris 8 (Université Paris 8), Paris, França

Comissão Científica ad hoc

Ana Carolina Vieira Rodriguez, Instituto Federal de Santa Catarina, Caçador, SC

Daniel Bruno Momoli, UNIARP, Brasil

Prof. Dr. Ludimar Pegoraro, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp), Caçador, SC, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

Marlon Leandro Schock, Faculdade Kurios (FAK), Maranguape, CE, Brasil

Paulo Roberto Gonçalves, Uniarp, Caçador, Brasil

Pedro Alves De Oliveira, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

Rodrigo Regert, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - UNIARP, Fraiburgo, SC, Brasil

Profa. Esp. Sandra Mara Bragagnolo, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

Sonia de Fátima Gonçalves, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

Suzanne Mendes Valentini, Uniarp, Caçador, Brasil

Editoração eletrônica

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

Bibliotecária

Célia De Marco, UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Capa

Denise Bolzan Barpp, Uniarp, Caçador, SC, Brasil

EDITORIAL

Este número da Revista *Professare*, o primeiro de 2013, apresenta um conjunto de textos heterogêneos, mas importante sobre a temática educação, tema central desta revista virtual, que, de forma interdisciplinar, apresenta diferentes olhares sobre a sociedade e seus processos educacionais, elencando importantes questões que podem contribuir para o entendimento e melhorias, ampliando horizontes dos que atuam nesse relevante trabalho social.

Três ideias norteiam este editorial que apresenta importantes textos. Escrever/publicar, espaços eletrônicos e vida universitária.

Escrever/publicar se constitui numa ação pesquisadora de intersubjetividade ativa, convocada para o debate em torno de determinada temática, traduzindo para nosso tempo/espaço as originalidades das ideias, expressando de maneira própria e no contexto de cada texto o que outros, em outros contextos, disseram. O escrever se constitui no princípio da pesquisa. Escreve-se para pensar descortinando novos horizontes do local que, sendo publicado, assume características globais, pois se torna possível a comparação com outras realidades do mundo dos homens, assumindo o verdadeiro sentido do que é universalidade.

Os espaços eletrônicos se constituem no novo espaço/tempo da comunicação e da informação, tornando possível, através da revolução da tecnologia da microeletrônica, um espaço/tempo virtual de âmbito global e de pouca duração. Os espaços eletrônicos se constituem, se bem utilizados, no grande congregador das comunicações, pois, através da Internet, permitem a comunicação de muitos para muitos, possibilitando a socialização das informações ou pesquisas locais no âmbito regional, nacional e global. Hoje, a internacionalização dos conhecimentos é um grande desafio para as instituições educativas em todos os níveis.

Ao discorrermos sobre academia, estamos-nos referindo especificamente à vida universitária. A universidade é uma das instituições mais antigas, significativas e representativas da humanidade, tendo sua origem na Idade Média, embora tenha

passado por profundas transformações é, no atual contexto, mundo globalizado, que sofre as mais contundentes mudanças. A necessidade de produzir conhecimentos e de torná-los públicos se constitui num grande desafio para essas instituições. Nesse sentido, para estruturar a excelência acadêmica, é fundamental que o tripé norteador das políticas da universidade – ensino, pesquisa e extensão – estejam no plano de uma instituição criadora de bens públicos em forma de conhecimentos, como forma de responder pela sua significação e importância social. Não desmerecendo a extensão, mas a pesquisa e o ensino são pilares essenciais e indispensáveis para se erigir uma universidade de excelência. A universidade necessita explorar a velocidade da informação, tecnologia e conhecimento com vistas a excelência. As pesquisas que visam aos conhecimentos novos, capazes de produzir uma nova realidade social, precisam ser incentivadas pelas universidades. Logo, se uma universidade quiser olhar para o futuro não pode afastar-se desse propósito. Os espaços de pesquisa, necessariamente, têm que ser construídos para que a imagem e a marca da universidade sejam institucionalizadas. A universidade tem, sempre, a sociedade como sua referência. Tudo o que acontece pode ser objeto de análise.

A Revista *Professare* se constitui num importante exercício de vida acadêmica e num indispensável veículo de divulgação, circulação e projeção dos trabalhos realizados no âmbito da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).

O primeiro texto, de José Raul Staub e Adelfio Machado dos Santos, “A dinâmica da comunicação digital na educação”, apresenta considerações sobre a linguagem da comunicação digital que é utilizada, progressivamente, por milhares de pessoas em todo mundo. Na educação, destacam os autores, que o foco principal está voltado para informações relacionadas aos conteúdos curriculares e ou extracurriculares no âmbito das escolas, abriga informações e conteúdos de ordem administrativa e pedagógica e viabiliza a divulgação das produções dos estudantes e educadores, além de inscrições para cursos e concursos diversos. Os meios eletrônicos estabelecem um canal de comunicação efetiva que promovem a interação dos sujeitos envolvidos no processo educativo das unidades escolares e a comunidade.

O segundo texto, “Competências e limitações para a educação a distância

em universidade comunitária no meio oeste catarinense: o aluno”, de Alexandre João Cachoeira, Adécio Machado dos Santos e Joel Haroldo Baade, apresenta o resultado preliminar de uma investigação sobre a prática da Educação a Distância (EaD) na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), sediada em Caçador, SC. Consideram que a EaD sofreu grande expansão no Brasil nas últimas décadas e que, cada vez mais, as instituições buscam nesse modelo de ensino e aprendizagem uma forma de melhor corresponder às exigências da sociedade atual, seja em termos de qualidade do ensino ou, também, de equilíbrio financeiro.

“Educação matemática: estudo da geometria fractal por meio das relações do mercado financeiro”, de Fernando de Candido Pereira, Rivaneide Antonia de Lima e Elcio Schuhmacher, é o terceiro texto desta revista. Os autores destacam no texto que o mercado financeiro de ações é algo que varia com a mesma probabilidade de alta ou de baixa e conforme as relações dessas variações com a geometria fractal, entretanto, o comportamento dos preços no mercado financeiro não segue uma regularidade descrita pela distribuição normal, mas sim pela teoria do caos. Sugerem que o estudo da geometria fractal utilize os saberes das relações do mercado financeiro, destacando a importância da utilização de instrumentos tecnológicos como estimulantes ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Enfatizam, para a análise da problemática, a necessidade de trabalhos que enfocam estudos interdisciplinares.

Gloria Elizabeth Riveros Fuentes Strapasson e Izete Lehmkuhl Coelho, como o quarto texto, “Presença dos pronomes pessoais, tu - você e nós - a gente, na narrativa de experiência pessoal nos indivíduos da cidade de Caçador, Santa Catarina”, analisam que esses fenômenos são inerentes às línguas vivas e acontecem conforme as transformações que as sociedades sofrem.

Com o quinto texto da revista, “Cultura popular e religiosidade de jovens do contestado”, Gilberto Tomazi analisa que o contestado é considerado um dos maiores movimentos populares da história do Brasil e, até o momento, poucos espaços foram abertos para uma leitura autêntica dos seus aspectos culturais e religiosos. Vale considerar que diversos jovens assumiram um papel de destaque nesse movimento. Salaria que esse movimento não acabou e também não é coisa

do passado. Naquele seu primeiro estágio, que culminou na guerra, ele foi aniquilado através do uso das mais sofisticadas tecnologias de guerra da época, porém, o movimento do contestado, continua vivo na cultura popular, na religiosidade, nas lutas e esperanças dos jovens da região.

Envolvendo a educação ambiental, temática atual e relevante, apresentamos o sexto texto da Revista *Professare*. Fábio Boeing, Marioly Oze Mendes e Alcionê Damasio Cardoso discutem a questão de “Resíduos sólidos urbanos - educação ambiental versus impactos socioambientais: estudo de caso da área central de São Ludgero, SC”. O estudo investiga a forma como acontece a segregação dos resíduos na área central da cidade, de 10.951 habitantes, situada na Região Sul Catarinense. O trabalho analisa, também, o comportamento da população com relação ao destino dos resíduos, consciência, interesses e preocupações socioambientais.

Em “A literatura a serviço da educação: “O ateneu”, de Raul Pompéia, e os impactos psíquicos dos processos verbais”, Adalcio Machado dos Santos e Ana Paula Carneiro Canalle analisam a obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia, partindo do pressuposto de que o gênero literário, romance, fornece abundante subsídio com capacidade de servir como fonte para pesquisa em Educação. O estudo evidencia o amplo valor heurístico dos estudos psíquicos para a Educação e a exigência de se efetivar maior simultaneidade entre a Psicologia e a Pedagogia pela sinergia, gerando maior eficácia cognitiva.

O estágio evolutivo de uma sociedade pode ser determinado pelo grau de distribuição de inteligências instaladas, entretanto, as instituições que fazem parte dessas sociedades são fundamentais para criarem esses mecanismos de interação social. Nessa perspectiva entendemos que a UNIARP cumpre, com mais este número da Revista *Professare*, com mais uma de suas missões: a de agente de disseminação dos saberes. Boa leitura.

Ludimar Pegoraro
Editor

A DINAMICA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO

The Dynamics of Digital Communication in Education

José Raul Staub¹
Adelcio Machado dos Santos²

Recebido em: 14 ago. 2013
Aceito em: 13 dez. 2013

RESUMO

A linguagem da comunicação digital utilizada progressivamente por milhares de pessoas em todo mundo possui uma estruturação muito diversificada para atender os mais variados interesses do usuário leitor, bem como produtor interessado na veiculação dos conteúdos e informações postados. Os *sites* e os portais desenvolvidos pelas instituições, com intuito de subsidiar o processo educacional, sobretudo para a Educação Básica, apresentam informações relacionadas aos conteúdos curriculares e ou extracurriculares no âmbito das escolas públicas e privadas, o *Sítio* com endereço eletrônico possibilita a utilização dos recursos de pesquisa da *web*, abriga informações e conteúdos de ordem administrativa e pedagógica e viabiliza a divulgação das produções dos estudantes e educadores, além de inscrições para cursos e concursos diversos. O foco principal desses *Sites* está voltado aos itens relacionados a educadores e alunos, no que se refere aos conteúdos e atividades diversas que contribuem com a aprendizagem, a produção e a efetivação dos processos de ensino e aprendizagem de educadores e estudantes, com a utilização dos recursos de informática, para estabelecer um canal de comunicação efetiva que promova a interação dos sujeitos envolvidos no processo educativo das unidades escolares e a comunidade. A rede de comunicação disponível na *web* amplia a visão de mundo, contribui com informações sobre inúmeras temáticas e apresenta diferentes caminhos a serem percorridos para a construção do conhecimento. A Linguagem eletrônica colabora para aproximar as pessoas, compartilhar as ideias, trocar experiências e, dessa forma, permite reflexões, exige preparo de material, análise e crítica da leitura, do produzido e do veiculado.

Palavras chave: Comunicação, informática e educação.

¹ “Mestre em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande. Docente e Pesquisador do Centro Universitário Municipal de São José/SC (USJ). Endereço: Rua Tocantins, nº 114, casa – 88106310 São José (SC) Brasil”. E-mail: usj.raul@gmail.com.

² Pós-Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente e pesquisador da Universidade Alto Vale do Rio Peixe (Uniarp). Administrador (CRA/SC nº). Rua D. Pedro II, nº 176, Apto. 402, São José (SC), Brasil. E-mail: adelciomachado@gmail.com

ABSTRACT

The language of digital communication increasingly used by thousands of people around the world, has a very diverse structure to meet various user interests reader as well as a producer interested in serving the content and information posted. Sites and Portals developed by institutions, in order to subsidize the educational process, especially for Basic Education, presented information related to curricular and extracurricular or within the public and private schools, with the site address allows the use of search capabilities of web hosts and information content of an administrative and pedagogical enables the dissemination of productions of students and educators, as well as registration for courses and various contests. The main focus of these sites are geared to items related to teachers and students, with regard to content and various activities that contribute to learning, production and effectiveness of the teaching and learning of educators and students with the use of computing resources to establish an effective channel of communication that promotes the interaction of those involved in the educational process of school units and the community. The communication network is available on the web expands worldview, helps with information on numerous topics and presents different routes to be followed for the construction of knowledge. The Language electronics, helps to bring people together, share ideas and experiences and thus allows reflections, requires material preparation, analysis and critical reading, produced and aired.

Keywords: Communication, information and education.

INTRODUÇÃO

A comunicação digital disponível em um site na internet funciona como centro aglutinador e distribuidor de conteúdos para uma série de outros *sites* ou *subsites*, tanto dentro quanto fora do domínio da empresa ou instituição que o concebe e o administra. Em sua estrutura mais comum, os portais constam de um motor de busca, um conjunto, por vezes considerável, de áreas subordinadas com conteúdos próprios, uma área de notícias, um ou mais fóruns e outros serviços de geração de comunidades e um diretório, podendo incluir ainda outros tipos de conteúdos, bem como oferecer elementos estratégicos à sua avaliação.

Os *sites* são desenvolvidos, entre outras razões, para subsidiar educadores e estudantes nas atividades relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem do saber sistematizado, segundo a equipe de criação e sistematização do mesmo. A comunicação eletrônica, de modo geral, vem sendo usada com muita frequência pelas instituições de educação com o intuito de reunir informações relevantes aos usuários que utilizam esse recurso como referencial na relação com a instituição à qual estão direta ou indiretamente vinculados. O *site* do Ministério da Educação –

MEC, por exemplo, é uma referência central para toda comunidade escolar. Os portais institucionais das Universidades, Secretarias Estaduais ou Municipais de Educação constituem-se em referenciais para questões mais específicas de suas redes, constituindo-se em espaço de interação para as pessoas que a elas estão vinculadas e assim por diante, as *home pages* se multiplicam progressivamente.

Ao considerar-se o princípio da educação sistematizada, observa-se que são utilizadas diversas **tecnologias educacionais** de acordo com cada época e período histórico. Ainda hoje, usa-se a tecnologia do giz, da lousa, dos livros didáticos, sendo atualmente, um dos grandes desafios adaptar a educação à tecnologia moderna e aos meios de comunicação atuais como a televisão, o rádio, os suportes informáticos e outros que funcionam também como meios educativos no processo de ensino e aprendizagem.

No princípio do século XXI, as tecnologias começam a ser vistas e usadas mais intensamente numa outra perspectiva do processo educativo. Deixam de ser encaradas como meras ferramentas que tornam mais eficientes e eficazes modelos de educação já sedimentados, passando a ser consideradas como elemento estruturante da educação, com o objetivo de expressar a diversidade das culturas e dos processos pedagógicos. Nessa perspectiva, o mundo contemporâneo, motivado sobretudo pelo desenvolvimento acelerado na esfera da produção da informação e do conhecimento, associados à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs, vem exigindo que as organizações educativas reconstruam seus conceitos, acompanhando a dinâmica e as características desse novo tempo.

Por essa razão, uma mudança se faz necessária. Frente à evolução histórica e tecnológica, tem-se entrado em um padrão puramente cultural de interação social, que conduz ao começo de uma nova existência e quase ao começo de uma nova sociedade marcada pela plena autonomia da cultura em relação às bases materiais de nossa existência. (Castells, 1996, p.29). A inserção de novos recursos com ambientes diferenciados como laboratórios, salas informatizadas e de recursos diversos, vem acontecendo com certa segurança em alguns aspectos, porém, em outros, as dificuldades são mais evidentes.

A ação docente atribui ao educador a responsabilidade de contribuir para que os educandos desenvolvam a capacidade de organização e articulação dos

conceitos por meio dos conteúdos das disciplinas curriculares na perspectiva da sua utilização na sociedade. Em uma fase de mudanças de paradigmas bastante acelerada, que traz consigo uma série de novas exigências para a integração do sujeito como ser social vinculado ao seu tempo, é imprescindível criar, no ambiente escolar, espaços que propiciem o exercício para o desenvolvimento de diversas habilidades com ênfase às várias formas de comunicação e expressão.

Ao compartilhar desse entendimento e tendo o espaço escolar como local para efetivação das práticas educativas (local em que o estudante aprende algo que ele ainda não sabe, pois a aprendizagem se efetiva nessa perspectiva, tendo como referência os conceitos científicos com os quais se estabelece a mediação e interação entre professor, conhecimento e alunos), ressalta-se a importância da comunicação eletrônica sob as variadas formas e estratégias didáticas, nas quais as TICs exercem função significativa.

Para alcançar os objetivos da aprendizagem nas diversas áreas do conhecimento, a escola busca, juntamente com os docentes e discentes, a compreensão das etapas do processo de ensino e aprendizagem como uma necessidade e desafio na produção do conhecimento dialético da realidade social dentro do contexto escolar.

O segmento educacional vem desempenhando um papel relevante no processo de consolidação da Educação com a inclusão dos recursos midiáticos, colocando-se como uma significativa contribuição à educação contemporânea.

PERSPECTIVAS DA COMUNICAÇÃO DIGITAL E ELETRÔNICA

As frequentes mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas no princípio do século XXI estão sendo operadas com significativa rapidez, sendo que nem sempre são acompanhadas da mesma forma pelos diversos segmentos sociais, instituições, empresas e indivíduos que as constituem. Entre as grandes mudanças, destaca-se o sistema de comunicação por sofrer modificações frequentes nas formas de transmissão, nos conteúdos, nas abordagens e, sobretudo, no acesso por meio das diversas mídias. Um exemplo é o uso da Internet, que por muitos anos teve a sua reputação caracterizada como um meio difícil e complicado de se aprender, de se usar e simplesmente pouco atraente. A

Word Wide Web, termo que também é designado em português, pode traduzir-se por teia, parte integrante desse contexto, contribuindo com as mudanças que se processam continuamente. Com o WWW foi possível o acesso à Internet em um ambiente multimídia, ou seja, acessos a textos, fotos, sons, animações, vídeos, etc. O grande diferencial da popularização da *Web* foi a utilização do hipertexto, no qual os textos e imagens são interligados por meio de palavras-chave, tornando a navegação simples e agradável. Para ter acesso à *Web*, é necessário usar um tipo de software conhecido como *Web Browser* ou navegadores, que tem a capacidade de “ler” as “páginas” da Internet.

Segundo Carvalho (2007, p.36) devemos dar particular ênfase ao uso da Internet e dos seus serviços como meio para aprender, individual e colaborativamente, não só através de pesquisa livre ou estruturada, mas também como meio para apresentar e partilhar o trabalho realizado à turma e a todos os que lhe queiram acessar *on line*.

Nesse sentido, faz-se necessário promover uma ampla discussão sobre sua aplicação no contexto da aprendizagem dos conteúdos curriculares, especialmente da educação básica para propiciar o fortalecimento do processo educacional, contribuindo de forma mais significativa com a produção do saber sistematizado.

Segundo COUTO,2003,p.82:

A *web* oferece uma quantidade variada de possibilidades para comunicação visual devido a sua natureza hipertextual e de multimídia. A utilização simultânea de texto, imagem e som combinados com uma boa apresentação podem tornar a comunicação visual bastante eficaz em seu objetivo de esclarecer o usuário.

A apropriação dos inúmeros recursos disponíveis na *Web* por parte da comunidade escolar, assim como a utilização adequada, representa um grande desafio a um grande número de estabelecimentos escolares. Entre as dificuldades, destacam-se a falta de um amplo entendimento a respeito das contribuições do aparato tecnológico ao processo de ensino-aprendizagem, que exige de diretores, professores, estudantes e funcionários, a (re)organização da proposta pedagógica e a elaboração de um plano de trabalho, ou seja, uma nova trajetória de vida para a escola, pois para que essa se torne autônoma, necessita libertar-se de si mesma e tornar-se libertadora de seus sujeitos também através das inovações.

Os *sites* desenvolvidos para o segmento da educação devem subsidiar o

processo educacional e veicular as produções desenvolvidas nas disciplinas curriculares com a utilização dos recursos de pesquisa que a *web* possibilita para abrigar e divulgar as produções dos estudantes e educadores na ótica do grupo que concebe, produz e publica os conteúdos. O foco principal deve estar voltado às questões de ensino e de aprendizagem, com itens direcionados a educadores e a alunos no que se refere aos conteúdos e atividades de aprendizagem, que visam contribuir para a produção e efetivação dos processos educativos dos estudantes com a utilização dos recursos de informática e todo o processo de comunicação para estabelecer um canal de comunicação efetiva que promova a interação dos sujeitos envolvidos no processo educativo da unidade escolar e a comunidade.

A rede de comunicação disponível na *web* amplia a visão de mundo, contribui com informações sobre inúmeras temáticas e apresenta diferentes caminhos a serem percorridos para a construção do conhecimento. Conforme salienta Jonassen (2007, p.15) “os alunos aprendem pensando de forma significativa, sendo o pensamento ativado por atividades que podem ser proporcionadas por computadores ou por professores.” Ao seguir essa linha, o *site* também colabora para aproximar as pessoas, compartilhar as ideias, trocar experiências e, dessa forma, permite reflexões, exige preparo de material, análise e crítica da leitura, do produzido e do veiculado.

Ao disponibilizar, entre outros recursos, conteúdos de caráter educativo, por meio de links diversos, por intermédio dessa ferramenta, possibilita à instituição consolidar a integração entre o processo escolar usado habitualmente e as possibilidades frente à informatização. Quais são os processos de uso e aplicação de mídias eletrônicas em curso? Que ações direcionadas ao campo educacional estão ocorrendo para difundir os conhecimentos e proporcionar oportunidades de melhor entendimento das questões que circundam e envolvem estudantes e educadores da atualidade?

Assim, para contribuir com essas e outras questões, faz-se necessário facilitar a acessibilidade aos recursos de informática com acesso à internet, o que significa fazer com que a comunidade escolar e as demais parcelas de usuários presentes da população possam utilizar-se dos recursos disponíveis nos diversos *sites*, como subsídio ao processo de elaboração do conhecimento. Além disso,

independente da ferramenta usada (navegadores *web* para computadores de mesa, laptops, netbooks, tablets, e telefones celulares com múltiplas funções) e das limitações associadas ao respectivo uso e acesso (ambientes barulhentos, salas mal iluminadas ou com excesso de iluminação), faz-se necessária a mediação dos educadores para que sejam estabelecidas relações com os conteúdos curriculares, atendendo, dessa forma, as mais variadas necessidades, situações e preferências do público alvo e tornando esse tipo de interação agradável e compreensível. Nesse sentido, os sítios eletrônicos buscam dar mais funcionalidade ao acesso dos conteúdos disponibilizados com recursos diversos que facilitam o acesso, bem como, orientam para a busca em outros sítios.

ACESSO E USO DOS RECURSOS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL

A usabilidade, segundo Dias (2001, p.24), é a capacidade de um produto ser usado por usuários específicos para atingir objetivos específicos com eficácia, eficiência e satisfação em um contexto específico de uso (ISO 9241-11, 1998). Sendo assim, contribui-se com a melhoria na utilização dos recursos disponíveis, suprimindo-se a carência dos educandos e educadores de diferentes áreas do conhecimento, em razão das dificuldades encontradas para acessar produções que possam oferecer informações diversas sobre um fenômeno que está ocorrendo tão próximo de todos, mas que, às vezes, parece estar tão distante.

Os usuários, especialmente os estudantes, necessitam de suporte para produzir textos e ou ampliar informações acerca dos conteúdos vinculados às atividades curriculares. Ao realizar atividades no espaço de sala de aula com objetivos definidos que remetem ao conteúdo curricular e extracurricular, os estudantes percebem as possibilidades de estabelecer a comunicação nos diversos espaços da sociedade.

Conforme Consani (2007), o receptor de diversas mídias tem "independência e singularidade", pois é um sujeito ativo que pensa sobre as informações que são veiculadas diariamente. Aperfeiçoar essa capacidade, desenvolvendo a habilidade de aprofundamento da análise e, por consequência, da crítica, é a proposta deste trabalho, para estimular o uso e a aplicação dos recursos de informática coordenados pelos professores com a contribuição dos alunos. Dessa

forma, a comunidade educacional terá a possibilidade de desenvolver experiências que permitam estimular a habilidade de comunicação oral e escrita, aperfeiçoando a objetividade e clareza de exposição do pensamento e, dessa forma, também exercitar sua capacidade de interpretação do que se ouve ou se lê.

Os serviços de informática devem estar a serviço da coletividade e oferecer os mais variados recursos, dentre os quais destacam-se: educativo, entretenimento, mobilização social e movimento cultural. Nesse sentido, o conjunto de elementos que constituem a arquitetura do Portal devem visar a sua funcionalidade, assim definida por Dias (2001, p.26). Funcionalidade é a capacidade de o *software* prover funções que atendam a necessidades expressas e implícitas, quando usado nas condições especificadas. ISO/IEC FCD 9126-1 (DIAS, 2001, p. 26). Essa disposição permite aos estudantes, professores e a equipe pedagógica e administrativa exercitar, frequentemente, sua capacidade de elaboração, criação e análise de programas, projetos e materiais para blogs que deverão corresponder à expectativa da escola como um todo.

O *site* possibilita ao estudante envolvido no processo pedagógico relacionar, sintetizar, analisar e avaliar as informações para construir o saber sistematizado e a interpretação do mundo. Sua capacidade de interpretação será aquilo que lhe possibilitará alçar a condição de cidadão autônomo. A habilidade de pensar deve ser realizada no dia-a-dia, nas situações da vida real. O professor é o mediador que estimula o aluno a produzir as conexões, ou seja, a significação do real, pois o que importa na educação não se refere apenas a melhorar um único meio de educar, mas sim colocar à disposição dos educandos alternativas para assimilar a multiplicidade de meios, visto que a escola é, acima de tudo, um modo de ser, de ver o surgimento, o desenvolvimento e os resultados conquistados. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve, conforme assinala Moacir Gadotti (1994). Nessa mesma linha, Nelson Pretto (1995) completa a ideia dizendo que, com a presença dos meios de comunicação, a escola terá outra lógica, com múltiplos interlocutores, pois conseguirá diversas identidades e subjetividades diferenciadas. Por isso, é necessário um aprendizado de formas de interpretação, é preciso desenvolver novos hábitos intelectuais de simbolização e formalização do conhecimento, de manejo de signos e representações para a apropriação do produzido.

O desenvolvimento das estruturas mentais é influenciado pela cultura, pela linguagem usada pela coletividade e pelas técnicas de produção, armazenamento e transmissão das representações da informação e do saber. Por isto, as novas tecnologias da informação devem ser aproveitadas pela educação para preparar o novo cidadão (MEC, 1996).

A própria linguagem recorrente na *Web* permite propor atividades utilizando os recursos de informática que terão como base temáticas diversas, com leitura e interpretação de textos, crônicas, artigos de opinião, com a elaboração de textos para a produção de saberes com temáticas relacionadas aos conteúdos curriculares da escola.

Para despertar o interesse e estimular a participação do maior número possível de estudantes, é preciso demonstrar que essa proposta será realizada por meio de um processo no qual o “receptor ativo” pode se transformar no “comunicador criativo”, pois serão proporcionadas condições de aprender e viver a experiência de fazer comunicação. Segundo Consani (2007), existem várias experiências exitosas nas escolas públicas, porém só se consegue aglutinar os alunos com sua vontade e criatividade se esse “esforço” for aplicado em algo que para eles revele a capacidade que todos têm de comunicar suas ideias.

As mudanças no universo da informação e comunicação estão se tornando cada vez mais notáveis à medida que se democratiza o acesso a esses meios. É justamente no meio educacional que as Tecnologias de Comunicação e Informação – TICs assumem um papel estratégico, uma vez que, para a educação, elas representam um imenso campo de possibilidades de produzir novos conhecimentos. Na fase atual, são muitos os problemas que se apresentam a todo instante no que se refere à privacidade dos usuários, que, por muitas vezes, encontram dificuldades em manter o anonimato e o sigilo de informações pessoais, dada a capacidade e os recursos que os novos equipamentos possibilitam em relação ao rastreamento e à captura de dados.

No universo educacional, toda invenção tecnológica se manifesta na forma de criação na qual se desenvolvem os recursos de suporte à realização de atividades que possibilitem o aprimoramento metodológico dos processos de aprendizagem. E nesse processo, entre as muitas propostas de utilização dessas ferramentas, cabe, sem dúvida, a intervenção dos agentes da educação no sentido

de oferecer as orientações a fim de estabelecer uma relação afirmativa com as TICs para que os estudantes possam extrair delas o melhor proveito em detrimento dos seus aspectos negativos e nefastos que são visíveis e perceptíveis aos olhos de quem conhece o “básico” desse processo. Nas interfaces das novas TICs, em muitos casos, observa-se a inocência do usuário do ciberespaço e, principalmente, do usuário brasileiro, que frequentemente nem sabe da existência dos *cookies*, esses pequenos bits de *software* plantados nos computadores para coletar parte de dados pessoais.

As relações que se estabelecem com as tecnologias oscilam entre as primeiras formas de registro até as mais completas projeções acerca do futuro do planeta. No entanto, a questão fundamental está pautada na utilidade do recurso como suporte ao equacionamento de problemas. A sociedade contemporânea caracteriza-se pela capacidade de promover mudanças que exigem acompanhamento sistemático para que se possa aprender com elas.

Ao lançar esforços no sentido de extrair os elementos significativos à aprendizagem dos processos de mudança e, sobretudo, das inovações tecnológicas, faz-se necessário o exercício da análise de critérios na definição dos instrumentos que são essenciais e aceitáveis no processo de ensino e aprendizagem, ou corre-se o risco de ter como referencial principal a necessidade da inovação, sem a clareza de suas finalidades. Por outro lado, é possível que a tecnologia não seja a principal responsável por toda a transformação cultural que impulsiona a sociedade atual. Entretanto, é perceptível sua grande contribuição para a criação de novos espaços e possibilidades a serem exploradas principalmente no âmbito educacional, proporcionando o exercício de ações atuais e eficazes em escolas que precisam romper com obsoletismos e encaminhar-se à “modernidade”. Nessas escolas, o estudante aprende com outro estudante e com o educador em um processo de interação com os recursos tecnológicos que já fazem parte da realidade social que os cerca.

A utilização da comunicação digital potencializa o processo educativo desde que o professor tenha um domínio contínuo e crescente das tecnologias, para se beneficiar dos recursos para colaborar com a produção de saberes a serem aplicados para a produção de conhecimento sistematizado na escola. Dessa forma,

entende-se que, na escola, educadores devem propor atividades significativas que envolvam os alunos em uma dinâmica mais abrangente, incorporando na práxis pedagógica à infinita gama de recursos disponíveis na sociedade.

O desafio posto remete à ampliação e democratização do acesso a *web* com o objetivo de promover a **interação**, a **comunicação**, a **colaboração** e a **informação** tendo como atores e autores os **educadores**, os **alunos** em um processo interativo que integra à Instituição Escolar uma proposta que permite desenvolver e alimentar as redes colaborativas dinâmicas que contemple as atividades de pesquisa, reflexão, crítica e construção coletiva do conhecimento.

Ao finalizar as atividades, os resultados indicam que são muitos os aspectos positivos em relação à estrutura, à usabilidade e ao funcionalidade do Portal, porém ainda há um longo caminho a ser trilhado para que se atendam as necessidades da comunidade escolar na perspectiva de inserir definitivamente todos os alunos e educadores na era da informação e no aprimoramento do conhecimento

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aparato tecnológico produzido pela humanidade ao longo dos séculos se constitui na extensão de pernas e braços de homens e mulheres e no desenvolvimento das condições que permitam percorrer distâncias e atingir lugares que, por muito tempo, eram visitados apenas pela imaginação dos sujeitos os quais manifestavam o desejo de transpor os limites de sua aldeia para ganhar o mundo e experimentar novas sensações que povoavam os desejos do corpo e da alma do sujeito ávido por conquistas.

Os recursos de informática têm papel preponderante nesse processo devido a sua capacidade de mobilização e alcance aos diversos segmentos da sociedade. Para o meio educacional, o tema ainda é muito controverso, dada sua abrangência e complexidade. As inúmeras alternativas de uso dos recursos *online* propiciam um amplo debate que oscila entre as questões de informação geral que precisam ser devidamente analisadas para que possam ser utilizadas para subsidiar o processo de produção e sistematização do conhecimento, e as questões que já superaram essa fase e, portanto, já se enquadram no universo dos temas específicos da educação.

O ingresso das TICs eletrônicas no âmbito da educação escolar evidencia-se na produção dos educadores e alunos, quer seja no planejamento das aulas, na sua aplicação ou, sobretudo, na publicização dos resultados. Para explorar com mais abrangência o potencial das redes de comunicação, sua estrutura e organização deve ser discutida e orientada de tal forma que seja possível reconhecer as fontes de pesquisa, a sua relevância e, principalmente, a importância das produções dos alunos, que serão responsáveis pela produção dos seus saberes e na organização de informações e conteúdos.

As iniciativas no campo da educação (no âmbito das TICs) são expressivas, pois apresentam características específicas que dispensam especial atenção à criação, ao desenvolvimento, à veiculação e à socialização do conhecimento. Em face da irreversibilidade do processo, cabe ao meio educacional intensificar as ações e somar esforços para consolidar a aplicação dos midiáticos no cotidiano escolar, quer seja nos aspectos administrativos, quer seja nos pedagógicos.

No contexto atual, em que as transformações ocorrem rapidamente influenciando direta ou indiretamente a vida das pessoas, o aspecto que merece destaque é a agilidade com que ocorre a disseminação da informação. No entanto, não se trata de um processo homogêneo, ao passo que em determinados locais ocorre naturalmente e, em outros, representa uma novidade ou ainda para muitos significa algo desconhecido. Entretanto, o processo está em curso e merece crédito, porém os desafios são imensos, exigindo a intensificação de ações na longa trajetória que se inicia com o acesso e se situa na condição de fazer o uso adequado para explorar todo potencial que as diversas mídias representam.

O desafio posto remete a desmistificação das concepções acerca das ferramentas de suporte, o fortalecimento da cultura do uso e aplicação das TICs no aprendizado com uma base ampla que se apresenta em suas formas mais simples até as mais complexas. A convergência com o desempenho de funções propositivas em colaboração com os usuários deve estabelecer uma relação afirmativa com os recursos que a *Web* dispõe.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte & Percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São

Paulo: Pioneira, 1998.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1995.

CASTELLS, M. **Novas perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CONSANI, Marciel. **Como usar o Rádio na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

COUTO, Zélia F. S. **Apostila básica para criação gráfico-virtual em Power Point**. (documento eletrônico), 2003.

DOMINGUES, Diana (Org.). **A arte no século XXI: a humanização as tecnologias**. São Paulo: UNESP, 1997.

GADOTI, Moacir. A escola e a pluralidade de meios. **Revista Escola & Vídeo**. Rio de Janeiro, p. 32-33, jan. 1994.

MEC/SEED. **Programa Nacional de Informática na Educação**. Brasília, 1996.

PÉON, MARIA Luíza. **Sistemas de Identidade Visual**. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas: Papirus, 1996.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

COMPETÊNCIAS E LIMITAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA NO MEIO OESTE CATARINENSE¹

*Competencies and Limitations for Distance Education in a Community University in
Midwest Santa Catarina*

Joel Haroldo Baade²
Alexandre João Cachoeira³
Adelcio Machado dos Santos⁴

Recebido em: 17 set. 2013
Aceito em: 10 dez. 2013

RESUMO

O presente artigo é um resultado preliminar de uma investigação sobre a prática da Educação a Distância (EaD) na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), sediada em Caçador, SC. Considerando que a EaD sofreu grande expansão no Brasil nas últimas décadas, cada vez mais instituições buscam nesse modelo de ensino e aprendizagem uma forma de melhor correspondências das exigências da sociedade atual, seja em termos de qualidade do ensino e em termos de equilíbrio financeiro. O objetivo da investigação consiste em buscar identificar as causas que levaram a uma baixa adesão dos estudantes nas atividades propostas nas disciplinas oferecidas a distância pela instituição no primeiro semestre de 2013, levando a um percentual expressivo de reprovações. Metodologicamente, a pesquisa é constituída de revisão de literatura e aplicação de questionários estruturados aos 923 estudantes matriculados em disciplinas da modalidade EaD na UNIARP no primeiro semestre de 2013. Os resultados evidenciam que os participantes dispõem de recursos como computador e internet em seus domicílios e as competências para a realização de atividades como acesso à internet, meio privilegiado para a construção de ambientes de aprendizagem a distância. Contudo, os meios empregados pela instituição na construção de suas disciplinas, tais como fóruns, são pouco acessados pelos participantes da pesquisa. Portanto, concluiu-se que a baixa adesão dos alunos nas atividades na modalidade EaD e a consequente reprovação de muitos é mais resultado da dificuldade da instituição de criar um ambiente que se adeque às necessidades dos alunos do que destes em ter competências para estudar na modalidade a distância.

¹ Pesquisa realizada com recursos do Art. 170 da Constituição do Estado de Santa Catarina concedidos através da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP.

² Coordenador do projeto, Doutor em Teologia, Especialista em Administração Escolar, Professor e Pesquisador, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Email: baadejoel@gmail.com.

³ Graduando em História, Aluno Bolsista, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Email: ale_xande30@hotmail.com.

⁴ Pós-Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Professor e Pesquisador, Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, Email: adelciomachado@gmail.com.

Palavras-chave: Universidade comunitária. Educação a distância. Competências.

ABSTRACT

This article is a preliminary result of an investigation about the practice of Distance Education in the Alto Vale do Rio do Peixe University (UNIARP), headquartered in Caçador, SC. Considering that Distance Education has suffered a great expansion in Brazil in the last decades, increasingly more institutions are seeking in this model of teaching and learning a way to better correspond to the demands of the current society, be it in terms of quality of teaching and in terms of financial equilibrium. The goal of the investigation consists in seeking to identify the causes which led to the low adhesion of the students to the activities proposed in the disciplines offered at a distance by the institution in the first semester of 2013 leading to an expressive percentage of failings. Methodologically, the research is constituted of a review of the literature and application of structured questionnaires to the 923 students enrolled in the disciplines in the Distance Education modality at the UNIARP. in the first semester of 2013. The results show that the participants have resources such as a computer and internet in their homes and the competencies to carry out the activities such as access to internet, a privileged environment for constructing a distance learning environment. However, the means used by the institution to construct their disciplines, such as forums, were accessed very little by the participants of the research. Therefore, the conclusion is that the the low adhesion of the students to the activities in the Distance Learning modality and resulting failure of many is more a result of the difficulty of the institution to create an environment that can be adapted to the needs of the students than whether these students have the competencies for studying in a distance modality.

Keywords: Community University. Distance Education. Competencies.

INTRODUÇÃO

A EaD não é algo novo no cenário brasileiro. Há registros de atividades de ensino e aprendizagem sem a presença de alunos e professores num mesmo espaço físico e no qual se fazia uso de algum meio de comunicação já no início do século XX. O que mudou nas práticas atuais de EaD em relação a essas primeiras iniciativas foram os meios empregados na comunicação: antes utilizava-se a correspondência impressa e o rádio e, atualmente, emprega-se preponderantemente a internet (DIAS; LEITE, 2010).

Entende-se a EaD como sendo um campo constituído de dois aspectos: por um lado, uma modalidade de educação e os aspectos institucionais e operacionais a ela ligados, que se refere especialmente aos sistemas ensinantes. Por outro lado, a EaD relaciona-se com as metodologias e estratégias de ensino e aprendizagem,

mais voltada para as relações entre os sistemas de ensino e os aprendentes. Conforme Belloni (2001), o primeiro aspecto é o que se chama tradicionalmente de EaD, enquanto o segundo é identificado na literatura como Aprendizagem Aberta e a Distância. Entretanto, como a própria autora já previu em 2001 por ocasião da realização de sua pesquisa, a EaD é o campo dentro do qual o segundo aspecto tem se desenvolvido, embora ainda timidamente conforme se constata a partir da experiência em muitos cursos que fazem uso da EaD.

O número de alunos matriculados nessa modalidade de ensino e aprendizagem sofreu grande expansão nas últimas duas décadas. Isso decorre principalmente do aumento da necessidade de qualificação profissional. Muitas pessoas voltaram a estudar depois de terem interrompido os estudos prematuramente ou, então, há um número crescente de sujeitos que sentem a necessidade de aumentarem o seu nível de qualificação. Como um número expressivo desses indivíduos já está inserido no mercado de trabalho e não dispõe de tempo para acompanhar cursos presenciais, a modalidade EaD torna-se uma alternativa bastante atraente (DIAS; LEITE, 2010).

Percebe-se, portanto, que há um expressivo aumento de demanda pela modalidade de ensino e aprendizagem a distância no Brasil. Diante disso, é também irrevogável o aumento do número de instituições que passaram a oferecer cursos de qualificação e mesmo de graduação nessa modalidade. Contudo, com a expansão do capitalismo, não tardou para que os modelos industriais fossem aplicados à educação, especialmente o modelo fordista. O novo modelo de educação introduzido com a EaD produziu uma certa “crise da educação” (BELLONI, 2001).

Enfatizando, agora, especialmente o ensino superior, muitas organizações aproveitaram o momento de expansão da demanda por educação para oferecer soluções de mercado que passaram a fazer amplo uso da modalidade EaD, considerando que ela oferecia maior potencial de maximização de lucros. Em decorrência disso, no entanto, as Instituições de Ensino Superior (IES) tradicionais, especialmente aquelas organizadas comunitariamente ou filantrópicas, passaram a sofrer grande pressão para manterem-se funcionando. As comunitárias, que são instituições públicas que dependem das mensalidades dos alunos, não conseguem oferecer valores competitivos capazes de concorrer com os preços praticados pelas

“grandes empresas de educação”. Nesse sentido, no intuito de manterem-se viáveis economicamente, muitas IES comunitárias e filantrópicas buscaram e ainda buscam na EaD uma possibilidade de equilibrarem os seus orçamentos.

Por outro lado, é inegável que a EaD chegou para ficar. A formação dos profissionais na atualidade deve, necessariamente, incorporar os novos modos de comunicação e de ensino e aprendizagem. Se as IES não capacitam os seus alunos para que sejam capazes de aprender e ensinar em ambientes virtuais, estão também, em certo sentido, deixando de cumprir o seu papel de instituições formadoras. Portanto, a EaD nas IES comunitárias oferece uma série de limites e possibilidades que são analisados preliminarmente ao longo da pesquisa aqui esboçada.

Uma das grandes dificuldades da EaD está relacionada com a sua situação de baixo prestígio no campo da educação (BELLONI, 2001). Dessa forma, uma pesquisa para que se possa compreender melhor o lugar da EaD na IES comunitárias ajuda a superar esse desprestígio. Para tanto, é necessário que ela se transforme em objeto de pesquisa.

O estudo organizado por Behar (2013) concentra-se na temática das competências na EaD. Segundo os autores desse estudo, a EaD representa um desafio, tanto para alunos como para professores. Quando Belloni (2001) fala em “crise da educação” desencadeada pela EaD, também se refere a essa questão. Ou seja, o que a modalidade EaD exige de professores e alunos em termos de requisitos que tornem viáveis a prática de ensino e aprendizagem através das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs)? Certamente podem ser mencionados, aqui, a capacidade de autogestão do ensino e domínio dos meios empregados na modalidade EaD. Essas competências, porém, não podem ser consideradas como amplamente difundidas e presentes em todos os indivíduos que procuram cursos em EaD. Muito pelo contrário, um número expressivo de alunos supostamente não as tem. Mais do que isso, principalmente em instituições que iniciam a implantação de atividades na modalidade EaD, muitos dos próprios docentes das IES não estão capacitados para lidarem com as novas formas de ensino e aprendizagem possibilitadas pela EaD, o que pode ter implicação na concepção da continuidade das atividades propostas. É compreensível, assim, que a

EaD produza uma crise na educação, especialmente do modelo tradicional.

A partir do exposto acima, a implantação da modalidade EaD em IES comunitária sugere um duplo problema, um relacionado ao aluno e outro relacionado ao professor. Esses, por sua vez, no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem na modalidade EaD, estão entrelaçados. Os modelos de EaD exigem do estudante competências de auto estudo e de autogestão que talvez muitos jovens adultos que procuram a EaD não tenham desenvolvido (BELLONI, 2001).

Contudo, segundo Belloni (2001), há maior ênfase nos processos de ensino (estrutura organizacional, planejamento, concepção de metodologias, produção de materiais) nos modelos de EaD em uso e pouca ou nenhuma consideração dos processos de aprendizagem (características e necessidades dos estudantes, modos e condições de estudo, níveis de motivação). Além disso, segundo Belloni (2001, p. 45):

[...] dados consistentes mostram que os estudantes a distância são na maioria adultos entre 25 e 40 anos, que trabalham e estudam em tempo parcial, bastante reduzido. Muitos estão voltando a estudar muitos anos após sua última experiência como aluno e muito freqüentemente tiveram experiências educacionais negativas. O aprendente atualizado é um mito, e muitos estudantes encontram dificuldades para responder às exigências de autonomia em sua aprendizagem, dificuldades de gestão de tempo, de planejamento e de autodireção colocadas pela aprendizagem autônoma. Muitos se acham despreparados, têm problemas de motivação, tendem a se culpar pelos insucessos e têm dificuldades de automotivação.

Nesse sentido, esta pesquisa indaga pela relação entre os processos de ensino (ou seja, a parte institucional) e de aprendizagem (o que se refere ao aprendente) no modelo de EaD adotado na instituição em que atuam os autores.

Além do aspecto do aprendente, Belloni (2001, p. 46) ainda chama a atenção para outro aspecto que não pode ser desconsiderado em qualquer discussão sobre EaD. Segundo a autora,

Diretamente relacionada com as inovações tecnológicas, com as novas demandas sociais e com as novas exigências de um aprendente mais autônomo, uma das questões centrais na análise da EaD, e talvez a mais polêmica, refere-se ao papel do professor nesta modalidade de ensino, chamado a desempenhar múltiplas funções, para muitas das quais não se sente, e não foi, preparado.

Essa questão é analisada, também, por Schneider, Silva e Behar (2013) em seu estudo intitulado “Competências dos atores da educação a distância: professor,

tutor e aluno”.

A partir do exposto, portanto, pode-se constatar um duplo problema. Por um lado, é preciso indagar pelo sujeito aprendente, as suas características, competências, necessidades, anseios e expectativas em relação à formação buscada e quais as implicações para a modalidade de ensino/aprendizagem adotada pela instituição, especificamente a EaD. Ou seja, o modelo de EaD adotado pela instituição corresponde às necessidades e perfis dos aprendentes? Que implicações daí podem decorrer para o planejamento das atividades da instituição?

Por outro lado, é consenso na bibliografia sobre EaD que essa modalidade de ensino/aprendizagem exige um novo perfil docente, e que esta questão é muitas vezes polêmica. Ela pode ser especialmente tensa quando as instituições tradicionais de ensino se encontram em fase de transição de um sistema essencialmente presencial para modalidades semipresenciais ou totalmente a distância. Fala-se da literatura que há então uma “transformação do professor de uma entidade puramente individual em uma entidade coletiva.” (BELLONI, 2001, p. 81). Em outras palavras, a EaD, devido à complexificação do processo de ensino/aprendizagem, exige a atuação de diferentes profissionais que integrarão o processo de ensino/aprendizagem (professor autor, tutor, designer instrucional, suporte, monitoria de centros de apoio presencial...), e não mais unicamente o professor em sala de aula.

A função das IES é formar cidadãos para o exercício de uma profissão e para que também sejam sujeitos ativos em todas as esferas da vida social não meros receptores passivos de decisões alheias (CANIVEZ, 1998). Nesse sentido, considerando as rápidas transformações da sociedade atual, cada vez mais caracterizada como sociedade da informação e da tecnologia, as formas de educar também precisam atender a estas características. A EaD quer ser uma dessas ferramentas que buscam atender às necessidades atuais de formação contínua e de atualização. Contudo, para que ela possa efetivamente corresponder às necessidades de uma determinada sociedade, carece-se de estudos regionais e locais, que possam contribuir para o direcionamento das estratégias pedagógicas e mercadológicas próprias de cada região. Além disso, o estudo das características regionais contribui para dar melhor suporte no que concerne ao modelo de EaD a

ser adotado, considerando que não existem propostas únicas.

Por outro lado, as rápidas transformações, principalmente nas tecnologias empregadas na EaD, exigem dos profissionais que com ela atuam capacidades de adaptação extremamente velozes. Para muitos, contudo, a dinamicidade das novas formas de ensinar e aprender produzem incerteza e insegurança, pois deslocam os sujeitos de suas zonas de conforto constantemente. Exige-se, assim, compreender esse processo de modo a traçar estratégias que possam contribuir para a superação dos medos e incorporação das novas tecnologias da comunicação nos processos de ensino. Da mesma forma, o aprendente é continuamente exigido a se adaptar às novas formas e modelos adotados pelas instituições de ensino.

Para reduzir os impactos para o aluno, é preciso observar o que argumenta Belloni (2001, p. 31):

Um processo de ensino e aprendizagem centrado no estudante será fundamental como princípio orientador de ações de EaD. Isto significa não apenas conhecer o melhor possível suas características socioculturais, seus conhecimentos e experiências, e suas demandas e expectativas, como integrá-las realmente na concepção de metodologias, estratégias e materiais de ensino, de modo a criar através deles as condições de auto-aprendizagem.

Nesse sentido, Belloni (2001) acentua ainda a importância de se investir em pesquisas sobre as metodologias empregadas na EaD, pois somente assim se garante resultados benéficos a médio e a longo prazo.

Belloni (2001, p. 102-103) descreve com precisão a necessidade de melhor compreensão do perfil do aprendente tendo em vista que a modalidade EaD centra-se muito mais no estudante e no seu papel como protagonista na construção do conhecimento:

Um processo educativo centrado no aluno significa não apenas a introdução de novas tecnologias na sala de aula, mas principalmente um reorganização de todo o processo de ensino de modo a promover o desenvolvimento das capacidades de auto-aprendizagem. Esta verdadeira revolução na prática pedagógica implica um conhecimento seguro da clientela: suas características socioculturais, suas necessidades e expectativas com relação àquilo que a educação pode lhe oferecer.

Os modelos instrucionais e behaviouristas privilegiam o treinamento do estudante para o desempenho de determinada atividade, sem levar em consideração a sua autonomia, capacidade de construção do conhecimento e o seu

papel do sujeito no processo de ensino/aprendizagem. Isso tem sido definitivamente alterado pela inserção da EaD como modalidade de ensino e aprendizagem reconhecida, embora coexistam modelos em que prevaleça a mera repetição dos conteúdos. Assim como no ensino presencial, também na EaD podem ser organizados ambientes de aprendizagem e verdadeira construção de conhecimento ou então podem ocorrer práticas de simples reprodução.

No que se refere à perspectiva do aprendente na EaD, Belloni (2001, p. 51) destaca dois fatores importantes:

[...] de um lado, o acesso à tecnologia é desigualmente distribuído em termos sociais e regionais em escala planetária; e, de outro, a aprendizagem mediatizada por novas TICs [Tecnologias da Informação e Comunicação] requer dos indivíduos comportamentos e habilidades diferentes tanto dos que ocorrem em situações convencionais de aprendizagem quanto daqueles ativados pelo uso destas tecnologias para o entretenimento; comportamentos e habilidades relacionados à busca e análise de informação, à pesquisa de fontes e de estudo autônomo, competências pouco desenvolvidas na população em geral, seja em razão dos baixos níveis de escolaridade, seja pela falta de qualidade do ensino.

Além do já exposto, para que se alcance um modelo viável de EaD, Belloni (2001) considera fundamental que se criem estruturas que possibilitem a interação dos estudantes com a instituição, com professores, tutores e entre eles mesmos. Especialmente no Brasil esta necessidade se faz presente, considerando que o nível de cultura geral é bastante baixo. As possibilidades de apoio presencial são, assim, essenciais, tanto para dúvidas sobre o conteúdo das disciplinas como para questões de ordem técnica. Também, nesse aspecto, pode-se perceber que a função do professor assume novas características e que, muitas vezes, exigirão dele competências até então não desenvolvidas. Por essa razão, compreender melhor qual o papel da tutoria na EaD e de que modo isto se relaciona com o docente tradicional também é significativo. Essas indagações, contudo, deverão ser analisadas em outro momento.

Um último aspecto a ser considerado sobre a EaD diz respeito à confecção dos materiais utilizados. Esta questão é discutida por Torrezzan e Behar (2013) em sua análise sobre as competências necessárias para a construção de materiais educacionais digitais baseados no *design* pedagógico. Segundo as autoras, os materiais a serem empregados na EaD não podem ser simplesmente a digitalização da sala de aula, mas devem possibilitar a construção de ambientes virtuais que

efetivamente correspondam à maneira de pensar das novas gerações, conhecidas como geração digital. A partir disso, pode-se inferir que um pesquisador com número regular de publicações em revistas científicas não é, necessariamente, um bom produtor de materiais para EaD, pois o material a ser utilizado nesta modalidade de ensino e aprendizagem diferente dos textos tradicionais. A abordagem deve ser mais dialógica, sugerir problemas e instigar o aluno a buscar a construção do conhecimento por si mesmo. Em decorrência disso, igualmente a EaD produz uma crise e insegurança no modelo tradicional de educação e, especialmente, no professor tradicional não familiarizado com as novas formas de educação em desenvolvimento.

Desde março de 2013, a Universidade Alto Vale do Rio do Peixe adotou a modalidade mista de educação, sendo que algumas disciplinas dos cursos de graduação passaram a ser oferecidas na modalidade EaD. A partir dessa situação, a pesquisa aqui exposta apresenta os resultados parciais de um questionário aplicado aos estudantes que realizaram atividades na modalidade EaD na UNIARP no primeiro semestre de 2013. Houve uma baixa adesão dos estudantes às atividades propostas e, conseqüentemente, um alto índice de reprovações.

METODOLOGIA

A metodologia empregada na presente investigação consiste em análise bibliográfica e aplicação de questionários. Para a análise bibliográfica, buscaram-se publicações na área de EaD que continham reflexões pertinentes ao tema de pesquisa proposto. Dois tipos de obras foram contemplados: livros e artigos científicos. Os artigos científicos sobre a temática proposta foram obtidos em periódicos dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, disponíveis no portal de periódicos da Capes (<http://periodicos.capes.gov.br/>).

A amostra para a pesquisa foi composta de todos os estudantes que realizaram disciplinas na modalidade EaD na UNIARP no primeiro semestre de 2013, totalizando 923 (novecentos e vinte e três) sujeitos. Cada um respondeu a um questionário de 21 (vinte e uma) questões, distribuídas em três blocos temáticos: a) questões gerais sobre tecnologias usadas na EaD; b) questões sobre competências mais comuns para estudar a distância; e c) questões sobre as disciplinas em EaD da

UNIARP. A presente análise contempla somente os blocos temáticos a e b.

Os estudantes dos cursos de graduação da UNIARP são provenientes de diversos municípios da região meio oeste de Santa Catarina, abrangidos pela UNIARP. Um levantamento posterior com a incorporação de dados obtidos pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) da UNIARP poderá explicitar estas informações.

Os resultados dos questionários estão sendo tabulados em planilha do software Microsoft Excel 2010, a partir do qual fez-se a geração dos gráficos apresentados nos resultados da pesquisa. A análise dos dados apresentados é qualitativa e não estatística.

Antes da implementação, o presente projeto de pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Uniarp sob protocolo 13307713.2.0000.5593.

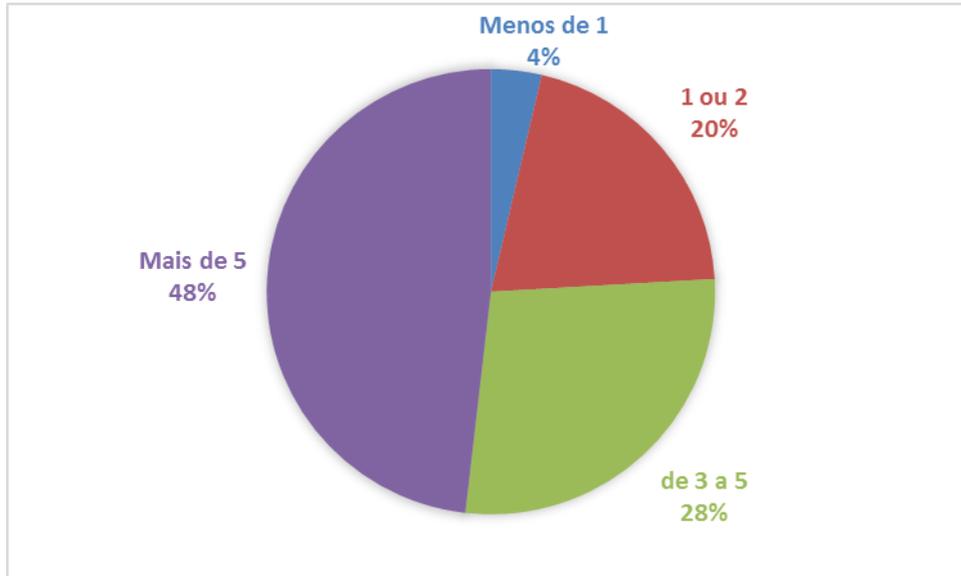
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados a seguir são preliminares, considerando que apenas 138 (cento e trinta e oito) de um total de 923 (novecentos e vinte e três) questionários foram tabulados. A partir desses dados, foram tecidas as seguintes considerações. O ponto de partida que resultou na pesquisa aqui apresentada foi a baixa adesão dos acadêmicos às atividades propostas nas disciplinas na modalidade EaD, tais como participação em fóruns de discussão, chat e acesso a materiais interativos, resultando em alto índice de reprovações nas primeiras atividades realizadas.

Quanto ao primeiro bloco temático, referente às questões gerais sobre tecnologias usadas na EaD, os resultados até agora levantados permitem concluir que a maioria dos alunos possui conta de email, sendo que somente 1 (um) dos 138 (cento e trinta e oito) questionário respondidos afirmou não dispor do recurso. A quantidade semanal de acessos ao email também é expressiva, considerando que 48% dos acadêmicos afirmam acessar o email mais de 5 vezes por semana. 28% deles acessam o email entre 3 e 5 vezes por semana. Portanto, a comunicação por email atingiu um número muito significativo de alunos, partindo-se do pressuposto

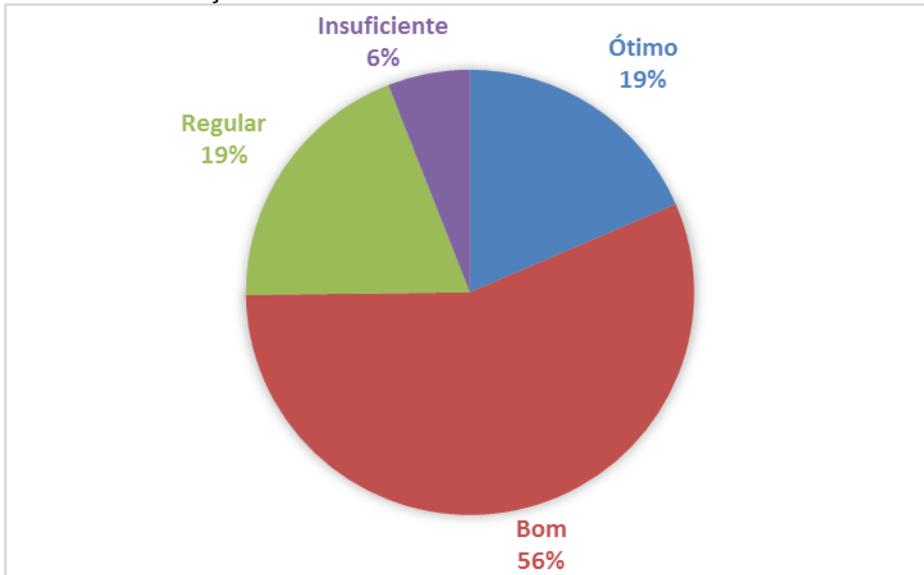
de que o acesso à caixa de email é sinônimo de leitura das mensagens recebidas. Como este meio de comunicação foi o mais utilizado pelos docentes tutores, pode-se inferir que a baixa adesão dos alunos às atividades proposta não se deveu à falta de informação.

Gráfico 1: Número semanal de acessos ao email.



Fonte: dados da pesquisa.

Outra possibilidade cogitada que justificasse a baixa adesão dos alunos às atividades propostas nas disciplinas oferecidas a distância pela UNIARP no primeiro semestre de 2013 era a de que os estudantes não dispunham de condições de acesso à internet. Nesse sentido, o questionário continha questões referentes à posse de computador ou notebook próprios, condições de tais equipamentos na percepção dos usuários e acesso residencial à internet. O senso comum defendia a ideia de que, na região meio oeste do estado de Santa Catarina, as condições de acesso a bens como computador e, principalmente, acesso à internet eram muito limitadas entre os estudantes, o que tornaria muito limitado o emprego da modalidade de EaD nessa região. Contudo, os dados da pesquisa até o momento evidenciam que não é exatamente esse o caso.

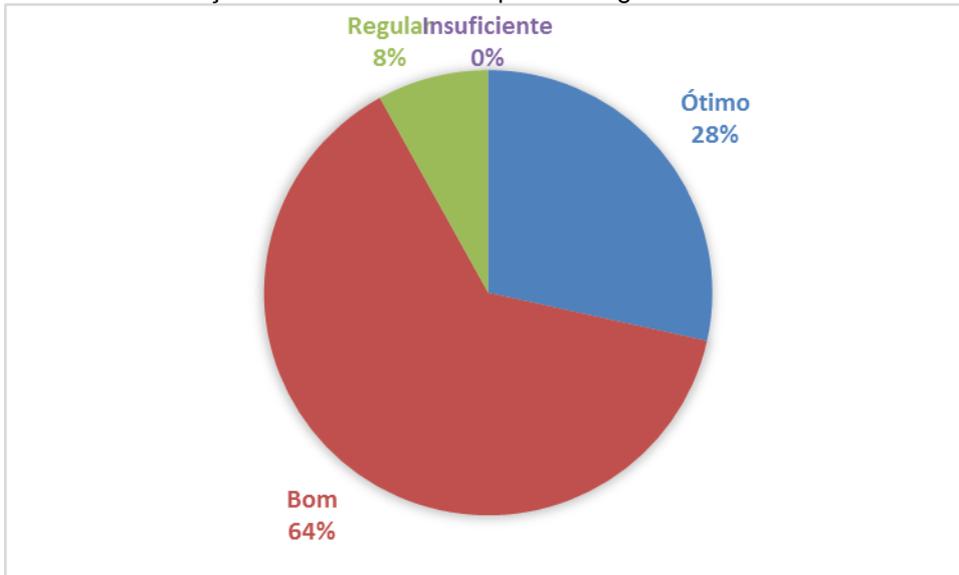
Gráfico 2: Avaliação do acesso residencial à internet

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme o gráfico 2, 94% dos estudantes tem acesso residencial à internet e 75% deles considera este acesso bom ou ótimo. Os 6% de indivíduos que consideram a qualidade da internet insuficiente são os mesmos que afirmaram não ter acesso residencial à internet, o que no montante de dados tabulados corresponde a 8 indivíduos. Sendo assim, possibilidades de acesso à internet também não representam impedimento para uma maior adesão às atividades de disciplinas a distância. De qualquer forma, considerando que há indivíduos que não possuem acesso residencial à internet, a instituição disponibilizou equipamentos para que tais estudantes pudessem realizar as suas atividades.

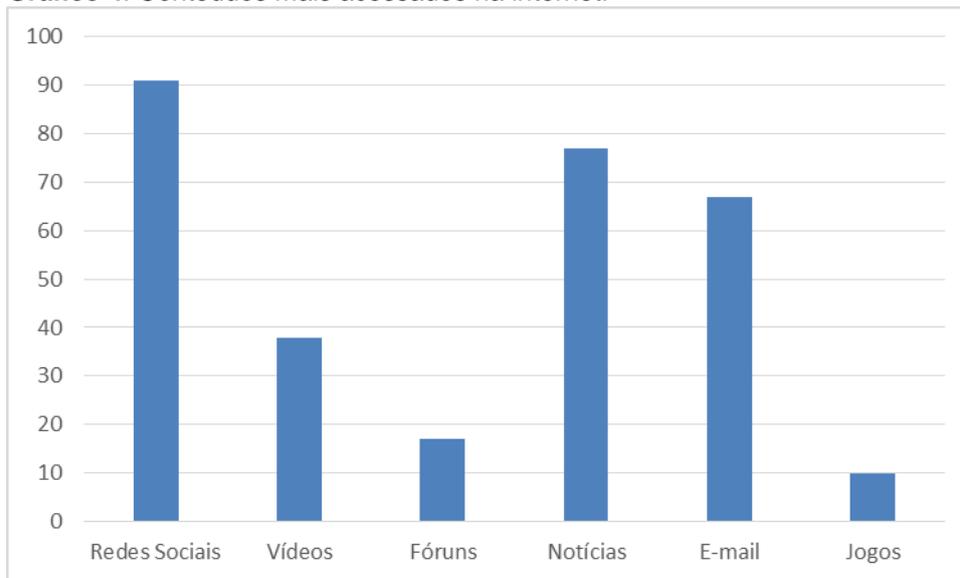
Quanto ao segundo bloco temático do questionário, que dizia respeito às questões sobre competências mais comuns para estudar a distância, foram propostas seis questões indagando sobre conhecimentos gerais em informática e conteúdos mais acessados na internet. A percepção dos sujeitos da pesquisa quanto aos conhecimentos gerais sobre informática e uso do processador de texto Microsoft Word são equivalentes. Entre 17% e 18% consideram os seus conhecimentos ótimos e entre 65% e 67% dos indivíduos avaliaram os seus conhecimentos como bons. 15% deles afirmaram que seus conhecimentos são regulares e apenas 2% afirmaram ter conhecimentos insuficientes. Entretanto, quando perguntou-se sobre os conhecimentos para navegar na internet, houve uma ligeira alteração desses percentuais, conforme apresentado no gráfico 3.

Gráfico 3: Avaliação dos conhecimentos para navegar na internet.



Fonte: Dados da pesquisa.

Todos os indivíduos afirmaram ter conhecimentos para navegar na internet, que variaram entre regulares (8%), bons (64%) e ótimos (28%). Pode-se concluir, a partir disso, que os conhecimentos dos estudantes quanto à informática estão mais voltados para o uso da internet do que para outras ferramentas como processadores de texto. A partir disso, indagou-se também pelos tipos de conteúdo mais buscados na internet. Nessa questão, os participantes tinham a opção de múltipla escolha. O gráfico 4 permite identificar os conteúdos mais acessados na internet pelos participantes da pesquisa.

Gráfico 4: Conteúdos mais acessados na internet.

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme o gráfico permite visualizar, a internet é mais usada pelos participantes para acessar redes sociais (91 marcações), notícias (77 marcações) e Email (67 marcações). Conteúdos relacionados a fóruns foram assinalados somente por 17 indivíduos. Assim sendo, os resultados parciais da pesquisa permitem concluir que a baixa adesão dos estudantes nas atividades propostas nas disciplinas na modalidade EaD da UNIARP no primeiro semestre de 2013 está relacionada possivelmente à forma de apresentação do conteúdo, pois privilegiou-se a leitura de apostilas, acesso a conteúdo animado e interativo, mas semelhante a vídeo, e participação em fóruns. Essa constatação condiz com a afirmação de Belloni (2001), segundo a qual os modelos de EaD tendem a concentrar-se nos processos de ensino e menos nos processos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da presente pesquisa computados até o momento permitem concluir que o pressuposto de que muitos estudantes não teriam acesso aos recursos necessários para a execução de atividades na modalidade EaD não é verdadeiro. Os participantes da pesquisa demonstraram ter acesso a computadores e internet, bem como conhecimento e as competências para a realização de atividades relacionadas. O conhecimento sobre o uso de computadores para acesso à internet, que é o meio principal para o desenvolvimento das atividade na

modalidade EaD, aliás, foi bem mais expressivo do que o uso de outros recursos computacionais, tais como processador de textos.

Além disso, os resultados parciais permitem inferir que é preciso um constante esforço institucional no sentido de aproximar a educação oferecida às necessidades e hábitos dos aprendentes. Portanto, conforme afirma a literatura (BELLONI, 2001), é preciso superar a tendência de concentrar a educação nas práticas de ensino e privilegiar também as práticas de aprendizagem. Nesse sentido, considerando que um percentual muito expressivo de sujeitos utilizam a internet para acessar redes sociais, será preciso adequar os ambientes virtuais de aprendizagem ao conceito de rede social e às práticas de interação que ali ocorrem.

Questões como capacidade pessoal de gestão do tempo e hábitos de leitura não puderam ainda ser contemplados na presente exposição, mas deverão ser levados em consideração para conclusões mais expressivas. A partir dessa análise preliminar, contudo, em resposta à indagação pela baixa adesão dos estudantes às atividades propostas nas disciplinas na modalidade EaD oferecidas pela UNIARP no primeiro semestre de 2013, entende-se que ela decorre mais da dificuldade da instituição de elaborar um modelo que se aproxime da realidade do aluno do que deste de ter acesso a recursos e competências para estudar na modalidade EaD. Urge, assim, aprofundar estas reflexões para que elas possam contribuir para o desenvolvimento das práticas de ensino propostas pela instituição.

REFERÊNCIAS

BEHAR, Patricia A. Prefácio. In: BEHAR, Patricia A. (Org.). **Competências em Educação a Distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 04 out 2012.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.

DIAS, Rosilâna A.; LEITE, Lígia S. **Educação a Distância: da legislação ao pedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHNEIDER, Daysi; SILVA, Ketia K. A. de; BEHAR, Patricia A. Competências dos atores da educação a distância: professor, tutor e aluno. In: BEHAR, Patricia A. (org.). **Competências em Educação a Distância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: ESTUDO DA GEOMETRIA FRACTAL POR MEIO DAS RELAÇÕES DO MERCADO FINANCEIRO

*Mathematics Education: a Study of Fractal Geometry Through the Relations of
Financial Markets*

Fernando de Candido Pereira¹
Rivaneide Antonia de Lima²
Elcio Schuhmacher³

Recebido em: 20 set. 2012
Aceito em: 13 dez. 2013

RESUMO

Este trabalho refere-se ao estudo dos fractais por meio do comportamento do mercado financeiro de ações, descrito inicialmente como algo que varia com a mesma probabilidade de alta ou de baixa e, em seguida, conforme as relações dessas variações com a geometria fractal, ressaltando que o comportamento dos preços no mercado financeiro não segue uma regularidade descrita pela distribuição normal, mas sim pela teoria do caos. Nesse contexto, sugere-se uma abordagem de estudo da geometria fractal que utilize os saberes das relações do mercado financeiro destacando a importância da utilização de instrumentos tecnológicos, como estimulantes ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Enfatiza-se a importância da aprendizagem significativa e do trabalho interdisciplinar, pois uma única disciplina não comporta tantos saberes. Em se tratando do mercado financeiro, destacam-se condições sociais, políticas e econômicas do país, ou do mundo no estudo das oscilações e dos padrões dos preços das ações almejando-se com esse, a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Matemática. Fractal. Mercado Financeiro.

ABSTRACT

This work refers to the study of fractals, through the behavior of financial stock market, initially described as something that varies with the same probability of high or low and then as the relationship of these variations to fractal geometry, noting that the price behavior in the financial market does not follow a regularity described by the normal distribution, but by the chaos theory. In this context, we suggest an approach to the study of fractal geometry using the knowledge of the relations of the financial market highlighting the importance of using technological tools, such as stimulating

¹ Mestrando do PPGEICIM – FURB.

² Mestranda do PPGEICIM – FURB. Email: rivaneide.antonina@hotmail.com.

³ Professor do PPGEICIM da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Email: elcio@furb.br.

the development of the teaching and learning process. Emphasizes the importance of meaningful learning, and interdisciplinary work, as a single discipline does not contain so many knowledge. In terms of the financial market, we highlight social, political and economic conditions of the country, or the world in the study of oscillations and patterns of stock prices. Craving is with this, improving the quality of the teaching and learning process.

Keywords: Mathematics Education. Fractal. Financial Market.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, é perceptível a necessidade de instruir os alunos à sua inserção no campo profissional, altamente competitivo, independente da área de atuação, exigindo, assim, que o processo de ensino e aprendizagem seja de boa qualidade desde as séries iniciais do ensino fundamental. Para atingir esse objetivo, torna-se imprescindível que o ensino esteja em constante movimento, buscando novas práticas pedagógicas, que despertem o interesse dos alunos pela aprendizagem, buscando-se trabalhar os conteúdos de forma contextualizada pela qual os alunos podem correlacionar os saberes com seu cotidiano, desenvolvendo-se, assim, uma aprendizagem significativa no que tange o ensino da matemática.

Segundo Glessler, em grande parte das escolas:

a Matemática trabalhada nos sistemas acadêmicos, especialmente, na Educação Básica, é fragmentada, considerada *gélida* e vista sem sentido, ou seja, sem aplicação. Entretanto, ela está presente na sociedade moderna como uma das principais formas de resolução dos problemas da vida cotidiana. (GRESSLER, 2008, p. 18)

Na prática cotidiana, existem muitos saberes e fazeres matemáticos, números complexos (i), os fractais e a frequência de Fibonacci, como exemplos, que poderiam auxiliar em decisões e atitudes assumidas, as quais, são, por vezes, imperceptíveis aos olhos de grande parte das pessoas, principalmente dos alunos. Por intermédio disso, ressalta-se a importância de o professor mediar o processo de ensino e aprendizagem, abordando os conteúdos de forma aplicada, ou contextualizada, sempre que possível para que os alunos compreendam os sentidos desses conteúdos.

A matemática admite descrever e atuar sobre a realidade, sendo uma ciência que viabiliza o progresso da tecnologia, considerada, por muitos, como meio

à resolução de problemas, nas mais diversas áreas, seja econômica, social ou humana. A respeito, os PCNs observam que:

a Matemática faz-se presente na quantificação do real - contagem, medição de grandezas - e no desenvolvimento das técnicas de cálculo com os números e com as grandezas. No entanto, esse conhecimento vai muito além, criando sistemas abstratos, ideais, que organizam, inter-relacionam e revelam fenômenos do espaço, do movimento, das formas e dos números, associados quase sempre a fenômenos do mundo físico. (BRASIL, 1998, p.25).

Discute-se que o processo de ensino e aprendizagem da matemática se tornará mais significativo e eficiente se os conhecimentos forem abordados de forma contextualizada, levando os alunos a fazerem sua relação com seus saberes prévios, evitando levá-los a somente decorar algoritmos, processos e regras, evidenciando, assim, a necessidade de um processo de ensino e aprendizagem que estimule o aluno a pensar.

Desse modo, sugere-se uma abordagem do ensino dos fractais por meio do estudo do mercado financeiro de ações e, talvez, aplicar suas relações em sala de aula, considerando a gama de interações que envolvem as oscilações dos preços. O ensino da Geometria, em sua grande parte, se restringe ao estudo da Geometria Euclidiana, cujas formas são regulares, paralelas e perfeitas. No entanto, o mundo é irregular, as montanhas não podem ser reduzidas geometricamente a cones, as nuvens não são esferas, cubos ou qualquer outro poliedro regular. Essas aproximações das formas geométricas são válidas e necessárias dentro do ensino, mas também se fazem necessários estudos das irregularidades que se encontram em diversos cenários da natureza, em formas físicas, comportamentos de grupos, de animais ou variações em preços de ações negociadas nas bolsas de valores. Como define Gressler:

Os fractais apresentam uma forma geométrica complexa caracterizada e definida por propriedades como auto-similaridade, irregularidade (forma rugosa ou fragmentada) e uma dimensão não-inteira. Permite, dessa forma, aproximar-se das formas existenciais na natureza, como, por exemplo, a imagem dos litorais marinhos, da projeção das montanhas e das rochas, do contorno de lagos e do traçado de rios, entre outras. (GRESSLER, 2008, p. 23).

E é precisamente nas análises técnicas de gráficos referentes às oscilações dos preços das ações do mercado financeiro que pode existir uma grande oportunidade para se desenvolver abordagens de ensino e aprendizagem da

geometria fractal dentro da sala de aula, estudando, assim, certo padrão existente nas oscilações dos preços dos papéis negociados na bolsa de valores que são descritos pela geometria fractal.

Para tanto, podem-se conhecer os modelos criados, historicamente, sobre esse tipo de negociação financeira e seus respectivos funcionamentos. Com esse estudo, o aluno poderá vir a ser um conhecedor do mercado financeiro de ações. Cabe ao professor saber especular o comportamento do mercado financeiro, mostrando alguns movimentos desse para que seja possível determinar sua relação com a matemática e com a educação matemática. Podendo, assim, conhecer alguns estudos das relações entre fractais e os mercados financeiros, bem como compreender as oscilações dos preços antes vistos como regulares e, posteriormente, relacionados ao movimento caótico, e a geometria fractal.

OBJETIVOS

Buscam-se estratégias de ensino, seja no ensino básico ou superior, que facilitem a compreensão por parte dos alunos de alguns conteúdos matemáticos (números complexos, fractais, frequências, etc), bem como suas relações interdisciplinares (biologia, geografia, informática, etc.), e suas possíveis aplicações nas mais diversas áreas do conhecimento. Desenvolvendo, para isso, por meio do estudo das estruturas fractais, que, representam geometricamente as oscilações que ocorrem no mercado financeiro, análises das variações desse. Para desenvolver tais análises, os alunos conhecerão e se aproximarão de novas tecnologias como softwares, sites de internet.

Nesse sentido, pretende-se familiarizar os alunos com parte do entendimento do funcionamento do mercado financeiro e sua estrutura de análises por meio de simulações realizadas com softwares, próprios para isso, proporcionando-lhes, assim, estímulos para tornarem-se conhecedores desse. Com isso, almeja-se aumentar o nível de atenção dos estudantes referente à aprendizagem desses objetos de estudo, no caso, fractais e mercado financeiro, pois estarão trabalhando o conteúdo de forma contextualizada e, portanto, mais significativamente.

Como se pode elaborar uma abordagem para o estudo dos fractais, por meio

do funcionamento do mercado financeiro?

Quais estratégias utilizar para ensinar os alunos a operarem softwares de simulação das oscilações do mercado financeiro?

CONHECENDO O MERCADO FINANCEIRO DE AÇÕES

O Mercado Financeiro de Ações ou Mercado de Capitais é um sistema de distribuição de valores mobiliários, que proporciona liquidez aos títulos de emissão de empresas e viabiliza seu processo de capitalização. Esse é formado pelas bolsas de valores, sociedades corretoras, dentre outras instituições financeiras autorizadas. Dessa forma, cria-se um ambiente para negociações de títulos que representam o capital social das empresas ou valores tomados como empréstimos por essas sendo representados em forma de ações, bônus de subscrição e outros papéis comerciais. Essas ações e papéis podem ser negociadas por qualquer pessoa que tenha interesse em fazê-lo, desde que possua uma conta financeira para esse fim. O objetivo do investidor é obter lucro comprando as ações de uma determinada empresa quando seu valor estiver em baixa e vendê-la no momento de maior alta, pois em função de inúmeros fatores os preços sofrem grande oscilação.

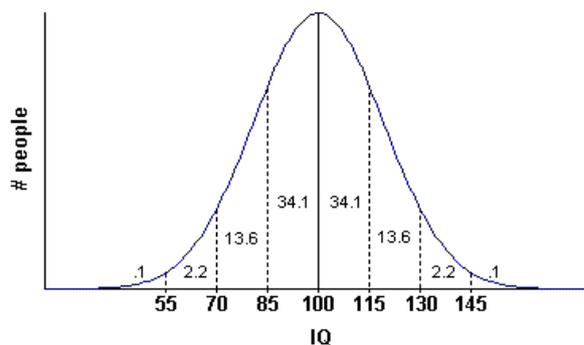
Existem várias bolsas de valores em todo o mundo com a finalidade de propiciar esses ambientes para a negociação de ações de várias empresas sendo essas importantes nas relações econômicas dos países em que estão instaladas.

Após aproximadamente uma década de estabilidade, sem quedas significativas e o mercado financeiro mantendo-se em alta, a Dow Jones cai 3,5% em uma semana, 4,4% nas três semanas seguintes, chegando a 6,8% de queda. Tudo isso em função das notícias de que a Rússia estava à beira da insolvência. Diante desse fato, todas as previsões dos analistas financeiros tornaram-se inúteis, pois se estima que a probabilidade disso ocorrer seja de uma em 20 milhões, chance minúscula.

A enorme queda de 29,2% sofrida pela Dow Jones, cuja probabilidade era de uma em 10^{50} , chance tão minúscula que não teria relevância, contudo, concretizou-se. Há mais de um século, os financistas e economistas procuram compreender os mercados de capitais, aspirando ampliarem suas margens de lucros

por meio das oscilações que ocorrem. Para isso, é necessário conhecer os riscos e quantificá-los, o que ainda está muito aquém de ser entendido dentro de uma variação até então relacionada à distribuição da curva de sino, ou curva normal. A curva de Gauss associa valores que se distribuem em relação a um valor médio, distanciando-se em sua maioria, por poucas unidades. A relação da curva de sino não descarta fatos anormais, como altas ou baixas exageradas, porém, essas incoerências tornam-se probabilisticamente insignificantes, porém devem ser consideradas, principalmente, na análise dos mercados financeiros.

Figura1: Gráfico de distribuição normal



Fonte: Dados da pesquisa

Inúmeras teorias buscam explicar as variações do mercado financeiro, dentre elas, as teorias de Bachiler, Markowitz, Sharpe, Black e Scholes, sobre as quais, não se entrará em maiores detalhes. Todas elas, muito elegantes, porém equivocadas, perduraram até parte da década de 1980 seguidas por grande parte dos analistas financeiros. Na atualidade, tais teorias ainda são ensinadas e consideradas por grande parte dos investidores dos mais diversos países.

O modelo criado por Mandelbrot, envolvendo a matemática dos fractais, desde 1960 foi pouco considerado, ganhando mais adeptos somente após as enormes quedas que acometeram os mercados financeiros como o crash de 1987 e os colapsos asiático e russo de 1997 e 1998, respectivamente. Nesse contexto, grande parte dos financistas profissionais ficou ciente de que as teorias nas quais se baseavam, apresentavam incoerências.

O MATEMÁTICO DOS FRACTAIS

O matemático Benoit Mandelbrot se dedicava ao estudo de problemas pouco

bem vistos, ou considerados, por grande parte dos matemáticos de sua época. Ele se interessava pelos diversos ramos da matemática que, por vezes, sua relevância não se apresentava à primeira vista. Suas ideias, em 1960, tornaram-se bem lúcidas e compreensíveis, durante uma palestra, ministrada em Harvard, como ocorria a distribuição de renda pela sociedade, juntamente com a relação entre ricos e pobres, entre super-ricos e muito ricos, enxergando no diagrama no quadro que essa não se relacionava com a distribuição de renda, mas sim com os oito anos de oscilações no preço do algodão.

Benoit interessou-se pela relação existente entre o gráfico de distribuição de renda e as oscilações do preço do algodão, passando a analisá-los minuciosamente, com o auxílio dos computadores que dispunha na IBM, onde trabalhara. Os analistas econômicos não enxergavam grande regularidade nas subidas e descidas dos preços, pois não se comportavam conforme a curva de Gauss, ou distribuição normal, na qual os valores oscilam, em sua grande maioria, ao redor de uma média.

Contudo, Mandelbrot compreendeu que tais variações apresentavam incrível regularidade, desde que fossem comparados em períodos diferentes, pois possuíam autossimilaridade, conservando-se distribuídas da mesma configuração em escalas diferentes. Cada variação específica do preço se comportava de maneira randômica e aleatória, mas os valores diários mantinham as mesmas variações dos valores mensais, semestrais, anuais e assim por diante. O mais impressionante é que esses valores mantiveram tal regularidade aos olhos de Mandelbrot, por mais de 60 anos.

Mandelbrot prosseguiu seus estudos, baseando-se nessa linha de pensamento e buscando compreender como tal regularidade se concretizava, não referente apenas ao preço do algodão, mas em várias outras situações. Estudou para a IBM o problema de ruídos nas transmissões, o que provocava erros nos dados enviados apresentava-se difícil de ser solucionado porque os erros não mantinham uma continuidade, apareciam de modo imprevisível. Benoit desenvolveu a descrição desses ruídos analisando-os em períodos, separando os momentos com ruídos dos sem ruídos.

Fazendo as separações em períodos cada vez menores, mostrou que dentro de um período de erros existiam mais períodos que se distribuíam da mesma forma. Matematicamente, esse fato pode ser descrito pela teoria dos conjuntos de Cantor,

em que se começa com um intervalo de números de 0 a 1, representado por um segmento de reta e elimina-se, então, um terço médio, o que resultará em dois segmentos de reta. Elimina-se um terço de cada um dos novos segmentos de reta e, assim, infinitamente, restando, no final, apenas poeiras de pontos.

Tabela 1: Interpolação segundo a teoria de Cantor



Fonte: www.im.ufrj.br

Utilizando de analogia, analisaram-se dados extraídos da variação do nível do rio Nilo e compreendeu-se que poderiam ser descritos pela mesma teoria. Mandelbrot descobria, assim, uma geometria que possibilitaria a descrição do comportamento de um relâmpago, o formato de uma nuvem, a formação dos litorais ou o agrupamento das estrelas em nossa galáxia. Fractal foi o nome selecionado para descrever tais formas naturais e artificiais da natureza. Um fractal é uma forma de comprimento infinito dentro de uma área finita, mantendo sempre sua autossimilaridade ou autossimilaridade através das escalas. Segundo Gleick:

Significa recorrência, um padrão dentro do outro padrão. Os gráficos de preços e os gráficos de rios de Mandelbrot mostravam uma auto-similaridade, não só por que produziam o detalhe em escalas cada vez menores, como também produziam os detalhes com certas medidas constantes. Formas monstruosas como a curva de Koch exibem uma auto-similaridade porque parece exatamente a mesma coisa, mesmo sob grande ampliação. A auto similaridade está na técnica de construção das curvas – a mesma transformação é repetida em escalas cada vez menores. A auto-similaridade é uma característica altamente identificável. Suas imagens estão por toda parte, na cultura: no reflexo infinitamente profundo de uma pessoa entre dois espelhos, ou na caricatura em que um peixe come um peixe menor, que come um peixe menor, etc.(GLEICK, 1990, pag. 98).

MERCADO FRACTAL

Mandelbrot criou uma nova ciência, que está mais apta a descrever e ilustrar a realidade desde o formato dos litorais até a variação caótica dos preços das ações da bolsa de valores. A geometria fractal descreve diversos fenômenos naturais que

apresentam comportamento adequado a uma dinâmica não-linear. Esse foi primeiramente apresentado por Edward Lorenz em seus estudos, os quais expuseram a sensibilidade de um sistema aberto às condições iniciais. Desenvolvendo-se, a partir daí, o estudo sobre o caos, envolvendo nesse, as mais distintas áreas da ciência.

Como os mercados financeiros apresentam comportamentos não-lineares e se encaixam nessas relações de caos, podendo ser descritos pela geometria fractal, Mandelbrot apresenta análises de gráficos de variações de preços do mercado de ações, mostrando que eles se assemelham uns aos outros, independentemente do período que se compare.

A representação gráfica semanal das variações do preço do petróleo, por exemplo, assemelha-se com a variação mensal, ou anual deste mesmo produto, não sendo diferente se comparado com um gráfico de cinco ou dez décadas, tornando-se quase impossível determinar o período de um gráfico, se não conhecê-lo, por eles apresentarem autossimilaridade.

Dessa forma, Mandelbrot se baseou nos seus estudos da matemática fractal para desenvolver sua análise das relações das variações dos preços. Para ele, o comportamento do mercado pode ser previsto, devendo-se, primeiramente, suavizar a vulnerabilidade financeira e é nesse ponto que surge a necessidade de alguns conceitos dos fractais. Os mercados financeiros são arriscados por não obedecerem a uma ordem dentro de um determinado desvio padrão ou em uma curva normal, comportando-se quase aleatoriamente, dificultando assim uma previsão confiável.

Existem inúmeros problemas que envolvem a previsão de preços, já que o próprio tempo de negociação é relativo e não acompanha o “tempo do relógio”, pois o acaso cria padrões, desorientando o mercado, os problemas ocorrem em séries, caracterizando certa “personalidade” do mercado financeiro, considerando-se que os eventos afetam o psicológico dos compradores e vendedores de ações, ocasionando a criação de novos padrões, a partir dos quais motivaram as variações, inicialmente.

Nesse contexto, Mandelbrot buscou aproximar-se das previsões dos fatos, o máximo possível, mesmo que esses não ocorram na maioria do tempo, contudo, certamente, são os mais significativos. Como a analogia exposta por Mandelbrot:

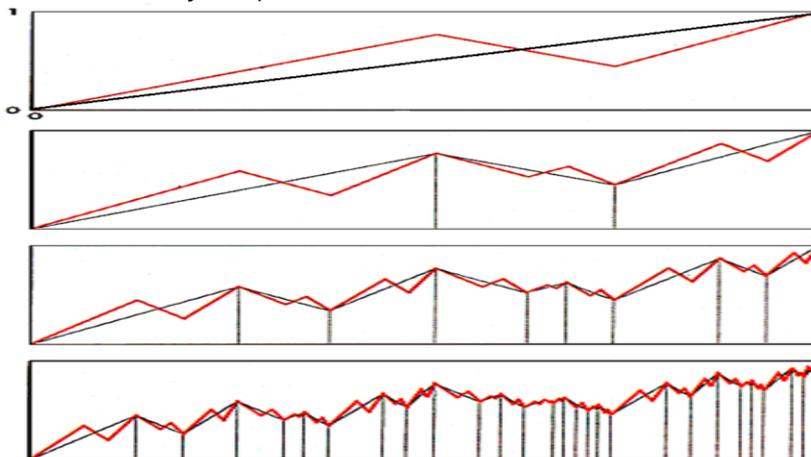
O maior perigo possibilita maior segurança. Há séculos, os construtores de navios concentram sua atenção no casco e na vela. Eles sabem que, quase sempre, o mar está calmo. Mas também sabem que tufões e furações também acontecem. Assim, projetam os navios não apenas para os 95% de dias tranquilos, mas, sobretudo para os outros 5% de dias tormentosos, em que suas habilidades realmente são testadas. (2004, p. 24).

Dessa maneira, o modelo fractal de previsão do mercado financeiro consiste em relacionar os ciclos de altas e de baixas existentes ao longo de períodos para se ter estimativas do preço futuro. O processo se inicia com um preço representado por uma linha reta de tendência. Na sequência, uma linha quebrada chamada de gerador é utilizada para criar o padrão, que corresponde ao movimento para baixo até as oscilações de cotação nos mercados financeiros.

O gerador é composto por três peças que estão inseridos ou interpolados ao longo da linha reta de tendência. Um gerador com menos de três partes não pode simular com precisão as probabilidades de um preço subir ou descer.

Após a delimitação do gerador inicial, suas três partes são interpoladas por três menores. Repetindo essas etapas, reproduz-se a forma do gerador, ou curva de preços, mas em escalas comprimidas. Tanto o eixo horizontal, quanto o vertical são espremidos para ajustar as fronteiras de cada peça do gerador.

Tabela 2: Simulação a partir do Gerador de Mandelbrot



Fonte: www.math.yale.edu

A geometria fractal é que torna possível um modelo geral, eficiente para reproduzir os padrões que caracterizam os mercados diante da calma teoria de carteiras, bem como as condições de negociações tumultuadas dos últimos meses.

O método descrito de criar um modelo fractal de preços pode ser alterado para mostrar como a atividade dos mercados acelera e desacelera de acordo com sua volatilidade.

Portanto, tem-se uma eficiente aproximação da realidade do mercado de ações, verificando-se as possíveis altas e baixas excessivas, tornando-se mais seguro o controle do capital aplicado. Tal constatação implica no fato de que um gerador fractal pode ser desenvolvido, baseando-se em dados históricos do mercado. O modelo utilizado, atualmente, o movimento browniano fracionário, além de fiscalizar o que o mercado fez nos últimos meses ou anos, representa suas flutuações com maior realidade. Os gráficos criados a partir de geradores produzidos por esse modelo podem simular cenários alternativos com base na atividade anterior do mercado.

INSERÇÃO DOS ESTUDOS NO ENSINO BÁSICO

Vive-se, em sociedade, uma cultura extremamente capitalista, a qual não está alheia aos olhos dos alunos. Atualmente, há inúmeros entraves ao desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem que desempenhe a qualidade almejada pela sociedade, seja na rede pública ou privada.

A conjuntura atual do ensino não é nada animadora, contudo, observa-se que os instrumentos tecnológicos são fontes inesgotáveis de estímulos aos educandos, sendo que esses permanecem sob forma de encanto diante de um computador, por exemplo. Aliado a isso, no que tange à educação matemática, tem-se o conhecimento dos fractais, que apresenta grande beleza e relevância no estudo das variações das relações do comportamento do mercado financeiro. A partir desse quadro, sugere-se uma abordagem do ensino de matemática que envolva a utilização de computadores, levando os estudantes a operarem alguns softwares para estudarem o comportamento da bolsa de ações, por meio de representações gráficas.

Há ciência entre os educadores da complexidade que envolve o processo de ensino e aprendizagem da matemática. Vem de longa data a percepção da necessidade de se desenvolver abordagens, estratégias, e metodologias, que despertem o interesse dos educandos pelo conhecimento. Para tanto, essa deve ser

estudada de forma contextualizada, evidenciando significados reais e não somente abstrações, as quais são de extrema importância aos saberes, porém, não autossuficientes.

O conhecimento da geometria dos fractais pode ser um estudo estimulante, aos olhos dos alunos se for desenvolvido, também, para compreender o funcionamento do mercado financeiro, pois esse é interessante por se tratar de possibilidades para “ganhar dinheiro”. Para se estudar tal saber, reflete-se acerca do planejamento de abordagens e como aplicá-las, adequadamente, em cada série, ponderando-se a respeito da elaboração de estratégias e metodologias apropriadas ao processo de ensino e aprendizagem.

Por meio da educação matemática, o aluno desenvolve habilidades para estabelecer relações, justificar, analisar e criar, sendo essas importantes para a sua formação cidadã, tornando-o, consciente de seu papel na sociedade. A respeito, a Proposta Curricular de Santa Catarina ressalta que:

Nesta concepção, a Matemática, sob uma visão histórico-crítica, não pode ser concebida como um saber pronto e acabado, ou um conjunto de técnicas e algoritmos, tal como concebe o ensino tradicional e tecnicista. Pelo contrário, a Matemática deve ser entendida como um conhecimento vivo, dinâmico, produzido historicamente nas diferentes sociedades, sistematizado e organizado com linguagem simbólica própria em algumas culturas, atendendo às necessidades concretas da humanidade. (PC-SC,1998, p.99).

As aplicações no mercado financeiro não são lucrativas, somente para quem tem muito dinheiro, mas qualquer pessoa pode investir a quantia que puder na empresa que desejar. Sugere-se que, no desenvolvimento do estudo dos fractais, por meio do entendimento do mercado financeiro, juntamente com o aluno, trabalhe-se de forma interdisciplinar (Geografia, Biologia, etc), acarretando em benefícios não apenas para uma formação técnica, mas também cultural.

Os PCNs consideram que a matemática é a ciência do saber historicamente construído, sendo que esse provoca inferências na sociedade de forma a interpretá-la e transformá-la por meio da interação com outros ramos do saber ou na conjuntura da própria matemática.

Para que ocorram as inserções dos cidadãos no mundo do trabalho, no mundo das relações sociais e no mundo da cultura e para que desenvolvam a crítica diante das questões sociais, é importante que a Matemática desempenhe, no currículo, equilibrada e indissociavelmente, seu papel na

formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento, na agilização do raciocínio do aluno, na sua aplicação a problemas, situações da vida cotidiana e atividades do mundo do trabalho e no apoio à construção de conhecimentos em outras áreas curriculares. (BRASIL, 1998, p.28).

METODOLOGIA.

A abordagem inicia-se com o estudo dos conceitos de matemática aplicada, como exemplo, a sequência de Fibonacci, frequentemente utilizada para localizar suportes e resistências nos preços das ações do mercado financeiro.

Em seguida, pretende-se ensinar os alunos a operarem softwares que realizam simulações de oscilações de preços das ações as quais serão apresentadas em forma de gráficos.

A sequência de Fibonacci resulta da soma dos dois números anteriores e a razão entre eles é próxima de 62% ou 0,61803, o inverso será sempre próximo de 1,618, sendo que a divisão pelo segundo número posterior resulta em uma razão de aproximadamente 38%. É nessas relações que acontecem as correções dos preços das ações, pois eles seguem uma tendência de alta ou de baixa chamada, a qual sofre uma correção ou reversão em determinado ponto como se vê no gráfico a seguir:

Figura 2: Simulação de tendência de uma ação negociada na bolsa de valores



Fonte: www.bmfbovespa.com.br

Por meio do estudo dos gráficos, o entendimento da formação dos fractais se iniciará, o que, possivelmente estimulará nos alunos o interesse pela aprendizagem do objeto de estudo, pois, geralmente, esses gostam de trabalhar

com computadores. É preciso que se desenvolva um aparato de instrumentos matemáticos, juntamente com suas relações, para viabilizar a previsão dos preços. Desenvolvendo, juntamente com os alunos, a análise do estudo realizado, verificando, assim, se houve a aprendizagem por parte dos mesmos. O professor precisa avaliar sua estratégia de ensino para possíveis modificações se necessário.

Ao proporem-se aos alunos momentos de análises de estudos realizados, estar-se-á estimulando-os a refletirem e, desenvolverem o seu senso crítico. Sobre isso, Lipman enfatiza:

Não há nenhum truque mágico graças ao qual algumas crianças incapazes de refletir se transformem, ao se tornarem adultas, em cidadãos que pensem. Os meios têm que ser consistentes com os fins ou, como afirmou Kant, quem quer o fim quer os meios. Se queremos adultos que pensem, devemos educar crianças que pensem. (LIPMAN, 1987, p.7).

No desenvolvimento dessa metodologia, será necessário que o aluno aprenda a operar softwares, como o usado para gerar o gráfico anterior, o que lhe dará um básico conhecimento de computação. O aluno também exercitará a habilidade de interpretação, buscando diferenciar os tipos de gráficos, e suas variações, de modo a entender qual a relação entre grandes períodos de oscilações dos preços. Referindo-se ao uso da internet, sugere-se que os alunos sejam estimulados a consultar sites que publiquem notícias online confiáveis, do mercado financeiro e, também, político, levando-os a perceber que a função da internet vai muito além de apenas comportar sites de relacionamento.

Essa atualização dos fatos que ocorre em todo mundo, molda, sem sombra de dúvida, um indivíduo bem informado nas áreas da política, da economia, do meio ambiente, da sociologia e de tantas outras pertinentes à formação de um cidadão crítico. Desse modo, essa sugestão de estratégia de ensinoda matemática dos fractais, por meio do estudo do mercado financeiro, intenciona, também, corroborar o cumprimento de uma das funções da escola: auxiliar os alunos no desenvolvimento de seu senso crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de vivência na sociedade atual não difere muito das anteriores. O capital e, conseqüentemente, o consumismo ditam as regras de convivência entre os

indivíduos, os quais, por vezes, não conseguem se adaptar às normas vigentes, tornando-se, eventualmente, excluídos do meio social. Tal sociedade é caracterizada pela era da inovação tecnológica, a qual está em constante aprimoramento, por meio do desenvolvimento da ciência.

Diante desse contexto, enquanto educadores, tem-se o dever de repensar a postura em sala de aula referente ao planejamento e desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, refletindo, também, a respeito da função da escola ante os alunos. Desse modo, é designada à escola a incumbência de desenvolver nos alunos a aprendizagem, nas mais diversas áreas do conhecimento. Contudo, essa tarefa não tem sido realizada com a qualidade almejada, devido a inúmeros fatores. Um fator determinante para o atual quadro do processo de ensino e aprendizagem, seja na rede pública, ou privada, tem sido a falta de interesse dos alunos pela busca do conhecimento científico. O professor compete pela atenção dos alunos com um vasto mundo tecnológico (celular, computador: redes sociais, jogos, etc), o qual, dependendo da escola, pode vir a ser utilizado como instrumento para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Subentende-se que a responsabilidade de despertar o interesse dos alunos por tal processo é do professor, cabendo a esse, a busca de meios e práticas pedagógicas que lhe auxiliem no desempenho dessa função.

Compreende-se que o estudo dos fractais, por si só, já é estimulante, porém, se utilizarem as relações do funcionamento do mercado financeiro para tal, tornar-se-á mais interessante aos olhos dos alunos, principalmente, porque esses farão simulações do comportamento das ações, utilizando softwares computacionais.

Os alunos, por meio do estudo da formação dos fractais, podem compreender e identificar as regularidades que permeiam o funcionamento do mercado financeiro a partir das suas autossimilaridades, entendendo que a aplicação em ações independente da empresa, pode ser efetuada, por um indivíduo, seja qual for o seu poder aquisitivo, pois se pode aplicar qualquer valor em ações.

A consequência direta desse estudo será que, os alunos aprenderão de maneira significativa alguns conteúdos matemáticos (fractais, frequência de Fibonacci, etc), por meio da compreensão do funcionamento do mercado financeiro.

REFERÊNCIAS

BASS, T. A. **Os profetas de Wall Street**: como um grupo de físicos ousados usou a Teoria do Caos para fazer fortunas. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GLEICK, J. **Caos**: a criação de uma nova ciência. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

GRESSLER, Márcia Denise. **Construindo uma Percepção Complexa da Realidade a partir do Estudo dos Fractais**. Porto Alegre, 2008. 150 f.

LIPMAN, M. "La utilidad de La filosofia en La educación de La juventud". **Revista de Filosofía y de Didáctica de La Filosofía**, III, 3, 1987.

MANDELBROT, B. **Mercados financeiros fora de controle**: a teoria do caos explicando o comportamento dos mercados. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MATSURA, E. **Comprar ou vender?**: como investir na bolsa utilizando análise gráfica. 4. ed. São Paulo : Saraiva, 2006.

MOREIRA, M. A; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Centeuro, 2006.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

STEWART, I. **Será que Deus joga dados?**: a nova matemática do caos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

**PRESENÇA DOS PRONOMES PESSOAIS TU / VOCÊ E NÓS / A GENTE NA
NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL NOS INDIVÍDUOS DA CIDADE DE
CAÇADOR – SANTA CATARINA.**

*Presence of Personal Pronouns tu/ voce and nos/ a gente in the Personal Narrative
Experience of Citizens from the City of Caçador -Santa Catarina*

Gloria Elizabeth Riveros Fuentes Strapasson¹
Izete Lehmkuhl Coelho²

Recebido em: 01 dez. 2013
Aceito em: 13 dez. 2013

RESUMO

Fenômenos como a mudança e variação são inerentes às línguas vivas, acontecem conforme as transformações que as sociedades sofrem. Destacam-se as pesquisas realizadas por Guimarães (1979), Abreu (1987), Ramos (1989), Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), Menon (2000), entre outros estudos referentes ao uso pronominal no Brasil e que servirão de base para o desenvolvimento das observações a serem realizadas neste trabalho. Pretende-se analisar de perto as características que condicionam o uso pronominal das formas novas – você e a gente – em co-ocorrência às formas tu e nós, respectivamente, nos indivíduos moradores da cidade de Caçador, localizada no Meio-Oeste do Estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: Mudança. Variação. Uso Pronominal. Comunidade do Meio-Oeste Catarinense.

ABSTRACT

Phenomena such as removal and variation are inherent in living languages; they are expected to happen due to the transformations societies suffer. Research into pronominal use in Brazil by Guimarães, Guimarães (1979), Abreu (1987), Ramos (1989), Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), Menon (2000), among other authors, are taken into account in this study so as to base the observations to be

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Universidad del Mar- Chile, pós-graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, graduada em Letras Espanhol- Português e respectivas Literaturas, graduada em Pedagogia em Francês pela Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación- UMCE- Chile. Professora de Língua Espanhola do curso de Letras Trilíngue da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe- UNIARP. E-mail: gloriastrapasson@gmail.com

² Licenciada em Letras-Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (1979), Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988) e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Atuou como orientadora desta pesquisa.

developed in this paper. It is intended to analyze the characteristics which play an important part in the pronominal use of the new forms - *você* and *a gente*- in co-occurrence with the forms *tu* and *nós*, respectively, in the citizens of the city of Caçador, located in the Middle-West state of Santa Catarina.

Keywords: Removal. Variation. Prenominal use. Middle-West Catarinense community.

INTRODUÇÃO

A sociolinguística surge com a necessidade de compreender como a língua atua no âmbito social, assim como, da sua variação e transformação através do tempo. Dessa forma, seu propósito é analisá-la e observá-la como um sistema heterogêneo plausível de mudanças e transformações. Segundo Bagno (2007, p. 36) a língua “[...] Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído”.

A ideia do inacabado é resultado da intensa atividade social da língua realizada pelos seus usuários nos mais diversos contextos, trazendo consigo modificações que se apresentam como uma realidade, como um “estado natural das línguas” (BAGNO, 2007).

A VARIAÇÃO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL

O contexto e a relação existente entre os falantes constituem-se em fatores determinantes na variação pronominal do português do Brasil. Constata-se no território nacional, de maneira geral, a coexistência dos pronomes *tu* e *você*, assim como, *nós* e *a gente* como elementos linguísticos alternativos de uso pronominal.

Sendo assim, o interesse pelo fenômeno da mudança/variação convida a querer observar alguns fenômenos relacionados ao uso de pronomes pessoais entre informantes da cidade de Caçador, localizada no meio-oeste catarinense. Essa pesquisa objetiva responder a questões como:

a) quais são as influências linguísticas recebidas na composição da comunidade caçadoreense;

b) tendo em vista o fator histórico, como se estabelece a tendência de uso

de pronomes pessoais de segunda pessoa do singular (*tu/ você*) e primeira pessoa do plural (*nós/a gente*)? ; e

c) quais são os fatores de ordem interna e externa que condicionam o uso dos pronomes *você* e *a gente*, em contraposição ao uso de *tu* e *nós*, respectivamente?

Ao observar os falantes dentro do seu desempenho oral se constata algumas variáveis que atuam dinamicamente e que, por sua vez, representam para esses indivíduos peças portadoras de valores semânticos ou referenciais particulares. O estudo se sustenta sob a hipótese geral de que os pronomes pessoais *você* e *a gente* se apresentam na fala espontânea, informal e íntima. Isso justifica-se a partir de dados cientificamente comprovados, que indicam que o uso do pronome *tu* tende a aparecer na fala dos indivíduos na medida em que desejam refinar o trato informal com seus interlocutores, enquanto o pronome *você* se manifesta em situações de fala ou de tratamento menos íntimo entre indivíduos que compartilham experiências de ordem cotidianas. Quanto ao uso da primeira pessoa do plural, acredita-se que o pronome pessoal *a gente* aparece em falas de índole informal, já o pronome pessoal *nós* atua em momentos mais monitorados da fala.

Para a coleta empírica, analisaram-se dados de informantes da comunidade da Cidade de Caçador-SC. Historicamente, essa comunidade recebeu a chegada de imigrantes vindos de todas as partes do Brasil, além de imigrantes italianos, alemães e de outras etnias. Atualmente, a cidade de Caçador com 79 anos de existência destaca-se pela produção agropecuária, industrial, comercial e de serviços.

Este estudo pretende detectar como informantes nascidos nesta cidade determinam o uso de alguns pronomes pessoais em sua fala através da narrativa de experiência pessoal. Dessa maneira, objetivam-se obter registros que caracterizem os elementos coexistentes e presentes no desempenho oral desta comunidade, em especial.

Dentre os objetivos específicos estabelecidos para a pesquisa se consideram como primordiais:

a) descrever os principais pronomes pessoais coexistentes e utilizados pela comunidade da cidade de Caçador-SC mediante a narrativa de experiência pessoal;

b) observar a incidência dos pronomes *a gente* e *ocê* no desempenho oral da mesma comunidade, bem como a frequência de uso dos pronomes concorrentes *nós* e *tu*, respectivamente;

c) investigar quais são os fatores (internos e externos) que condicionam o uso dos pronomes novos (*a gente* e *ocê*) na comunidade de fala investigada.

Este artigo está estruturado em quatro partes. Na primeira, tratar-se-á das questões e dos objetivos relacionados às observações linguísticas da fala dos moradores da cidade de Caçador-SC, sobre o fenômeno da mudança e a variação, fazendo referência aos grandes representantes que aportaram importantes contribuições da pesquisa sociolinguística.

Na segunda, observam-se as pesquisas já realizadas no Brasil sobre o uso pronominal e das quais se configura o mapa relativo à pronominalização no território nacional, estudos que servirão de base para o desenvolvimento deste trabalho.

A terceira trata das linhas diretrizes ou procedimentos metodológicos adotados para a coleta, descrição e análise dos dados.

A quarta parte aponta para os resultados e discussão dos dados coletados através das entrevistas aplicadas entre os moradores da cidade já citada anteriormente, fazendo o cruzamento das informações de estudos anteriormente realizados, levando em conta fatores de natureza social e linguística.

Por último, tecem-se as considerações finais. A partir da simples observação, deseja-se confirmar ou não a tendência nacional sobre um assunto que interessa às pesquisas sociolinguísticas, a variação pronominal, deixando a possibilidade para a realização de futuras e novas observações sobre a comunidade caçadoreense, objeto deste estudo.

A VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Os indivíduos componentes de uma sociedade determinada compartilham através da língua(gem) uma série de experiências. Os papéis sociais, econômicos, assim como a idade, o sexo e grupo social aos quais os indivíduos pertencem promovem uma série de movimentos que trazem, por conseguinte, uma série de variações/ mudanças no vernáculo, quer dizer, na fala em contextos reais de uso

não monitorado.

A LÍNGUA, A VARIAÇÃO E A MUDANÇA

No conceito de Sapir (1969, p. 33), a língua é uma condição nada mais que humana pela qualidade racional que se lhe outorga, da mesma forma, ela é ferramenta fundamental nas relações sociais. Cada grupo social a utiliza diferentemente segundo o contexto ao qual se enfrenta, empregando uma linguagem mais formal em situações onde há relações de poder ou desconhecimento do outro, ou da maneira informal cuja situação revela uma relação mais íntima entre os indivíduos sejam esses familiares, amigos ou colegas de trabalho. Dessa forma, à língua se lhe atribui o caráter de instrumento pelo qual se é capaz de nos manifestar, assim como, compreender o entorno.

A mudança se estabelece como uma característica própria da língua, isto é, como resultado das modificações que as estruturas sociais apresentam com o decorrer do tempo, modificações essas que a própria comunidade realiza a partir das novas necessidades de expressar e , que a partir de um acordo comum, se estabelecem e perpetuam. Segundo Monteiro (2000, p.109), “[...] a mudança linguística parece acompanhar de perto a evolução da própria sociedade”.

Os estudos que observam a mudança, como característica inerente e natural entre as línguas vivas, indicam a coexistência no seu interior de formas que possuem um mesmo significado ou valor de verdade, chamadas de variantes linguísticas, que podem estar presentes em um fonema, um signo, um pronome, etc. O conjunto de duas ou mais variantes é conhecido como variável linguística e está sujeito a valores de ordem geográfico ou social³.

Segundo Labov (1972), as pessoas integrantes de um grupo ou de uma cidade não se expressam da mesma forma, pois variáveis como classe social, idade, gênero e escolaridade influenciam o uso das variantes existentes nesse grupo.

Na teoria laboviana, as avaliações positivas que uma comunidade realiza sobre as variantes presentes na língua é um fator fundamental para que os

³ As variáveis geográficas correspondem a diferenças de ordem fonética ou lexical encontrados num mesmo território, tanto que as variáveis sociais estão associadas a diferenças que se apresentam de maneira que formas possam assumir um valor discriminatório.

indivíduos as assumam como possibilidades plausíveis e possíveis. Por outra parte, é importante lembrar que as variantes dentro do seu processo avaliativo criam, inevitavelmente, conflitos com a norma. (LABOV, 1972)

Tradicionalmente, a língua foi observada e tratada como um sistema homogêneo. Assim, após observações realizadas por Labov (1972), o conceito de heterogeneidade se estabelece no conceito de língua, determinando os fatores de ordem social e estilístico como primordiais para a instalação de mudanças na comunidade de fala que se instalam através do tempo e o espaço e que, igualmente, responde a alternâncias sujeitas à regras muito claras.

Um dos postulados básicos da Sociolinguística é o de que a variação não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores. [...] A sociolinguística trabalha com o conceito de heterogeneidade ordenada. (BAGNO, 2006, p. 40).

As variantes presentes na língua podem ser perfeitamente identificadas pelos falantes-usuários, que, determinados pelos contextos, selecionam as formas adequadas a cada situação de forma consciente, escolhas determinadas pelas regras variáveis existentes na língua, isso, como resultado do conhecimento intrínseco que o falante possui da sua própria língua. Para WLH (1968) há cinco fatores, que de maneira conjunta, determinam a mudança e a consolidação de uma variante específica: i) os condicionadores, isto é, se a mudança está sujeita a fatores de ordem interna (linguístico) e externa (social); ii) o processo de transição, quando a mudança é transmitida de um momento a outro, de uma pessoa a outra ou de um lugar a outro; iii) o encaixamento da variante no sistema, quando a mudança leva a outras mudanças que leva a outras e assim sucessivamente; iv) os aspectos causadores da mudança para sua implementação; v) a avaliação que determinará se a(s) nova(s) possibilidade(s) é/ são efetiva(s) e eficiente(s) no ato comunicativo.

Para Labov (1972), a mudança passa primeiramente e necessariamente por um período de transição. As transformações que a língua possa apresentar são promovidas pelos indivíduos que adotam e usam essas novas formas de dizer. Em outras palavras, a mudança se sustenta num processo de propagação promovido pela própria comunidade de fala, disso supõe-se um processo de avaliação que se constitui em um estágio fundamental para a implementação do novo, sendo a

responsável pelo valor que a própria comunidade lhe outorga. Isto pressupõe, sem dúvida, um grau de comportamento social em relação ao nível de consciência ou inconsciência que ela tem frente ao novo, vale dizer, o grau de estigma ou preconceito que a variante sofre entre os sujeitos da comunidade de fala.

As funções ou papéis desempenhados pelos falantes constituem, de igual maneira, um rol importante no desenvolvimento da mudança classificados sob o caráter social (relações de poder) ou estilístico⁴ (situações de contexto) que determinarão o grau de monitoramento da sua fala.

A relação entre língua e identidade é responsável pelo uso de certas variantes linguísticas que envolveria graus de consciência (ou inconsciência) na escolha de elementos linguísticos que os indivíduos aplicariam nas suas práticas comunicativas com o propósito de torná-las mais eficientes e efetivas.

A GRAMATICALIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DOS PRONOMES “VOCÊ E “A GENTE”

Zilles, ao citar Meillet (1912), diz que a gramaticalização é um processo de mudança linguística na qual alguns itens assumem uma função gramatical, sendo esses de ordem substantiva, verbal, adjetiva ou adverbial. A mudança é determinada de maneira contínua e progressiva envolvendo subsistemas linguísticos relacionados (ZILLES, 2007, p.28), aspecto que se apresenta como primeira característica do processo de gramaticalização, como exemplo plausível no português brasileiro, a gramaticalização dos pronomes pessoais *você* e *a gente* comprometeu o sistema de concordância verbal.

Zilles (2007), ao citar Faraco (1996), indica que o pronome *você* “contribui para a redução do paradigma de desinências verbais, justamente por originar-se de um sintagma nominal (*Vossa Mercê / Vossas Mercês*) e associar-se aos verbos na 3ª pessoa do singular” (p.28). Da mesma forma, o pronome *tu*, por fatores de ordem contextual e geográficos, apresenta desinências variáveis no português brasileiro (PB).

⁴ Labov (1972) classifica as mudanças como vindas de baixo provenientes de um processo inconsciente de implementação da(s) variante(s) e as mudanças vindas de cima entendidas como um processo consciente proveniente de classes sociais de prestígio.

Uma segunda característica desse fenômeno é a unidirecionalidade que está relacionada ao encaminhamento que um elemento realiza para sua gramaticalização que, segundo Zilles, se refere ao “continuum” no curso das transformações e que se representariam da seguinte forma (p. 29) “Palavra lexical – palavra gramatical – clítico – afixo – zero”.

A esse esquema de continuum, apresentado por Zilles (2007), estão ligados diversos processos de caráter “fonético, morfossintático, semântico e pragmáticos” (p. 29) que obedecem a quatro mecanismos: a) dessemantização (perda de valor semântico); b) extensão (novos usos); c) decategorização (perda do valor morfossintático); e d) erosão (perda fonética) (HEINE, 2003 apud ZILLES, 2007).

Menon (1995) e Faraco (1996), mencionados por Arduin (2005), sustentam que o pronome *vós* apresentava duplo emprego: i) nas relações assimétricas de poder, ou seja, de quem se dirigia ao seu superior de maneira respeitosa e ii) como plural de *tu*. Essa situação, segundo os autores, manteve-se estável até o século XIV quando começa o processo de colonização e expansão marítima e, por conseguinte, de enriquecimento de Portugal. Vista a nova realidade do reino, as relações interpessoais se alteraram, sendo assim, as mudanças são inevitáveis e as formas de tratamento se modificam. Por outra parte, o pronome *tu* era utilizado na relação de superior para inferior e em relação de igualdade.

Segundo Faraco (1996 apud ARDUIN, 2005, p. 25), o uso aristocrático de *Vossa Mercê* perde esse valor quando a sociedade passa a utilizá-la amplamente para denotar as relações de criado-senhor.

Para alcançar uma maior compreensão sobre a introdução do pronome pessoal *você*, deve-se remontar aos antecedentes históricos ou sincrônicos que promoveram sua implantação.

Segundo Cintra (1981), a entrada do pronome pessoal *você* é compreendida como uma forma sinônima de *tu*, desta forma se enquadra no sistema da segunda pessoa do singular.

A gramaticalização de *Vossa Mercê* acarretou uma série de consequências no sistema da segunda pessoa do singular não unicamente ao que corresponde à concordância verbal relacionado à terceira pessoa do singular, mas também ao que

respeita ao uso de pronomes possessivos seu, teu, para ti, de você e do senhor(a):

(01) **Você** pode me trazer teu caderno aqui?;

e oblíquos diretos, como em:

(02) Quero encontrar **você** ; e indiretos: Elas falaram de **você**.

Segundo Oliveira e Silva (1998 apud ARDUIN, 2005), estudos empíricos mostram que a evolução de Vossa Mercê até atingir a forma *você* aconteceu da seguinte maneira: vossa mercê – vosmicê – vancê – você – ocê – ce.

A gramaticalização de *a gente*, como no caso do *você*, também está provocando mudanças no sistema da primeira pessoa do plural, sendo que a concordância dá-se com verbo na terceira pessoa do singular:

(03) A gente **está** muito feliz com a novidade;

ora com a primeira pessoa do plural, como em:

(04) A gente **vamos** ao cinema hoje.

METODOLOGIA

O conceito de heterogeneidade trazida à luz pela sociolinguística variacionista indicou o caminho para renovadas observações que colocam como alvo a língua que, sob pressões de índole linguística ou social, é submetida a situações de mudança contínua e permanente. Dentro do quadro pronominal atual do PB, concernente às gramáticas, observa-se que pronomes como *você* e *a gente* ainda não são considerados pronomes pessoais em uma situação absolutamente contraditória ao que realmente acontece na fala dos usuários da língua, com relação às categorias pronominais, que carregam valores semânticos e referenciais.

Neste trabalho, deseja-se evidenciar de que forma os pronomes *tu / você* e *nós / a gente* se apresentam na fala de uma comunidade do Meio Oeste Catarinense, Caçador.

SOBRE AS VARIÁVEIS SOCIAIS.

O método escolhido e adotado para a realização deste trabalho foi a da

narrativa de experiência pessoal que, segundo Tarallo (2001), traz alguns benefícios que minimizam os efeitos negativos que o gravador e o pesquisador possam provocar na hora da entrevista. Outra vantagem do método concentra-se sobre uma das características que a narrativa pessoal apresenta, refere-se ao grau de concentração que o entrevistado apresenta quando relata suas experiências, o que se explicaria por um fenômeno de ordem psicológica na qual o entrevistado revive o estado em que se encontrava durante o evento, e dessa maneira, o sujeito se preocupa com o relato e não com a forma de se expressar.

Por esse motivo, a forma de entrevista selecionada é a narrativa pessoal, por apresentar-se como a forma mais eficiente e segura de coletar dados relacionados ao desempenho oral do vernáculo dos indivíduos.

Para a seleção dos entrevistados se pretendem levar em conta três aspectos fundamentais que assegurem uma coleta de dados rica em informações: sexo, formação escolar e idade.

As cédulas serão distribuídas em dezoito categorias, segundo a tabela 1:

Tabela 1: Distribuição das cédulas segundo idade, sexo e escolaridade dos informantes.

IDADE/ anos	15 - 25		26 - 35		36 - 50		
SEXO	M	F	M	F	M	F	TOTAL
ESCOLARIZAÇÃO							
A. Fundamental	4	4	4	4	4	4	24
B. Médio	4	4	4	4	4	4	24
C. Superior	4	4	4	4	4	4	24
TOTAL	24		24		24		72

Cada cédula constará de quatro (4) entrevistas, que segundo os parâmetros da pesquisa sociolinguística garantem uma boa qualidade de informações sobre o assunto. Logo após, a realização das entrevistas se procederá à observação dos fenômenos esperados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões versaram sobre a incidência dos pronomes pessoais *tu/ você* e *nós / a gente* no discurso oral dos caçadorenses e que serão confrontados aos

resultados de outros estudos realizados sobre este tema, com o propósito de corroborar se a presença ou ausência de pronomes pessoais de 2ª pessoa do singular e de primeira pessoa do plural são aplicáveis à realidade da comunidade em estudo. Dentre as variáveis consideradas encontram-se: gênero e escolaridade.

A) VARIÁVEL GÊNERO DO INFORMANTE

Os resultados obtidos confirmam que os caçadorenses nas formas alternativas de 2ª pessoa do singular, privilegiam largamente o uso de pronome *você*, apresentando-se minimamente o pronome *tu*, aplicado de forma muito restrita entre sete (7) falantes de ambos os sexos.

Entretanto, com relação aos pronomes de 1ª pessoa do plural, observa-se que existe certa alternância entre eles, mas em termos quantitativos a forma *a gente* se apresenta como forma preferida na escolha dos falantes quando desejam manifestar a indeterminação, sem se envolver diretamente no discurso oral. Assim pode-se observar nos seguintes exemplos:

(01) Naquela época a gente começava estudar com sete anos, eu comecei com seis.

(02) A gente nunca sabe quando essas coisas podem acontecer com a gente.

Em ambos os casos se observa o caráter indefinido e abrangente do pronome *a gente*. Dentro do contexto do discurso se interpreta o envolvimento de outros sujeitos que excluem o falante, entendendo que *a gente* é relativo a elementos indefinidos como todos ou todas as pessoas.

Quanto às variantes *tu* e *você* em relação ao gênero dos informantes, observa-se claramente o baixíssimo índice no uso do pronome de 2ª pessoa do singular *tu*, que se registrou em sete entrevistas, nessa situação se poderia concluir que o fator sexo não provaria ser um elemento determinante sobre a não preferência desse pronome pessoal, já que as quatorze (14) aparições do pronome *tu* foram de maneira fortuita, mantendo-se a preferência em ambos os sexos do pronome *você*.

A respeito do pronome pessoal *tu*, nas entrevistas realizadas se apresentou, na grande maioria, na sua forma imperativa em situação canônica, como se pode observar a seguir:

- (03) ... ainda é, **imagina** naquela época, então eu acho que já melhorou bastante assim, claro que tem muita coisa para melhorar, né?...
- (04) **Deixa** contar: nós tínhamos um bar-mercearia, né? E minha mãe saiu de casa, né?, eu morava na rua daqui de cima...
- (05) Como é a tua relação com a tua irmã?(entrevistadora). **Olha**, era meio conturbada, agora está um pouquinho melhor.

O uso do pronome *você*, como se observa nos resultados obtidos, é predominante tanto em homens quanto em mulheres, mas em duas das entrevistas realizadas se apresentou o pronome *tu* acompanhado de verbo em terceira pessoa do singular, casos considerados raros pelos dados obtidos, do *tu* na fala da comunidade pesquisada.

Porém observa-se que tanto o pronome *te* quanto os possessivos de 2ª pessoa do singular estão apresentando-se assiduamente convivendo com o pronome pessoal *você*, como nos exemplos a seguir:

- (06) Como **te** falei, eu gosto, só que eu acho que na cidade falta, mas não que ... nem que **você** que morou em cidade grande, sabe, só que o problema em cidade grande também é ... do tipo de trânsito, tem que ganhar muito mais também, para conseguir assim ter o padrão de vida que a gente leva aqui em Caçador.
- (07) ... eu tenho 44 anos, vou fazer 45, não sei qual é a **tua** idade.

Ainda, neste caso, percebe-se que muitos dos caçadorenses que desejam refinar sua fala informal ou estabelecer vínculos de muita intimidade com seu interlocutor utilizam o pronome *tu* ou elementos como *te* e respectivos possessivos. Essa conclusão pode ser feita por conta das observações sobre o agir ou a atuação linguística que o locutor deseja deixar transparecer na sua fala.

Por outra parte, observa-se a presença verbal com pronome zero em alternância com a presença do pronome *você*. Assim como nos estudos realizados por Abreu (1987 apud VANDRESSEN, 2002, p. 154) na comunidade da capital paranaense, Curitiba, o tratamento zero tem a maioria das ocorrências. Entre os habitantes da cidade de Caçador parece (nesses primeiros dados) uma certa estabilidade no uso desse recurso, sendo que homens e mulheres a utilizam com a mesma força. No seguinte trecho de uma das entrevistadas percebe-se essa realidade:

- (08) ... hoje eu sinto falta porque você trabalhando de doméstica *você* nas casas, **você vai** adquirindo famílias novas, pessoas novas e...**Ø** vai tentando uma outra cultura, cada casa é uma cultura, um tipo de vida, né?, um costume diferente.

Esses resultados permitem concluir que na comunidade caçadoreense se registra a tendência que estudos sobre o assunto corroboram: a predominância do pronome pessoal *você* substituindo a forma *tu* (Loregian, 1996; Guimarães, 1979; Menon, 1995 e 1996, Abreu, 1987; Ramos, 1989).

B) VARIÁVEL ESCOLARIDADE DO INFORMANTE.

Os resultados apontam a tendência que se apresenta em grande parte no território nacional, o uso de *você* para as situações de informalidade e de senhor(a)⁵ destinado às situações de corte formal.

Em relação ao pronome *tu*, que fortuitamente chegou a aparecer em algumas poucas entrevistas de informantes, pertencentes aos três grupos de escolaridade considerados nesta pesquisa e em que se registraram unicamente 14 incidências, na sua maioria na forma imperativa afirmativa ou com presença do pronome com situação verbal na 3ª pessoa do singular, número que representa 4,86%, estatística pouco significativa frente ao 95,14% de incidência do pronome *você*.

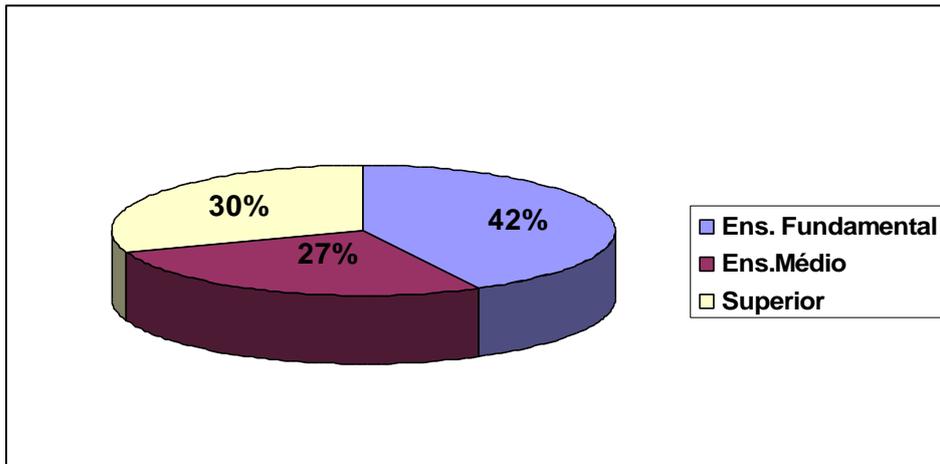
De alguma maneira, pode-se inferir que para os próprios sujeitos da comunidade o pronome *tu* representa uma categoria pronominal fora da sua realidade linguística e transmite um sentimento de aproximação e intimidade no tratamento com seu interlocutor de forma mais intensa e refinada.

A partir dessas observações, pode-se concluir que o pronome *você* é efetivamente um pronome representativo da comunidade caçadoreense nos tratamentos informais, deixando o pronome *tu* como um elemento de uso esporádico de alguns sujeitos e cuja consciência desse recurso de informalidade se explique por influências familiares passadas e/ou herdadas ou por pura estilística.

Sobre os pronomes *nós* e *a gente* os resultados mostram uma realidade semelhante ao que acontece em outras regiões do país, confirmando percentuais registrados em estudos anteriores. Os resultados se evidenciam no seguinte gráfico:

⁵ Por razões metodológicas não foram feitos levantamentos sobre a forma respeitosa senhor(a), pois o interesse versa sobre a categoria informal utilizada pela comunidade de Caçador-SC, com objetivo de confirmar as pesquisas anteriormente realizadas na região sul do país e registrar as possíveis aparições e circunstâncias em que o pronome “tu” poderia se apresentar.

Gráfico 1: Atuação dos falantes no uso do pronome pessoal *Nós*

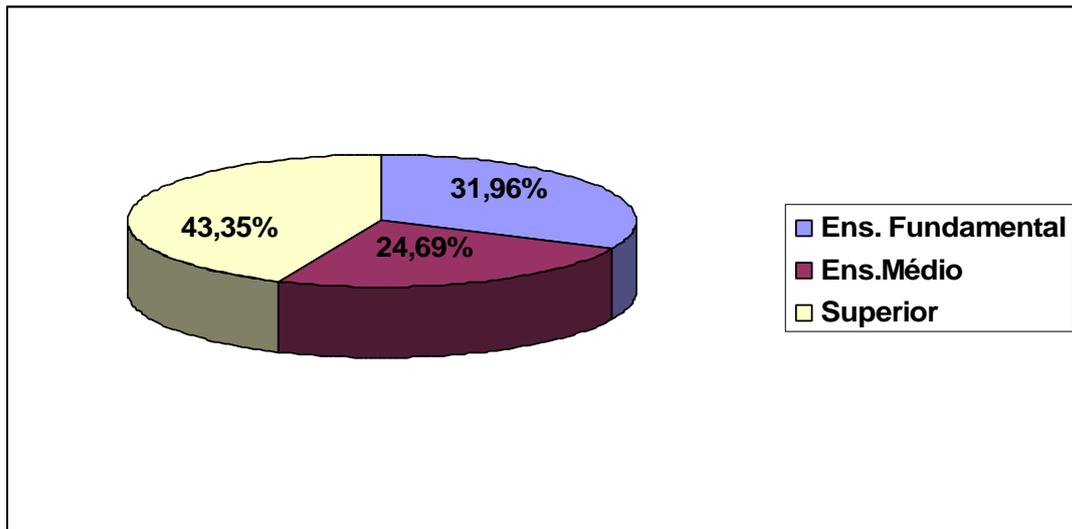


Os números revelam que o grupo que favorece, maiormente, o uso do pronome *nós* corresponde aos indivíduos com menor instrução escolar, contradizendo a hipóteses de que quanto maior a instrução, maior o uso da forma canônica *nós*. Isso se explicaria pela situação à qual esses informantes estavam sendo submetidos, a um evento muito incomum, da entrevista, motivo que induz a um monitoramento maior da fala em situações de desconhecimento do entrevistador, e à presença de um gravador, mesmo tomando todas as medidas que pudessem deixar o falante confortável frente ao novo contexto.

Por outra parte, os grupos relativos ao Ensino Médio e Superior apresentam índices similares de uso, em sua maioria em concordância verbal em 1ª pessoa do plural a diferença do grupo anterior.

Em relação ao uso de *A gente*, os indicadores mostram certo nível gradativo de seu uso entre os três grupos de escolaridade. O gráfico a seguir assim o demonstra:

Gráfico 2: Atuação dos falantes no uso do pronome pessoal *A gente*.



Observa-se que o grupo que mais favorece o uso de *A gente* corresponde àqueles com formação superior, seguido pelos que cursaram o Ensino Fundamental, já os falantes que cursaram até o Ensino Médio foram os que mostraram menos uso da forma inovadora, mas que também não utilizaram de maneira tão relevante a forma canônica Nós.

Em virtude da avaliação que o sujeito realiza sobre o contexto em que se encontra, ele modifica e adapta, de forma mais ou menos consciente, sua maneira de atuar linguisticamente. Em outras palavras, ele seleciona os recursos que viabilizem de forma efetiva e eficiente seu ato comunicativo, dentro do que se entende como situação de monitoramento. Bagno (2007, p. 56) diz que “O continuum de monitoramento estilístico nos indica o grau de atenção que o falante presta ao que está dizendo. [...], esse monitoramento maior ou menor é decorrente do entrecruzamento da interação”.

Em vista do exposto, entende-se que o fato de o grupo mais escolarizado ter preferência pela forma inovadora é um indicador de estabelecimentos de limites de ordem linguística ao pretender demonstrar uma situação de mais conforto e descontração dentro do contexto em que se encontra. Em contrapartida, os resultados mostram que o grupo que apresentou maior uso da forma *nós* não necessariamente tiveram uma atuação monitorada da sua fala como um recurso que expresse graus de formalidade, mas é um recurso de similitude semântica. Um trecho da entrevista a uma mulher de 48 anos com formação escolar fundamental,

apresenta nitidamente a convivência do pronome *nós* e a forma inovadora *a gente*.

(09) ... **nós** somos em 8 irmãos, com os dois que estavam fora, **nós** estávamos em 6 boquinhos para sustentar, então eu ajudava em casa e **nós** plantava na serra dos Bian em Videira as médias, não a parte, né. **A gente** plantava e dava uma parte para eles, então eu ia sempre pra rosa junto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa pessoal é um gênero que permite às pessoas que , são submetidas a ele, narrem experiências de toda índole. Por esse motivo, esse tipo de narrativa é considerada favorável no levantamento e detecção de fenômenos de ordem linguística. Metodologicamente levaram-se em consideração duas variáveis sociais de observação: gênero e escolaridade dos entrevistados, aspectos que dariam os antecedentes necessários para desenhar um panorama confiável da pronominalização aplicada pela comunidade estudada.

O levantamento constituído por 72 entrevistas realizadas entre os membros da comunidade da cidade de Caçador localizada no Meio-Oeste Catarinense obedeceu ao propósito de investigar a utilização dos pronomes pessoais referentes a 2ª pessoa do singular, *tu* e *você* e a 1ª pessoa do plural, *nós* e *a gente*, com o objetivo de observar se a comunidade mencionada respondia às tendências do Português Brasileiro registradas por estudos anteriores, entre eles, Guimarães (1979), Abreu (1987), Ramos (1989), Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004) e Menon (2000)⁶.

A aplicação de certas variáveis linguísticas respondem, essencialmente, aos graus de consciência que os usuários possuem sobre sua língua, a partir desse preceito esta pesquisa entendeu que observar o comportamento linguístico dos habitantes de Caçador-SC seria importante para detectar a utilização de certos pronomes em detrimento de outros similares semânticos.

Estudos sociolinguísticos realizados na região sul do Brasil indicam que, quanto aos pronomes da 2ª pessoa do singular, o pronome *tu* sofre uma clara diminuição no seu uso na medida em que avança em direção ao norte do país,

⁶ Os estudos aqui mencionados referem-se à variação e mudança no português falado e escrito da região sul do Brasil tratados no artigo elaborado por Menon e Loregian-Penkan, 2002, In: Paulino Vandressen, Variação e Mudança no Português falado na região sul. Pelotas. 2002.

estabelecendo-se prioritariamente o pronome *você*. Frente a essa realidade, já demonstrada, os habitantes de Caçador compartilham duas características apontadas pelas pesquisas: i) o uso quase exclusivo do pronome *você* nas falas informais e ii) apesar de *você* estar acompanhado por verbo em 3ª pessoa do singular, os elementos acompanhantes como possessivos e pronomes de característica reflexiva correspondem à 2ª pessoa do singular.

As entrevistas mostraram que o pronome *tu* se apresentou de forma muito rara, portanto, entende-se que esse pronome está presente na consciência de poucos habitantes da cidade quando sua intenção comunicativa é de aproximar mais um pouco seu interlocutor.

Analisando os pronomes da 1ª pessoa do plural *nós* e *a gente*, os resultados indicam que: i) o pronome *nós* aparece em alternância com o pronome inovador *a gente*, o qual indica que os caçadorenses utilizam ambos os pronomes com valor semântico sinonímico; ii) o fator de escolaridade não determinam a concordância aplicada a ambos os pronomes, sendo observado que a maior parte das incidências se concentrava com verbos em terceira pessoa do singular, apesar de haver encontrado acompanhamento verbal no infinitivo, dessa maneira é muito corrente frases como: *nós/ a gente* está estudando aqui; iii) o pronome inovador *a gente* se apresentou em totalidade na concordância em 3ª pessoa do singular; iv) o pronome *a gente* é mais favorecido pelo grupo com maior grau de instrução delimitando com isso o tipo de pronome a ser utilizado nas situações mais formais (*nós*) e mais informais (*a gente*), deixando entrever os graus de consciência ao escolher as formas adequadas a cada contexto.

Tentando elaborar um esboço do que os habitantes de Caçador tendem a usar pronominalmente, pode-se perceber que a presença do pronome pessoal junto à forma verbal revelaria a tendência, já detectada em muitos estudos realizados, a um maior preenchimento do pronome sujeito por conta de pronomes que compartilham as mesmas formas verbais. Nesse caso, os pronomes *você* e *a gente* são favorecidas com a 3ª pessoa do singular em cem por cento das ocorrências apresentadas, forma verbal que também se aplica ao pronome *nós* em muitas das incidências, principalmente, entre os grupos de indivíduos que alcançaram uma formação escolar primária e secundária.

Substituir modos antigos por novos ou abandonar uma determinada forma não acontece por uma decisão caprichosa de um grupo de indivíduos que de um momento a outro transformam o estado da língua. A variação e a mudança é uma característica própria de objetos vivos como a língua que se modifica de acordo com a evolução das sociedades humanas, uma dinâmica que merece ser observada e acompanhada.

Os resultados apresentados neste trabalho não pretendem de forma nenhuma ser conclusivos, mas de aportar com informações que possam dar passo a um conhecimento real e mais próximo do que os habitantes da região do Meio-Oeste Catarinense praticam linguisticamente e, dessa maneira, compreender e ser mais sensível ao nosso falar como parte constitutiva da nossa identidade regional, e, por que, não, como brasileiros, a modo de adquirir maior consciência e compreensão da bagagem linguística que nossas crianças e jovens trazem consigo, sem tentar impor o “mais correto” ditado por gramáticas que não revelam a total riqueza do instrumento comunicativo que nos foi ensinado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé Costa. Particularidades sintático-semânticas da categoria de sujeito em gêneros textuais da comunicação pública formal. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Desiree (org.). **Gêneros Textuais**. Capítulo 9. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- ARDUIN, Joana. **A variação dos Pronomes Possessivos de Segunda Pessoa do Singular Teu / Seu na região Sul do Brasil**. Tese de Mestrado, Florianópolis, 2005.
- BAGNO, Marcos; STUBBS; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna, letramento, variação e ensino**. São Paulo: Edit. Parábola, 2002.
- _____. **Nada é por acaso**. Por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BOM, Francisco Matte. **Gramática comunicativa Del Español, de la Idea a la lengua**. Vol 1 e 2. Madrid: Edelsa, 2001.
- BORTONI-Ricardo, STELLA, Maris. **Educação em língua materna**. A sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- FARACO; MOURA. **Gramática**. São Paulo: Ática, 2001.
- GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (org). **Sociolingüística e Ensino**. Contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Edit. UFSC,

2006.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia. Univ. Press, 1972.

LOPES, Célia. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S.; BRANDÃO, S. F. (orgs.) **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-119.

LUCCA, Nivia Naves. **A variação tu / você na fala brasileira**. Dissertação de Mestrado, Junho de 2005.

LYONS, Jonh. **Língua(gem) e Lingüística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma (Movimento no interior do português brasileiro. In.: BAGNO, Marcos (org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

MATTE BOM, Francisco. **Gramática Comunicativa Del Español**. De la Idea a la lengua. Tomo II. Madrid: Edelsa, 2001.

MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: Tu/ Você no sul do Brasil. In.: VANDRESEN, Paulino (org). **Variação e Mudança no Português falado na região sul**. Pelotas: Edit. EDUCAT, 2002.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; DO NASCIMENTO, Rodrigo Alípio. Monitoramento estilístico entre “nós” e “a gente” na escola. In.: Edair Maria Gorski e Izete Lehmkuhl Coelho (Orgs.). **Sociolingüística e ensino**. Contribuições para a formação do professor de Línguas. Florianópolis: UFSC. 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Lingüística**. Domínios e fronteiras. Vol. 1- 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA e SILVA, Gisele; MACHLINE e SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). **Padrões Sociolingüísticos**. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. Capítulo 14.

SAPIR, Edward. **Lingüística como ciência**. Tradução de J. Matoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1969.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, Edição 2001.

SILVA, Ivanilde. **De quem Nós/ A gente está(mos) falando afinal**. Teses de Mestrado. UFSC, 2004.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa sociolingüística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

WEINREICH; LABOV; HERZOG. Fundamentos **Empíricos para uma teoria da mudança Lingüística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

ZILLES, Ana Maria. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?. **Letras de Hoje**. Porto alegre, v.42,n. 2, p. 27- 44, junho, 2007.

CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE DE JOVENS DO CONTESTADO

Popular Culture and Religiosity of the Contestado War People

Gilberto Tomazi¹

Recebido em: 01 ago. 2012

Aceito em: 30 ago. 2012

RESUMO

O Contestado é considerado um dos maiores movimentos populares da história do Brasil e, até o momento, poucos espaços foram abertos para uma leitura autêntica dos seus aspectos culturais e religiosos. Vale considerar que diversos jovens assumiram um papel de destaque nesse movimento. E na atualidade muitos jovens procuram resgatar essa memória como elemento indispensável na busca de um novo mundo possível. O Contestado continua, hoje, muito presente na vida de sofrimento e na memória dos descendentes dos que participaram dessa guerra. Ele produziu uma mística própria que se traduz numa espécie de identidade cultural do povo da região. Essa mística sobrevive nos mitos, nos rituais religiosos e na tradição oral dos descendentes do Contestado. Esse movimento não acabou e também não é coisa do passado. Naquele seu primeiro estágio, que culminou na guerra, ele foi aniquilado e com o uso das mais sofisticadas tecnologias de guerra da época. Porém, ele continua vivo na cultura popular, na religiosidade, nas lutas e esperanças dos jovens, descendentes do Contestado.

Palavras-chave: Cultura popular. Religiosidade. Juventude. Guerra do Contestado.

ABSTRACT

The Contestado War is considered one of the greatest rebellions in the history of Brazil but, up to the moment, few spaces were opened for an authentic reading of its cultural and religious aspects. It's important to consider that many young people assumed a prominent role in this war. Nowadays, many young people seek to rescue this memory as an indispensable element in the quest for a new possible world. The Contestado War is still very present in the sufferings, dreams and memories of the descendants of those who participated in that war. It created a mystique that translates itself into a kind of cultural identity of the people from the region. That mystique survives in the myths, religious rituals and the oral traditions of its descendants. This war is not over, and it is not just something from the past. At its first stage, which culminated in the war, it was annihilated with the use of the most sophisticated technologies of war at the time. However, it's still alive in the popular culture, in religion, in the struggles and hopes of young people, the war descendants.

Keywords: Popular Culture. Religiosity. Young people. Contestado War.

¹ Mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela PUC-SP. Email: giltom3@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Existe uma vasta herança bibliográfica, cultural e religiosa do Contestado. Há muitos escritos, monumentos, símbolos, ritos, fotografias, filmes, peças de teatro, poesias e orações espalhados pelo Sul do Brasil. Não será possível contemplar tudo o que há de produção em torno da participação juvenil no Contestado, porém far-se-á um esforço nesse sentido. A participação da juventude não se deu de forma organizada, enquanto categoria social, mas pela presença de indivíduos jovens nos mais variados espaços, tanto do lado dos caboclos, como do lado do exército, do governo e dos “ruralistas” da época. É difícil estabelecer um conceito capaz de abarcar com precisão a parcela juvenil presente na guerra. Sabe-se que, mais do que agora, nos períodos históricos que nos precederam, o índice de pessoas com menos de 30 anos de idade era maior. Isso significa que grande parte dos participantes da guerra podem ser considerados jovens.

Praticamente cem anos se passaram desde os primeiros combates no chão do Contestado. Esses combates foram, geralmente, denominados de guerra que aconteceu durante os anos de 1912 a 1916, abrangendo uma região que equivale, hoje, a aproximadamente 1/3 do território catarinense. O território onde ocorreu a guerra é, hoje, conhecido por muitas pessoas como “Região do Contestado”. Sua abrangência é situada na parte do sul do Paraná, no Meio-oeste e boa parte do Planalto Norte e da Região Serrana catarinense. Além de sua amplitude geográfica, o fato de a guerra ter envolvido diretamente cerca de 30 mil pessoas, sendo que, dessas, aproximadamente, oito mil foram mortas, torna o Contestado um dos maiores conflitos armados da história do Brasil.

Esse movimento não acabou e o nome “Contestado” adquiriu diversas faces, sendo usado, até mesmo, para fins turísticos e mercadológicos. Continua, hoje, muito presente nas lutas e organizações populares, juvenis, estudantis, sindicais, ecológicas, culturais e religiosas dos descendentes dos que lutaram no Contestado. Diversos olhares e projetos se dirigem para a comemoração dos cem anos do Contestado. Interesses e imaginários opostos se apresentam e disputam espaços e hegemonias. Entre eles, polariza-se a versão do mercado e do turismo, por um lado, e a da militância-mística juvenil, por outro.

O Contestado, liderado em grande parte por jovens, produziu uma mística

própria que se traduz numa espécie de identidade cultural do povo da região. Provisoriamente, pode-se afirmar que essa mística tem em João Maria uma referência central. Ela sobrevive nos mitos, símbolos, rituais religiosos e na tradição oral e escrita dos descendentes do Contestado. Os jovens outrora agredidos, violentados, silenciados e amedrontados, aos poucos voltam a sonhar com uma sociedade liberta das diferentes formas de opressão e exclusão e, agarrados em uma mística, passam a se organizar de diferentes formas para construir alternativas possíveis desde o seu cotidiano/local e até uma preocupação global/estrutural. É nesse sentido que diversas experiências juvenis procuram manter viva a memória do Contestado. Atualmente, em Santa Catarina, foram instituídas - ou estão sendo pensadas - várias casas ou centros, organizações e movimentos diferenciados de juventude. Esse é um fato novo na história dos jovens catarinenses. Em geral, as suas diferentes formas de organização e mobilização apresentam pelo menos três características em comum: certa referência ao Contestado; uma mística expressiva, normalmente fundada nos valores e princípios cristãos e uma interface utópica diretamente conectada a uma práxis sócio-transformadora.

JOVENS NO CONTESTADO

Um aspecto marcante do Contestado foi a compreensão de que meninos e meninas virgens tinham um poder espiritual maior do que os adultos e idosos. Somente eles (alguns dentre eles) eram capazes de receber mensagens do além, dos santos e/ou monges venerados pela irmandade cabocla. A velhice e a morte geralmente foram entendidas como consequência do pecado e punição. Logo, a pessoa mais santa só poderia ser a pessoa de menos idade porque menos dada a pecar. Assim, santos e santas em vida podem dialogar com santos e santas do além devido à essa afinidade ou proximidade espiritual. Foi assim que, deixando as cidades e povoados vizinhos praticamente vazios, milhares de pessoas das redondezas passaram a se reunir em torno desses meninos e meninas e dos demais líderes do reduto de Taquaruçu, constituindo a sonhada “cidade santa” onde, após a “batalha final”, os que fossem salvos do poder da besta, se fossem velhos, ficariam jovens, e todos seriam felizes. (TOMAZI, 2005, p. 132).

É sabido que não foram poucos os jovens que assumiram posições de

liderança na Guerra do Contestado. Alguns desempenharam papéis importantes durante o desenrolar da guerra. Os jovens do Contestado, que tiveram uma atuação reconhecida, entre outros, menos citados pelos historiadores, foram: uma jovem imigrante polonesa (cujo nome não é conhecido), que escrevia a pedido do líder Bonifácio Papudo; uma “filha de um certo João Alemão” (também de nome desconhecido), raptada por José Maria da casa de seus pais, mas que o seguia livremente em sua missão; Teodora Alves e Maria do Carmo tidas por virgens-videntes; Chica Pelega tida por heroína e guerreira nas batalhas contra o exército, especialmente no reduto de Taquaruçu; Sebastiana Rocha chamada de virgem; Antoninho, comandante geral do reduto de Bom Sucesso; Maria Rosa, vidente, virgem e comandante do reduto-mor de Caraguatá; Manoel Ferreira dos Santos, considerado enviado de Deus; Joaquim Ferreira dos Passos, chamado de menino-deus; Claudiano Alvez A. Rocha, médico; Francisco Alonço de Souza, comandante de um piquete xucro, em Caraguatá; Adeodato Manoel Ramos, líder geral dos dois últimos anos da guerra. Do outro lado, havia indivíduos tais como o jovem advogado Nereu Ramos, filho do Coronel e chefe político lageano e Presidente de Santa Catarina Vidal Ramos; o jovem Capitão Matos Costa, diversos jovens vaqueanos ou filhos de coronéis tais como Altino de Farias e centenas de jovens militares, entre outros.

Esses são os jovens mais citados na historiografia e na tradição oral dos descendentes do Contestado. Alguns deles atuaram, praticamente, do começo ao fim da guerra; outros em apenas alguns momentos ou fases. A participação e atuação de jovens no Contestado foi extremamente relevante, permitindo, inclusive, pensar no seu protagonismo, ao ponto de alguns, dentre eles, serem aceitos como seres “sagrados”, “meninos-deus”, “virgens”, videntes e profetas, ganhando legitimidade, aprovação e, até mesmo, obediência e submissão por parte dos mais velhos. Alguns desses jovens comandaram fases importantes da guerra, atuando como líderes de piquetes e de redutos, influenciando decisivamente no dia-a-dia da irmandade em guerra. Eles não eram apenas rapazes, mas, também, moças que “davam as ordens” no cotidiano da guerra.

Como já dito, houve jovens dos dois lados da guerra. Machado (2004, p. 149) faz referência a um jovem que defendia os interesses da Southern Brazil

Lumber and Colonization Co. “O jovem advogado lageano Nereu Ramos, filho do ex-governador Vidal Ramos, era, em 1916, representante oficial dos interesses da Lumber junto ao governo de Santa Catarina”. Machado (2004, p. 256) menciona, também, a participação de uma jovem que ajudou a redigir algumas preces dos caboclos. Era uma jovem polonesa que não morava nos redutos, mas a ela recorriam “para que redigisse as preces que seus combatentes carregavam em patuás amarrados ao pescoço”. Vale lembrar, também, que dentre os membros do exército que atuaram na guerra, uma grande parcela era constituída de jovens levados a defender a ordem, a pátria e a república, no território Contestado. Contudo, os maiores destaques que se encontram na historiografia do Contestado, com relação à participação de jovens, fazem referência àqueles que viveram nos redutos. As citações de indivíduos jovens, participantes da Guerra do Contestado, relatando as suas identidades, são encontradas mais claramente nas obras de Vinhas de Queiroz (1977), Valentini (1998) e Machado (2004), entre outros.

Valentini (1998, p. 135) lembra a figura de João Maria Paes de Farias, conhecido por João Ventura, filho de Chico Ventura, que afirmou: “aquele que matou meu pai não haveria de se esconder na barriga de um peixe que nós não achasse, foi dado um jeito nele”. Fica claro, na fala desse jovem, o desejo de vingança pela morte do pai, que contribuiu para sua participação na guerra. Valentini (1998, p. 135) apresenta, a partir do depoimento de Chico Ventura, a participação de outros jovens e, até, de alguns adolescentes escolhidos para receber as ordens de José Maria, morto no primeiro combate no Irani. “A virgem Teodora e também Manoel deitavam no chão e eram cobertos com um lençol branco, enquanto o povo rezava, eles recebiam as ordens de José Maria”. Tanto Teodora como Manoel, que logo viria a substituí-la, tiveram importante “influência sobre o povo da cidade Santa de Taquaruçu”. Segundo Paulo P. Machado (2004, p. 198) “a menina Teodora, com 11 anos de idade, neta de Eusébio F. dos Santos, começou a relatar sonhos e visões que tinha com José Maria e a difundir a necessidade de todos se dirigirem a Taquaruçu a fim de aguardar o retorno do monge [...]”. Segundo Vinhas de Queiroz, (1977, p. 113, 117, 120) Manoel, tido como enviado de Deus, era um rapaz que, com cerca de 18 anos, passou “a receber mensagens do monge (José Maria) no interior da floresta” e, ao voltar, comunicava as suas “palavras sagradas” aos circunstantes. Esse jovem, Manoel, exerce sobre o grupo “extraordinária influência”,

chegando até a acumular as funções de “chefe civil do aldeamento e comandante dos homens de armas” (MACHADO, 2004, p. 200). Esse jovem, depois de ter apresentado algumas atitudes moralmente desaprovadas pela comunidade cabocla do reduto de Taquaruçu, perdeu seu espaço de enviado de Deus para Joaquim e desapareceu. Joaquim era neto de Euzébio, (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 111, 115, 121) e passou a ser chamado de Menino-Deus, um “menino de seus 11 ou 12 anos de idade”, que ao assumir o comando “tomou providências”, dando uma “surra de vara de marmelo em Manoel para tirar-lhe a santidade.” Segundo Machado (2004, p. 218),

a liderança de Teodora, Manoel e Joaquim não estava apenas apoiada em suas anunciadas capacidades mediúnicas e sagradas. O poder destes jovens era respeitado principalmente porque sua autoridade era bancada pelo patriarca Eusébio e sua esposa Querubina.

CHICA PELEGA, MARIA ROSA, ADEODATO E OUTRAS LIDERANÇAS JOVENS

Outra jovem que se tornou líder no reduto de Taquaruçu foi a Chica Pelega, que Euclides Felipe (1995, p. 55) descreve como sendo “a heroína de Taquaruçu”. Segundo o autor, ela era uma virgem de

coração compassivo e generoso, logo ao chegar a Taquaruçu, atraiu todas as simpatias, principalmente das crianças e dos enfermos. Assim de imediato chamou atenção de José Maria, indo aos poucos se tornando indispensável auxiliar de enfermagem. Em breve aprendeu lidar com chás, as infusões, o conhecimento e o trato com as ervas medicinais.

Essa jovem (Cf. VASCONCELLOS, 2000, p.14) exerceu um papel importante entre os caboclos no primeiro reduto e ataque a Taquaruçu, onde houve muita euforia e os caboclos conquistaram uma vitória importante, seguida, porém, de um massacre, principalmente dos velhos e crianças. Logo após o reduto de Taquaruçu ter sido destruído, à bala e a fogo, no segundo combate, os que conseguiram sobreviver e fugir, juntaram-se no novo reduto de Caraguatá, que era liderado por Maria Rosa.

Nesse reduto, Joaquim perdeu seu prestígio, ficando na sombra de Maria Rosa, que a todos cativava. Ela “toma parte, montada em seu cavalo, empunhando a bandeira branca de cruz verde ao centro, infundindo ânimo e coragem aos sertanejos” (VALENTINI, 1998, p. 136s). Maria Rosa era filha de Elias de Souza, lavrador da Serra da Esperança. Ela era considerada uma menina normal como as

demais, mas de vez em quando trancava-se em seu quarto e ficava até dois ou três dias em oração. Ao voltar para a vida normal, trazia comandos e orientação do monge José Maria para o povo obedecer. A virgem Maria Rosa é a figura feminina de maior destaque, especialmente nos primeiros dois anos da guerra. Segundo Vinhas de Queiroz (1977, p. 151) era ela quem “durante as procissões marchava à frente, carregando uma grande bandeira com cruz verde”. Era uma menina moça, carismática, capaz de atrair a atenção de todos. Não sabia ler, mas falava desembaraçadamente e eram-lhe atribuídas qualidades excepcionais como vidente, juíza e comandante. Dificilmente alguém fazia algo sem antes consultar “quem tudo sabia”. Vinhas de Queiroz (1977, p. 151s) e também Felipe (1995, p. 55) escrevem que o povo a considerava santa e cumpria religiosamente as ordens que dela emanavam. “Era encarada como a representante da vontade do monge, de quem conhecia os secretos desejos. Designava os chefes ostensivos, destituía-os dos comandos, sentenciava”. Maria Rosa foi contemplada com o título de um capítulo do livro de Vinhas de Queiroz (1977, p. 151) que fala dela como sendo uma adolescente dos seus 15 anos, loura, cabelos crespos, pálida, alegre, de extraordinária vivacidade, que não sabia ler nem escrever, mas falava com desembaraço; sendo o seu pai chamado de Elias da Serra, um lavrador da região. Machado se lembra de Maria Rosa, como sendo uma moça que

[...] tinha entre 15 e 16 anos, era bonita e andava de roupa branca, montada num cavalo branco. Como ‘virgem’, procurou manter um comando direto sobre os ‘pares de França’ e o conjunto da população de Caraguatá. Maria Rosa, ao contrário de Teodora ou dos meninos-deus Joaquim e Linhares, não submetia suas ordens a um conselho. Ela as dirigia diretamente às formas. A partir do comando-geral, Maria Rosa passou a distribuir comandos específicos, de forma, de guardas, de piquetes de briga, de reza e de abastecimento. O combate de Caraguatá [...] vencido pelos “pelados”, é considerado pela memória local o principal feito de Maria Rosa. (MACHADO, 2004, p. 222)

Helcion Ribeiro entende que, diferentemente do que aconteceu com Anita Garibaldi, que passou para a história catarinense como sendo a guerrilheira heroína “por ter lutado tão-somente por e com o seu homem”, Maria Rosa foi interpretada pela historiografia como sendo a heroína vencida. Todavia, segundo ele, Maria Rosa

no movimento messiânico do Contestado, durante sete meses liderou o grande ‘êxodo dos oprimidos’ – pobres e crentes – que abandonaram Caraguatá rumo ao Reduto de Pedras Brancas.[...] Maria Rosa fez a fé cristã tomar formas concretas de transformação social. É sob a sua coordenação que se experimenta, no Contestado, o maior tempo de vida

fraterna, com tempos de paz, onde todos viveram como irmãos, dividindo seus bens com alegria, perseverando na crença religiosa, tendo tudo em comum: até mesmo a miséria. (RIBEIRO, 1988, p. 116s)

Havia várias tendências ou facções dentro do movimento do Contestado. Após a vitória de Caraguatá, vários líderes resolveram derrubar Maria Rosa do comando para que outros líderes “mais aguerridos” passassem ao comando. Foi assim que Francisco Alonso de Souza, conhecido como Chiquinho Alonso assumiu o comando geral e Maria Rosa passou a exercer um papel secundário no conflito, ajudando no atendimento às pessoas doentes, crianças, mulheres e idosos. Chiquinho Alonço era um rapaz de uns 25 anos, que teria proclamado a si próprio ante o povo como comandante geral e que, a partir de então, Maria Rosa teria dito: “Atendam ele. Eu não tenho mais nada com isso”. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 163s) Esse novo comandante, filho de Manoel Alonso, homem trabalhador, andava “com aquela cisma que iria brigar muito”. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 164).

Segundo Vinhas de Queiroz (1977, p. 164), Francisco Alonço de Souza, ainda moço, saiu à frente de um piquete – sem dar satisfação à virgem, saqueou e incendiou uma bodega e matou o encarregado e, depois dessa façanha, dizendo-se inspirado por João Maria, ao voltar para o reduto, teria proclamado a si próprio, ante o povo, como comandante geral (outra versão diz que ele foi aclamado pelo povo comandante geral). Nesse momento, a virgem Maria Rosa teria dito: “Ele é quem manda [...], eu não tenho mais nada com isso”. Ele foi morto em combate contra colonos, em Rio das Antas, no Dia de Finados de 1914. Esse ataque foi comandado pessoalmente por Alonço com um piquete de apenas 35 homens. Do lado dos colonos, morreram sete e do lado dos atacantes morreram doze pessoas, dentre os quais o comandante. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 203).

Com a morte do jovem Alonço, quem assume o comando geral dos redutos, que perdura até o final da guerra, em 1916, é Adeodato Manoel Ramos, também conhecido como Liodato, natural do Cerrito, município de Lages, nascido em 1887. Ele assume o comando geral, com 27 anos de idade, afirmando ter tido um sonho no qual lhe apareceu José Maria, ordenando que assumisse o posto de comandante geral. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 205) Em relação a esse importante personagem do Contestado, emerge a questão de como um jovem, caboclo, não alfabetizado, tropeiro e domador de cavalos, religioso e músico, conseguiu

transformar-se em comandante geral dos redutos por praticamente dois anos, enfrentando mais da metade dos efetivos do exército brasileiro, reforçado pelas polícias do Paraná e Santa Catarina, além de mais de mil civis, sendo que no auge da guerra somaram 8.000 homens.

Sendo Adeodato o último comandante geral dos redutos, coube a ele liderar os redutos nas fases mais críticas. Em janeiro de 1915, ele liderava cerca de 10 mil pessoas no grande reduto de Santa Maria. O desfecho final da guerra é um fato controverso. Foi essa fase final, a que continua mais presente na memória e marcou profundamente a vida dos descendentes do Contestado. Ao falar de Contestado, depois de João Maria e de José Maria, Adeodato é, ainda hoje, o personagem mais citado pelos descendentes do Contestado, porém, tanto para os militares como para a historiografia mais próxima, historicamente, do Contestado. Mesmo para os remanescentes e descendentes do Contestado, a figura de Adeodato foi marcada, com raras exceções, pela “demonização”. Pode-se dizer que ele se tornou uma espécie de bode expiatório. Foi projetado como “modelo e catalisador do mal” e sua morte foi tida como uma espécie de “alívio” ou “apaziguamento” geral. Segundo Machado (2004, p. 293, 306), coube a ele “a difícil missão de lutar contra a fome, as deserções e a degeneração das práticas comunitárias nos redutos.” Para seus adversários, tratava-se do “chefe jagunço mais cruel”, “assassino frio e degenerado”, responsável pelo período de “terror” nos redutos do Contestado. Esse jovem assumiu o comando geral por ter um perfil de liderança e dominar, também, práticas militares.

OS GRANDES SONHOS: UMA CIDADE SANTA E UM MILÊNIO IGUALITÁRIO

Pode-se afirmar que os jovens do Contestado não assimilaram passivamente a dominação imperialista que se instalava no Sul do Brasil; pelo contrário, apresentaram-se como parte importante das forças latentes da sociedade. Sua relevância advém do fato de que eles desenvolveram uma atitude rebelde, crítica e de resistência contra o processo de instalação da sociedade capitalista na região. Basta ver que boa parte dos comandantes ou líderes do Contestado foram jovens que, a partir da experiência dos redutos, sonharam com um outro mundo possível também denominado de “milênio igualitário” ou de “cidade santa” e

assumiram uma postura profética, guerreira e de busca de alternativas de vida.

Viver em uma aldeia, cuja cultura predominante é indígena, talvez seja uma experiência completamente diferente daquela em que se vive em uma comunidade rural capitalista cristã moderna. De qualquer forma, essas duas culturas podem-se apresentar com traços de continuidade e descontinuidade, com traços complementares ou de ruptura radical, com traços comuns ou absolutamente divergentes. Na Guerra do Contestado, essas culturas, também denominadas de “culturas do sertão”, forçadamente ou não, pacífica ou violentamente, foram obrigadas a coexistirem e a expressarem suas ambiguidades entre festas, conflitos, violências e transmutações.

As manifestações e a atuação juvenil, nessa guerra, foram expressivas. Não há uma homogeneidade, mas sim fragmentariedade na atuação e nos modos de ser e de se fazer jovem. Existe uma multiplicidade de comportamentos juvenis. Jovens guerreiros são, ao mesmo tempo, festivos e místicos. O quadro santo, onde se reza em procissão, é também o local dos treinamentos de guerra e das comemorações festivas das vitórias alcançadas. Os campos sagrado e profano se mesclam em um mesmo local e em uma mesma experiência de vida, prenhe de conflitos e possibilidades.

CULTURA POPULAR E HERANÇAS RELIGIOSAS DO CONTESTADO

A cultura popular está profundamente banhada de religiosidade, de mística e da fé do povo. Antônio Gramsci abriu as portas do marxismo para o reconhecimento dos valores da cultura popular quando disse que,

Nas manifestações da vida social e espiritual do homem comum há uma riqueza de ver, de pensar e de dizer, que nem a ciência e nem a política ainda exploraram devidamente. Com isso podemos sair de um discurso sobre o povo, sobre a cultura do povo, para um trabalho concreto de reconhecimento do que é efetivamente o modo de viver ou ser do povo. (Apud VALLE & QUEIROZ, 1979, p. 136).

Diversas imagens ou fotos de “São” João Maria são encontradas em algumas Igrejas, grutas, monumentos e em muitas casas dos descendentes do Contestado. Em torno desse santo popular, que peregrinava pela Região Sul do País, entre meados do século XIX e os primeiros anos do século XX, foi sendo

construída uma mística que serve de referência fundamental para suas vidas. Não somente os mais velhos, mas também boa parte da juventude, na atualidade, continua venerando e acreditando no poder desse santo. Sua mensagem continua sendo propagada de diferentes maneiras: não faltam *shows*, festivais, romarias, teatros e outras formas culturais e artísticas que resgatam a mensagem e a mística do Contestado e de “São” João Maria.

Existem inúmeras localidades onde se encontram marcas ou heranças de “são” João Maria ou do Contestado. Como exemplo, vale destacar uma na cidade de Porto União-SC, palco de algumas batalhas do Contestado. Naquela cidade, a uma certa altura do Morro da Cruz, há um monumento, uma gruta e uma fonte de água de “São” João Maria. Ao visitar o local, na Sexta-Feira Santa do ano de 2007, foi possível verificar que diversas pessoas, a maioria adolescentes e jovens, lá estavam, umas chegavam e outras saíam. Duas mulheres, tendo nas mãos um pequeno livro bem antigo, rezavam com uma fé ou uma devoção que arrancava admiração daqueles que as viam. Havia outra mulher e dois adolescentes – um menino e uma menina - que logo ao chegar no local se aproximaram da água que corria através de um pequeno canal e lá banharam a cabeça, o rosto, e a menina também passou água por três vezes num olho seu que estava vermelho e inflamado. A mulher explicou a uma amiga, que lá estava, que ao molhar a cabeça, a dor passava. Disse que a dor ia e voltava, fazia muitos anos, porém, quando voltava, ela logo se dirigia ao poço para molhar a cabeça e se sentia curada.

Para aprofundar a questão do valor da cultura e da religiosidade popular herdadas pelos jovens e por eles transmitidas para as próximas gerações, é preciso lembrar que o pensamento marxista “pré-gramsciano” e o próprio pensamento de Gramsci sobre a cultura e a religiosidade popular não conseguiu romper com os dogmas do materialismo e do economicismo tradicional, em que as coisas estavam bem definidas: havia a classe dominante que, de forma autoritária, impunha a sua cultura, a cultura burguesa, elitista, erudita, ilustrada, avançada e científica. Era a cultura dos “cultos” e a sua cultura era a “única”. Nesse espaço, habitavam o intelectual burguês e o intelectual orgânico. O primeiro era o que reproduzia a cultura dominante, dando-lhe sustentação e legitimidade; e o segundo era uma espécie de “convertido” à causa da classe trabalhadora e responsável pelo seu

processo de organização e “pensamento estratégico” enquanto classe que deveria fazer a revolução. Antes de o povo se deixar “formatar” pelos intelectuais orgânicos “no processo de formação, enquanto classe”, esse povo era simplesmente denominado de massa: povo disperso, dominado, alienado, manipulado, incapaz, conservador e ignorante. Não sendo culto, também não poderia ter cultura. O que tinha era uma espécie de capacidade de apropriação, interiorização e reprodução da cultura e da ideologia dominantes. E essa experiência de receptor passivo da cultura dominante era denominada de cultura popular.

Para as elites intelectuais da época, essa cultura popular “permitida” devia também ser controlada, pois ela corria o risco de se tornar heterogênea e sair dos limites da conformidade com a cultura “universal” e “homogênea”. Diversos pesquisadores eram enviados “em missão” junto aos povos denominados por eles de “primitivos” e, também, junto aos povos atrasados ou em desenvolvimento. Assim, ao estudarem a cultura e a religião destes povos, assustavam-se com os aspectos de barbárie neles existentes ou fascinavam-se com as coisas exóticas que encontravam. O máximo que conseguiam ver nessas culturas era um grande leque de superstições e misticismo, de crenças absurdas e infantis, de símbolos, ritos e danças exóticas ou esquisitas, que mais se pareciam com estados alterados da consciência ou esquizofrenias, mas era preciso saber o que se passava nesse “outro” mundo.

Os primeiros escritos sobre o Contestado muito bem souberam reproduzir essa versão da cultura popular. Sejam os sacerdotes franciscanos, sejam os militares ou, ainda, os intelectuais da primeira metade do século XX, nenhum conseguiu romper com essa concepção da religiosidade popular do Contestado como sinônimo de barbárie e fanatismo. É claro que há ambiguidades nos primeiros escritos publicados sobre o Contestado. Como foi o caso do próprio Capitão Matos Costa que era, na época do Contestado, responsável para guarnecer a região de Canoinhas e União da Vitória. Ele afirmou que “a revolta do Contestado é apenas uma insurreição de sertanejos espoliados das suas terras, dos seus direitos, da sua segurança”. Ele afirmou também que o problema estava na ignorância, na falta de instrução e de justiça. (PEIXOTO, 1916, p. p.94; TOMAZI, 2005, p. 408).

Quando se pensa a cultura diretamente a partir do conceito de classes

“burguesia x classe subalterna” ou a partir da lógica do poder “dominantes x dominados”, normalmente o que recebe maior espaço nos textos ou livros é a classe dominante/burguesa, mesmo que para ser criticada. “Falem mal, mas falem de mim!” O problema é que desmontar ou desconstruir o pensamento dominante de uma época, não significa necessariamente elevar os dominados ou emancipá-los; ao contrário, significa reconhecer que diante do poder dominante, aos dominados resta somente gritar e serem dominados. Ao fazer a crítica do poder elitista e burguês, nem sempre se estaria desconstruindo-o e, desconstruí-lo, nem sempre significa que algo eminentemente novo teria o seu lugar.

Novas perspectivas de compreensão da cultura popular emergiram, especialmente, a partir do final da década de 1980, quando essa perspectiva teórica entrou em crise. Aos poucos, foram surgindo novas formas de pensar o presente, de interpretar a história, de ressignificar as devoções, os ritos populares, os mitos e as utopias. Assim sendo, também o catolicismo, a religiosidade e a cultura populares foram recebendo novas abordagens ou, pelo menos, novas significações e considerações. Os conceitos de fragmentariedade e de ambiguidade da cultura popular foram ganhando espaço e recebendo crescentes considerações de positividade. Para Wanderley, “as experiências significativas de educação popular na América Latina e no Brasil comprovaram que o povo sabe acumular historicamente; tem sua sabedoria, suas formas de expressão próprias, sua lógica do mundo cotidiano, sua simbologia e sua linguagem. O surgimento da consciência crítica parte desse saber popular [...]” (VALLE & QUEIROZ, 1979, p. 74).

Clifford Geertz prioriza a questão da cultura como um contexto especial, no qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, instituições e processos podem ser vistos “com densidade”. Para ele, na base da conflitividade política está a conflitividade cultural. Ao estudar a cultura, ele prioriza a dimensão simbólica e propõe que o conhecimento da religião não seja um olhar “de fora”, mas um olhar a partir de dentro da própria perspectiva religiosa.

Falar de “perspectiva religiosa” é, por definição, falar de uma perspectiva entre outras. Uma perspectiva é um modo de ver, no sentido mais amplo de “ver” como significando “discernir”, “apreender”, “compreender”, “entender”. É uma forma particular de olhar a vida, uma maneira particular de construir o mundo, como quando falamos de uma perspectiva histórica, uma perspectiva científica, uma perspectiva estética [...]. (GEERTZ, 1989, p. 126)

Alba Zaluar, após anos de convivência, estudos e experiências junto às periferias urbanas, mais propriamente junto aos jovens da Cidade de Deus, na periferia da cidade do Rio de Janeiro, percebeu que havia algo de incontrolável por parte dos jovens diante da violência praticada nas periferias cariocas. Havia uma engrenagem envolvendo quadrilhas, traficantes e polícia que os jovens não controlavam. (ZALUAR, 1994, p. 21s). Apesar desse lado incontrolável da violência, ela também encontrou, entre os jovens e, mais amplamente, no senso comum, um grande dinamismo: instável, propenso à mudança, algo que não é meramente receptivo e não está cristalizado. Percebeu que é na própria fragmentariedade que está a força da resistência popular. Também percebeu que “a ideologia dominante não é homogênea e não consegue se impor de maneira absoluta. Para que uma ideia se efetive no meio popular, ela precisa passar por intensas negociações e conflitos”. Alba entende a cultura como “estrutura de significado socializada pela qual as pessoas dão forma à sua existência cotidiana”. Alba, ao observar o “pensamento” religioso-popular, junto à Cidade de Deus, concluiu que

O desembaraço com que misturavam diferentes tradições religiosas sem o menor cuidado com a ortodoxia tão cara aos puristas, seja do candomblé, seja do catolicismo, a fim de comporem a sua visão de mundo, só pode ser comparado com a facilidade com que lançavam mão de inúmeras instâncias de mediação entre eles e o resto da sociedade na defesa de sua capacidade de sobreviver. Difícil, portanto, reduzir esse pensar a um sistema preestabelecido e fixo de conteúdos culturais explicados em uma instância pela sua posição subalterna ou dominada no processo de produção ou como prisioneiros de uma prática vista na tradição estruturalista como mera execução de um código subjacente. (ZALUAR, 1985, p. 29)

Os jovens e toda a cultura popular são portadores e herdeiros de uma “intuição-cheia-de-fé” que lhes permite sentir se algo é, ou não, verdadeiro *vis-à-vis* ao Evangelho, ou se alguém age, ou não, de acordo com o Evangelho cristão e com “a regra de ouro” dos princípios e mandamentos mais elevados. A intuição lhes permite sentir se seus líderes estão, ou não, vivendo aquilo que anunciam. Essa intuição “cheia de fé” origina-se do encontro das mais elevadas aspirações e utopias humanas, cujo protagonista, segundo o catolicismo popular, é o próprio Espírito Santo, e, sendo assim, essas intuições caminham para a infalibilidade. O povo tem uma profunda convicção que lhe faz conceber a verdade de maneira infalível e isso pode se traduzir a ele numa espécie de fanatismo. Esse incorpora o problema da certeza da vitória, inerente às suas lutas, tal como foi vivida no Contestado. A

tentação desse critério é considerar que seja possível encontrar essa intuição-cheia-de-fé em estado puro. Para isso, faz-se necessário alertar para o fato de que a própria revelação divina sempre reserva para si algo “ainda não revelado”, misterioso, escondido. (ESPIN, 2000, p. 120s).

A mística dos jovens do Contestado se fundamenta na experiência da cruz, do crucificado, do derrotado, do sofrimento. A esperança de vitória final passa pela experiência da dor, da resistência, do enfrentamento, da luta e da teimosia na crença de que alternativas existem e que outro mundo é possível. Deus nem sempre é citado ou evidenciado porque Ele foi reconduzido mais à esfera do privado. São poucos os espaços de mística em que fica explícita a presença de Deus: é mais o ser humano que é contemplado e são os grandes mártires e lutadores do passado que são venerados ou referendados, mas quando Deus é colocado no centro, Ele é visto como aquele que, por um lado, permite o sofrimento e leva os sofredores a aprenderem a lidar com Ele, a não desesperar, a aguentar, até que for possível, a esperar contra toda a esperança; por outro, esse mesmo Deus é aquele que, sendo misericordioso, perdoa os pecados, dá poder, força e encorajamento aos jovens a fim de que estejam sempre animados na construção de um outro mundo possível ou do próprio reino de Deus e, nesse caminho, a não aceitar o sofrimento, a lutar contra todo o tipo de violência, idolatria, sacrificalismo, opressão e agressão à vida.

HERANÇAS E PROJETOS DO CONTESTADO EM LIDERANÇAS JOVENS CATARINENSES

Os descendentes do Contestado continuam sendo desprezados culturalmente, empobrecidos economicamente, manipulados politicamente e desconsiderados religiosamente e os primeiros a sentirem isso na própria pele. São os jovens, ao procurarem o primeiro emprego, ao tentarem ingressar numa universidade pública, ao serem presos mesmo sem terem cometido qualquer delito. São os jovens, descendentes do Contestado, os primeiros a sofrerem os efeitos de uma sociedade violenta. As agressões e o medo de falar, morrer e sonhar, herdados do Contestado, continuam ainda hoje presentes. Termos discriminatórios de outrora continuam dominando o imaginário de boa parte da população dos descendentes do Contestado, tais como: “fanáticos”, “ignorantes”, “monstros”, “imbecis”, “violentos”,

“criminosos”, “desordeiros”, “não merecedores de confiança”, “malfeitores”, “ladrões”, “impatrióticos”, “vagabundos”. Assim, a realidade de medo, perseguição, violência e sofrimento em que se encontra a grande maioria dos descendentes do Contestado, continua sendo “legítima” ou “natural”.

Atualmente, são inúmeras as expressões juvenis de resgate da memória do Contestado. Dentre as organizações juvenis que valorizam e debatem o Contestado, em diversas de suas atividades, destacam-se as que trabalham artes e jogos semelhantes àqueles organizados por Hutu. Apenas para citar três exemplos: estudantes da Universidade do Contestado constituíram o grupo teatral de nome “Temporá” e apresentam, desde o ano de 1992, uma peça teatral sobre o Contestado em diversos municípios da região; diversos grupos das Pastorais da Juventude promovem encontros e festivais, tal como o Festicontestado, contemplando diversas modalidades artísticas, inclusive músicas e poesias inéditas sobre o Contestado; grupos ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, como o “Tampa de Panela”, também estão apresentando uma peça teatral, de autoria própria, sobre o Contestado.

Diferentemente das outras construções teóricas que preferem deixar parado no “mundo inferior”, jovens descendentes do Contestado procuram ver neste evento, não uma coisa do passado sem relação com a realidade atual, tal como o fazem os donos dos meios de produção, das terras e águas, das indústrias e empreendimentos capitalistas diversos, nem como objeto de negócios, de finalidades lucrativas como o fazem agentes de turismo, dirigentes de certas universidades e donos de meios de comunicação de massa que ressignificam o Contestado, tornando-o mercadoria; mas sim como uma referência utópica, como uma herança cultural e religiosa preta de sabedoria que se atualiza e se faz presente nas diferentes organizações populares e juvenis, nas suas formas de resistência diante da opressão e na busca de alternativas, diante das violências e sofrimentos que lhes são impostos, e em vista de um outro mundo possível.

Os jovens, descendentes do Contestado, por um lado, têm sido vítimas de um sistema opressor e geralmente sobrevivem em realidades “inferiores” à média geral; por outro, procuram ser sujeitos da história, em iniciativas que refletem diferentes expressões juvenis, uma realidade múltipla, fundada em representações

coletivas e individuais diversas. Geralmente, em suas iniciativas, eles fazem memória do Contestado, dando, com isso, sentido à realidade presente e à luta por uma outra sociedade possível.

Pesquisas atuais (Cf. TOMAZI, 2011) demonstram que muitos jovens, filhos e herdeiros do Contestado, continuam padecendo, praticamente, os mesmos sofrimentos e, também, lutando e sonhando de forma semelhante ao que fizeram jovens de outrora. O Contestado deixou grandes marcas no corpo e na alma dos avós, dessa gente. Foi um dos maiores conflitos armados da história do Brasil, acontecido num momento em que o imperialismo estadunidense, juntamente com as empresas de colonização e os coronéis, apoiados pelo governo republicano da época, que aqui se instalaram para devastar a região, saquear as riquezas e engordar seus lucros. Para isso, inventaram essa guerra no intuito de acabar com as culturas locais nativas e com o povo caboclo, indígena e negro que habitava este chão, pois esse povo era visto como ignorante, supersticioso, preguiçoso, pré-moderno e incapaz de desenvolver o País e, por isso, deveria desaparecer, ser liquidado. A região deveria ficar desabitada, a fim de que pudessem aí habitar os colonos euro-descendentes que, em breve, viriam do Rio Grande do Sul e, também, da Europa e dos Estados Unidos. Esse povo, contudo, não aceitou tal projeto e, reunindo-se em redutos, normalmente liderados por jovens, resistiu até a morte na busca de direitos, reconhecimento, terra e dignidade. Essa guerra continua ainda hoje a influenciar a vida, a cultura e a religiosidade do povo da região e, especialmente, dos jovens que continuam sendo as principais vítimas do atual sistema que, como outrora, é excludente, opressor e violento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religiosidade popular do Contestado filtrou e incorporou, além de elementos do catolicismo popular, diversos outros das tradições de origem africana, indígenas e, mais recentemente, também alguns aspectos de tradições religiosas orientais. Assim, essa religiosidade popular é uma espécie de “síntese religiosa” do povo, sempre ressignificada pelas novas gerações. Essa religiosidade traz as marcas de sua história, de suas raízes ibéricas e da conquista traumática de ameríndios e escravos africanos pelos cristãos. Ainda revela as expressões de

desespero dos derrotados e de sua esperança por justiça. A sobrevivência dessa religiosidade popular aparece, hoje, como a linguagem duradoura de um povo subjugado, derrotado, esperançoso. Religiosa em expressão, conteúdo e experiência, tal linguagem, há muito, é o código pelo qual esperança e coragem são compartilhadas e mantidas como plausíveis por gerações de caboclos e outros descendentes do Contestado.

No Contestado, ainda hoje, há uma riqueza de símbolos e ritos que se traduzem em uma mística que procura levar as pessoas à irmandade, ao encorajamento, à solidariedade, à vida comunitária, ao altruísmo com relação às vítimas do passado e do presente. Dela não germina a crença em um deus poderoso, machista, conquistador e violento. A religiosidade dos jovens é festiva. Festeja, antecipando simbolicamente o que se sonha, espera-se e luta-se. Nessa mística, procura-se incorporar, de maneira equilibrada, razão, contemplação, emoção e práxis transformadora. A realidade não escapa da fé e da mística, por mais que olhe para o alto, procura ter os pés no chão. Sendo assim, depreciar a fé e a mística dos jovens do Contestado não é apenas mais um erro teórico, como aquele dos que de primeira mão escreveram a respeito; é, também, mais uma forma de “limpeza de área”, de genocídio. Destruir a fé, ridicularizar as crenças, menosprezar a mística é destruir a vida, muitas vidas; é calar quem quer falar; é silenciar o próprio Espírito Vivificador presente na realidade e na vida do povo. Ao considerar e reconhecer o valor dessa fé e dessa mística, estar-se-iam abrindo as portas para a superação do darwinismo socioeconômico, do malthusianismo (da sua teoria populacional) e do niilismo epistemológico das ciências. A mística e a fé dos jovens é prenhe de sabedoria e esperança. A partir delas, aprendem a lidar com o sofrimento e a lutar para eliminá-lo, dando assim um novo sentido às suas vidas, às suas lutas e às suas diferentes formas de convivência e organização.

Atualmente, grande parte dos descendentes do Contestado vive numa situação de miséria, violência, desemprego e analfabetismo, porém, mesmo vivendo nessa situação e sendo herdeiros de uma luta inglória, há algo que os move, que faz com que continuem confiando na vida, que oferece um sentido à sua história e não os deixa desesperar. E isso pode ser chamado de mística. Por meio dela, há todo um empenho dos jovens, dos “sem poder”, dos “sem-terra” e dos “sem-direitos” para

explicar, justificar e, de algum modo, controlar e enfrentar a atual realidade social que lhes é inaceitável.

Em relação à comemoração dos 100 anos do Contestado, percebe-se que os jovens entrevistados questionam a dimensão festiva inerente à palavra comemoração e sugerem um processo de valorização e resgate da memória popular e da resistência dos antepassados, com celebrações, visando o fortalecimento e a articulação dos movimentos populares e das organizações juvenis, tratando do Contestado como um marco histórico para a construção de uma vida igualitária, solidária e ecologicamente sustentável e saudável, resgatando dívidas sociais e combatendo a ideologia triunfalista neoliberal, mercadológica e turística que vem se impondo contra o espírito do Contestado. Para isso, sugerem-se muitas iniciativas ou fortalecimento de processos já existentes, tais como a luta pela terra e reforma agrária, encontros, seminários, festivais, debates, fóruns, atividades culturais, pesquisas, publicações, romarias e projetos de lei que valorizem e garantam um conhecimento maior dos estudantes e do povo sobre a história do Contestado.

REFERÊNCIAS

- ESPIN, Orlando. **A fé do povo**. Reflexões teológicas sobre o catolicismo popular. São Paulo: Paulinas, 2000.
- FELIPPE, J. Euclides. **O último Jagunço**: folclore na história do Contestado. Curitiba-SC: Universidade do Contestado, 1995.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MACHADO, Paulo P. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Unicamp, 2004.
- PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**: episódios e impressões. Rio de Janeiro, 1916.
- QUEIROZ, J. José (Org.). **A religiosidade do povo**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- RIBEIRO, Helcion. **Da periferia um povo se levanta**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- RIBEIRO, Helcion. **Religiosidade popular no Contestado**. Encontros Teológicos, Florianópolis, n. 1, p. 10-15, 1989.
- TOMAZI, Gilberto. **A mística do Contestado**, a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado. Xanxere-SC: News Print, 2010.

TOMAZI, Gilberto. **A Mística do Contestado**: a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC, São Paulo. Disponível em http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=639

TOMAZI, Gilberto. **Protagonismo juvenil**: conexões e heranças culturais e religiosas do Contestado, 2011. Tese (doutorado em Ciências da Religião) PUC, São Paulo. Disponível em <http://www.sapientia.pucsp.br/>

VALENTINI, D. J. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. Caçador-SC: UnC, 1998.

VALLE, Edênio; QUEIROZ, José J. **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez & Morais-EDUC. CIEE, PUCSP; n.1. 1979.

VASCONCELLOS, Pedro L. **Terra das promessas, Jerusalém maldita**: memórias bíblicas sobre Belo Monte (Canudos), 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) PUC, São Paulo.

VINHAS DE QUEIROZ, M. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta** – As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan-Ed. UFRJ, 1994.

**RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS - EDUCAÇÃO AMBIENTAL VERSUS
IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS: ESTUDO DE CASO DA ÁREA CENTRAL DE
SÃO LUDGERO (SC)**

*Municipal Solid Waste - Environmental Education Versus Environmental Impacts: a
Case Study of Central Area of São Ludgero (SC)*

Fábio Boeing¹
Marioly Oze Mendes²
Alcionê Damasio Cardoso³

Recebido em: 16 out. 2012
Aceito em: 13 dez. 2013

RESUMO

Essa pesquisa investigou a forma como acontece a segregação dos resíduos na área central de uma pequena cidade no sul catarinense, São Ludgero, com 10.951 habitantes (segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE, 2010). O órgão competente do município informa que a área central do local onde se realizou o estudo, possui 543 residências. Assim, buscou-se identificar o comportamento da população diante a forma adequada de destino dos resíduos, quais seus interesses e preocupações com o assunto e, sobretudo, investigar a consciência destes sobre as consequências socioambientais advindas do problema. Ao observar-se o crescimento populacional, o aumento nos índices de consumo e, conseqüentemente o crescimento de resíduos, verificou-se que esses poderiam ser reaproveitados, contudo, o desinteresse geral inviabiliza a consolidação de políticas racionais.

Palavras-chave: Resíduos sólidos urbanos. Segregação na origem e destino dos resíduos. Consciência ambiental. Meio ambiente, sociedade e desenvolvimento.

ABSTRACT

This research investigated how waste segregation occurs in the central area of a small town in southern Santa Catarina, São Ludgero, with 10,951 inhabitants, according to the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE, 2010). However, the national authority of the municipality informs the central area of the city,

¹ Geógrafo, Especialista em Gestão Ambiental e Mestre em Ciências Ambientais, Coordenador de Pesquisa e professor do Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE. Contato: pesquisa@unibave.net

² Bacharel em Direito, Administrador (CRA/SC 600476) e Mestre em Gestão de Políticas Públicas: Instituições, Cultura e Sustentabilidade e professor do Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE. Contato: www.marioly.com.br

³ Pedagogo, Mestre em Educação, Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão e professor do Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE. Contato: alcioned@brturbo.com.br.

where the study was conducted, has 543 homes. Thus, we sought to identify the behavior of the population on the proper way of disposal of waste, what their interests and concerns with the subject, and especially those investigating consciousness about the environmental consequences resulting from the problem. When we look at the population growth, the increase in consumption rates and consequently the growth of waste, we found that these could be reused, however, the general disinterest prevents the consolidation of rational policies.

Keywords: Municipal solid waste. Segregation at source and destination of the waste. Environmental awareness. Environment, society and development.

INTRODUÇÃO

Com a crescente urbanização pós-Revolução Industrial, a produção de resíduos tornou-se um problema de difícil solução. O mercado tem acentuado os níveis de consumismo a grandes proporções, induzindo a população a comprar cada vez mais, porém, sem haver necessidade, aumentando consideravelmente o volume e a diversidade de resíduos gerados nas áreas urbanas.

Vive-se em uma sociedade onde parcelas cada vez maiores de resíduos são inutilizadas e descartadas muito rapidamente, tal fenômeno se verifica com a utilização de produtos simples de nosso cotidiano e, também, com o descarte de equipamentos eletrônicos. Com essa postura, gera-se o aumento da quantidade de resíduos e a diminuição de espaço para descarte adequado dos mesmos.

A expressiva produção de resíduos se verifica, sobretudo, pelo crescimento das cidades, tendo em vista que esse fenômeno, muitas vezes, efetua-se de forma desordenada pela inexistência de um Plano Diretor, que conduza o desenvolvimento da cidade, reorganizando seu crescimento com respeito às questões ambientais do território. O Plano Diretor consiste no principal documento da política de desenvolvimento e expansão urbana definido pela Lei nº 10.257/01 do “Estatuto da Cidade”. Portanto o desenfreado crescimento de muitas cidades brasileiras e sua consequente produção exacerbada de resíduos com destinos inadequados têm se configurado como potencial fonte de exploração de recursos naturais e, sobretudo, de degradação do meio ambiente.

Os estudos e pesquisas socioambientais que abordam os aspectos urbanísticos são ricos e vastos ao se tratar de cidades médias, grandes e, sobretudo de metrópoles. Contudo, há uma lacuna a ser preenchida pelas ciências ambientais

e sociais no sentido de desenvolver estudos sobre cidades de pequeno porte. Cabe ressaltar, aqui, que a região Sul de Santa Catarina é composta por uma rede urbana constituída por cidades pequenas e muito próximas, que estão interligadas e, que, apesar disso, esse complexo mosaico de paisagens urbanas podem ter uma potencial produção de resíduos. Assim, se se considerarem essas pequenas cidades não como unidades isoladas, mas como um conjunto de espaços urbanos já representativos e entrelaçados, haverá uma geração de resíduos que equivale à produção desses em cidades médias e grandes, comparativamente falando.

Sobretudo, é importante destacar Dias (2002) ao relatar que em uma rede urbana constituída por proximidade das urbes, os resíduos, ao saírem de uma cidade, entram em outra, sendo seu principal meio de veiculação os rios, poluindo-os conseqüentemente.

Portanto, o conjunto de cidades com população inferior a cinquenta mil habitantes merece atenção especial pelo Poder Público nas esferas municipal, estadual e nacional, caso haja o interesse em promover nessas, antes que seja tarde, um crescimento ordenado, alicerçado nos padrões da sustentabilidade.

Assim, dedicou-se, neste estudo, a uma investigação sobre a segregação de resíduos sólidos e a percepção que a população de São Ludgero possui sobre os impactos socioambientais produzidos pelo descarte incorreto de tais recursos que poderiam ser reutilizados pela cadeia industrial.

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL: FENÔMENO SOCIOECONÔMICO QUE INTENSIFICA A DEGRADAÇÃO SOCIOAMBIENTAL URBANA

A contaminação do meio ambiente é um dos mais graves problemas a ser enfrentado pela humanidade atualmente. Embora não seja esse um fenômeno recente, os processos de degradação das qualidades naturais do meio ambiente têm se intensificado substancialmente com o advento da Revolução Industrial, que consiste no nascimento da indústria na Inglaterra mediante a utilização do carvão mineral como matriz energética. A partir da gênese desse fenômeno socioeconômico, o crescimento industrial e demográfico, aliado ao consumo maciço de recursos e energia, conduziu elevados índices de externalidades negativas ao

meio ambiente. Todavia, essa imensa quantidade de resíduos que se intensifica cada vez com maior potencial destruidor ao não ser assimilada pela natureza, coloca em risco o equilíbrio termodinâmico dos ecossistemas e, sobretudo, a própria vida das sociedades humanas.

Portanto, podem-se descrever, aqui, várias maneiras de poluição ambiental identificadas pela ciência. Está-se certos de que todas são gravíssimas, pois cada uma possui o poder de alterar de forma particular a qualidade ambiental. Dentre essas ações de poluição sedimentadas pelas ações antrópicas ao longo de sua história, destacam-se como grandes vilãs: a poluição atmosférica, das águas superficiais e subterrâneas (doces e salgadas), a poluição e impermeabilização do solo e a supressão da vegetação. Contudo, essas severas formas de poluir, produziram eventos desagradáveis, identificados pela ciência como chuva ácida, destruição da camada de ozônio, aquecimento global, ilhas de temperatura, dentre outras. Boeing (2010) cita, como um dos grandes vilões desses fenômenos ambientais, a produção incessante de resíduos nas áreas urbanas, que se configuram com a ocupação de espaços de dimensões cada vez maiores no planeta. Assunto central do próximo capítulo.

PREOCUPAÇÕES ACERCA DO MEIO AMBIENTE

Silveira (1997) destaca que a qualidade do meio ambiente constitui atualmente uma das grandes preocupações mundiais, sendo abordado esse tema nos mais diversos tipos de instituições e, sobretudo, nos meios políticos e acadêmicos. A preocupação da humanidade com as questões ambientais se faz presente em discursos, pesquisas, eventos acadêmicos e tomadas de decisões em países desenvolvidos, subdesenvolvidos e em vias de desenvolvimento. Todavia, essa gama de apreensão diante dos elevados níveis de degradação que a espécie humana tem gerado aos ecossistemas naturais e às próprias cidades nas últimas décadas. Contudo, as grandes responsáveis por essa triste realidade são as próprias organizações que, na maioria das vezes, não se posicionam com compostura e ética ambiental.

Como se esta descrevendo sobre meio ambiente, é relevante destacar o seu conceito, bem como o de impacto ambiental para alguns autores.

Laurousse (1992, p. 733) enfatiza que meio ambiente é o conjunto de fatores exteriores que agem de forma permanente sobre os seres vivos, aos quais os organismos devem se adaptar e com os quais têm de interagir para sobreviver, conjunto de condições termométricas e hidrométricas de um local.

Conforme o artigo 3º da Lei nº 6.938, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, meio ambiente é o conjunto de decisões, leis, interações de ordem física e biológica, que permite abrigar e reger a vida em todas as suas formas.

Já o termo “impacto ambiental” é definido por Sánchez (2008) como: “[...] a alteração da qualidade ambiental, que resulta da modificação de processos naturais ou sociais provocado por ação humana.”.

Como ainda se está discorrendo sobre impactos ambientais, convém inserir-se o conceito estabelecido pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), que define impacto ambiental como:

[...] qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio causadas por quaisquer formas de matéria ou energia resultantes das atividades humanas, que, direta ou indiretamente, afetem: a saúde, a segurança, e o bem estar da população, as atividades sociais e econômicas, a biota, as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente, a qualidade dos recursos ambientais (CONAMA, 2007).

Para Sánchez (2008), a locução “impacto ambiental” é encontrada com frequência no meio midiático e no dia a dia. No sentido comum, ela é, na maioria das vezes, associada a algum dano a natureza. No entanto, como o conjunto de fatores naturais e socioculturais estabelece conexão, constituindo a “teia da vida”, podem-se identificar os danos à natureza como danos ao homem e, sobretudo, como impactos ambientais as ações antropogênicas que degeneram a qualidade do meio ambiente natural, artificial e cultural.

As cidades, por exemplo, constituem uma formação socioespacial dinâmica, com constante transformação de seu espaço, são os maiores responsáveis pela produção de impactos ambientais. Portanto, Sánchez (2008) também relata que os impactos ambientais nem sempre são de natureza negativa, podendo esses influenciar positivamente o meio ambiente. Contudo, a produção de resíduos pelas sociedades humanas é, talvez, a face mais visível de efeitos adversos ao meio

ambiente.

PRODUÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS E SUAS ENTROPIAS AO MEIO AMBIENTE

A palavra lixo é derivada do termo latim *lix*, que significa "cinza". No dicionário, é definida como sujeira, imundice, coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor. Lixo, na linguagem técnica, é sinônimo de resíduo sólido e simbolizado por materiais, a princípio, sem valor e, portanto, descartados pelas atividades humanas. Contudo, esses resíduos que, *a priori*, se carregam com conotação de inutilidade, podem ser reaproveitados pela indústria, sofrer beneficiamento e, posteriormente, retornar ao mercado sob forma de nova mercadoria. A verdade é que com o exponencial crescimento demográfico, a intensificação na produção de resíduos tem-se tornado uma triste realidade no meio urbano.

Desde o surgimento dos primeiros centros urbanos, a produção de resíduos se apresenta como um problema difícil de ser solucionado. Com a intensificação dos fluxos migratórios de trabalhadores do campo para a cidade, nas últimas décadas, aumentou também a produção de resíduos de diferentes naturezas, os quais constituem-se atualmente numa das principais fontes de degradação do meio ambiente e preocupação por parte do poder público.

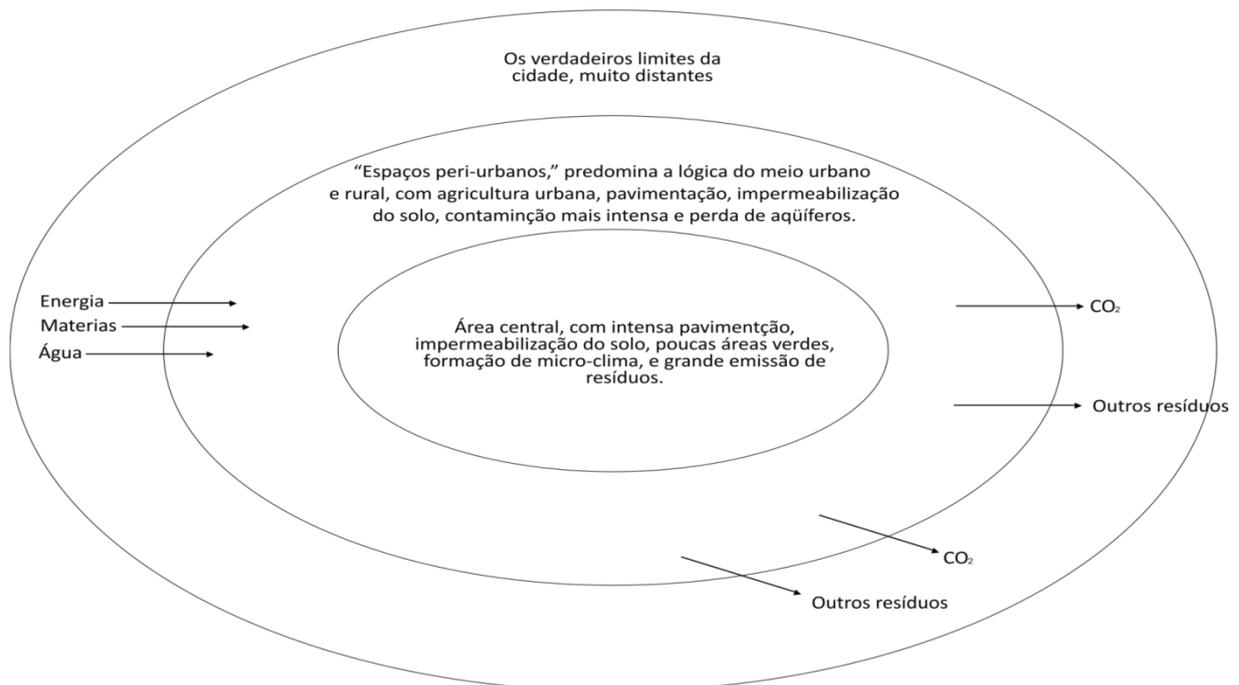
A partir da Revolução Industrial, que consiste no nascimento da indústria nas cidades inglesas, as fábricas começaram a produzir objetos de consumo em larga escala e a introduzir novas embalagens no mercado, aumentando consideravelmente o volume e a diversidade de resíduos gerados nas áreas urbanas. O ser humano iniciou nesse momento a era dos descartáveis, no qual a maior parte dos produtos - desde guardanapos de papel e latas de refrigerantes até computadores são inutilizados e despejados ao meio ambiente com enorme rapidez. Ao mesmo tempo, o crescimento frenético dos centros urbanos tornou cada vez mais escassas as áreas disponíveis para se proceder o tratamento adequado aos resíduos.

Como se está descrevendo o crescimento desenfreado das cidades e os problemas agregados, a elevada taxa de urbanização no país, é oportuno destacar

Martinez-Alier (2007) quando esse menciona que é bastante vasta a escala geográfica afetada pelos elevados níveis de externalidades negativas geradas pelos ambientes urbanos. Segundo ele, os impactos ambientais desencadeados pelo metabolismo urbano transcendem o meio ambiente local, atingindo uma escala regional e, em determinados momentos, a escala planetária. Para verificar-se essas escalas de influência da degradação ambiental no espaço geográfico, basta, dentre outras atitudes, traçar a rota das emissões de CO₂ emitidos pelas chaminés industriais e veículos automotores presentes nas cidades, viajar até as adjacências do meio urbano afim de verificar reclamações devido ao ruído das vias expressas e localizar a presença de aterros sanitários e depósitos de resíduos a céu aberto, perturbando o equilíbrio dos fatores socioambientais.

Influências negativas conferidas pelo meio urbano aos espaços de entorno são eficientemente ilustradas na figura abaixo.

Figura1: A área de influência das cidades, através dos conflitos ecológicos.



Os relatos de Martinez-Alier (2007) se convergem aos de Dias (2002) ao ressaltarem que as cidades funcionam como um ecossistema aberto, realizando a aquisição de fluxos de energia e matéria, processando-as e eliminando-as ao meio sobre a forma de resíduos, causando, portanto, elevados índices de entropia.

A RELAÇÃO ENTRE CIDADE E DEGRADAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NA ESFERA DOS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS: DESAFIOS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS

Desde os tempos mais remotos até meados do século XVIII, com o advento das primeiras fábricas na Europa, os resíduos eram produzidos em pequenas quantidades e constituídos essencialmente de sobras de alimentos. Portanto, prevaleciam, diante de tal situação, os lixos de origem orgânica. Os resíduos podem ser considerados um dos problemas mais sérios a serem enfrentados por uma urbe. Como as cidades necessitam de uma quantidade considerável de energia e matéria-prima para assegurarem a manutenção de seu colossal metabolismo, essas geram enormes quantidades de resíduos que, na maioria das vezes, não são reaproveitados.

Todavia, o crescimento da população e, sobretudo, a elevação dos índices de consumo, produto do atual modelo socioeconômico, tem potencializado os problemas decorrentes da geração de resíduos. Por hábito, a sociedade em geral e gestores municipais descartam seus resíduos em ambientes impróprios, demonstrando descaso com a higiene e com os problemas decorrentes dessa situação. Escolheu-se, como exemplo, a contaminação dos recursos hídricos superficiais, subterrâneos e de outras espécies sensíveis a esses materiais rejeitados pelo homem e contra o meio ambiente, além da proliferação de insetos e micro-organismos (bactérias, fungos, vírus etc.) que promovam a veiculação de doenças.

Há determinados tipos de resíduos, como os orgânicos, compostos por restos de alimentos e outros que constituem a sua fração biodegradável. Sobretudo, existem os resíduos inorgânicos e, portanto, não biodegradáveis, que necessitam de longos períodos para serem processados pelo meio ambiente. Contudo, esses podem ser facilmente reciclados, atribuindo-lhes um novo uso social. No entanto, há também aqueles que em sua estrutura compõem-se de substâncias químicas altamente nocivas à saúde humana e ambiental, ocasionando, assim, elevados índices de entropia ao meio ambiente e sérios problemas de saúde pública. Portanto, são esses os merecedores de maiores cuidados ao serem descartados.

Os riscos causados pelo acúmulo de resíduos nas cidades são inúmeros: de

enchentes à emissão de gases tóxicos. Os sucessivos problemas decorrentes da crescente produção dessas substâncias, dá a certeza de certa inadimplência do Estado e de que uma grande parcela da sociedade ainda dispõe de deficiente educação ambiental, verificada pela ausência de lixeiras, sendo que as poucas que existem, muitas vezes, ainda são danificadas pelo vandalismo ou pela falta de cuidados da própria população. Muitas pessoas culpam os governantes pelos problemas decorrentes de resíduos e realmente há pouco investimento e planejamento nessa área. A maioria dos políticos não incentiva o desenvolvimento de projetos específicos para a preservação ambiental, principalmente quando se refere a políticas adequadas de saneamento básico, incluindo aí o destino e tratamento adequado dos resíduos sólidos urbanos.

De acordo com Souza (2010), estima-se que no Brasil são produzidos cerca de 157 mil toneladas de resíduos domiciliares diariamente, o que demonstra ser esse um problema grave e de urgente atenção. Esse número nos coloca numa posição superior ao de países europeus, pois, obviamente, deve-se considerar que a população dessas nações são expressivamente menores que a do Brasil. Mas não se deve ignorar também o maior poder de consumo dessas nações desenvolvidas, principalmente aquelas situadas na porção Ocidental do continente europeu.

Todavia, do total de resíduos domiciliares urbanos produzidos no Brasil, uma parcela expressiva tem como destino certo os lixões a céu aberto, não recebendo, portanto, destino e tratamento adequados. Assim, apenas uma pequena porcentagem desse total é destinada aos locais apropriados, os aterros sanitários, e, no caso dos resíduos hospitalares, as usinas incineradoras. Portanto, conclui-se que no advento da pós-modernidade, a atual sociedade de consumo produz uma volumosa quantidade de resíduos sólidos no meio urbano, e a situação se agrava ainda mais com a irracionalidade verificada no descarte inadequado desse material.

Os resíduos sólidos urbanos devem ser coletados, transportados e dispostos de forma correta, tanto pela população quanto pelos órgãos responsáveis, tendo, como prioridade, não causar danos ao meio ambiente e à sociedade. A população deve assegurar formas corretas de recolher esses resíduos. Quanto aos Municípios, esses devem coletar racionalmente tal material na porta das residências e conduzi-lo de forma correta aos aterros sanitários controlados, eliminando, assim, os depósitos

de resíduos que se configuram em lixões a céu aberto.

Esses compostos por possuírem enorme potencial de degradação do meio ambiente biofísico e social, impondo danos à saúde coletiva, merecem atenção especial, sobretudo por ser uma questão sanitária e de saúde pública, gerando aos governos e sociedades a penalidade de suas consequências.

Outra evidência que denuncia as responsabilidades municipais com os resíduos produzidos em suas dependências político-administrativas, expressa-se no artigo 23, inciso VI, da Constituição Federal de 1988, ao relatar “ser competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios protegerem o Meio Ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas”.

Um fator muito importante e que tem ligação direta com os resíduos sólidos urbanos é a coleta seletiva, mecanismo que traz benefícios para toda a sociedade. Contudo, para que haja seu sucesso, necessita-se também de investimentos em educação ambiental no sentido de sensibilizar a população, inserindo-a ativamente no processo de separação dos resíduos sólidos gerados em sua residência. Portanto, ao se fazer valer o eficiente funcionamento da segregação de resíduos em sua origem, a residência da população, aperfeiçoam-se as atividades de reciclagem de produtos que seriam descartados ou não reaproveitados.

Diante dessa perspectiva, Souza (2010) diz que a preservação do meio ambiente, o tratamento e o destino correto de resíduos sólidos urbanos garantem a conservação dos recursos naturais, assegurando às sociedades humanas o direito fundamental de viver em um ambiente digno e pleno de qualidade de vida e cidadania.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa que investiga o perfil da população residente na área central de São Ludgero, quanto ao destino dado aos seus resíduos bem como o nível de informação que esses possuem atinente aos problemas socioambientais decorrentes dessa situação, aplicou-se, pelos autores, uma pesquisa de campo que, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, se caracteriza como levantamento, com abordagem quantitativa do tipo descritiva na

obtenção de seus objetivos. Segundo Gil (2009), levantamento “é uma pesquisa que envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento sobre determinada realidade se deseja conhecer”. Já a classificação de pesquisa descritiva, Gil define da seguinte forma:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (GIL, 2009, p. 42).

Quanto à tipologia da pesquisa, em relação à abordagem do problema, essa se configura como uma pesquisa quantitativa. Matias-Pereira (2010) relata que os estudos que empregam uma metodologia quantitativa são definidos conforme o descrito abaixo:

Sob este enfoque tudo pode ser mensurável numericamente, ou seja, pode ser traduzido em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e técnicas estatísticas (percentagem, média, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.). (MATIAS-PEREIRA, 2010, p. 71).

A pesquisa desenvolveu-se com escolha criteriosa dos métodos mais apropriados para obtenção de seus resultados e seu desenvolvimento também disponibilizou de um levantamento de residências que há na área central de São Ludgero, identificando 543 unidades, sendo que desse total foram visitadas 32 residências, número que significa o equivalente a 5,52% de sua totalidade. Portanto, essas variáveis são mecanismos que garantem, sobretudo, a autenticidade da pesquisa.

A trajetória metodológica adotada na realização deste trabalho divide-se em três etapas. A primeira consiste na fundamentação teórica sobre o assunto abordado. Para isso, utilizaram-se, como referência, autores bem conceituados na área das ciências ambientais. A segunda etapa da pesquisa consiste no estudo de levantamento, com entrevista semi-estruturada e sua aplicação a uma parcela da população residente na área central da cidade de São Ludgero. A amostra foi composta por esses moradores por se caracterizar a área central da cidade como o espaço de residência das camadas mais abastadas dessa urbe, constituída por comerciantes, empresários, advogados, médicos, engenheiros e outros profissionais

liberais, configurando, no local, o espaço de residência da população que dispõe de maior poder de consumo. Já a terceira e última etapa da pesquisa consiste em apresentar a análise dos resultados de forma descritiva, evidenciando os percentuais obtidos na entrevista.

No questionário, destaca-se a importância da segregação dos resíduos sólidos para posterior reciclagem e reaproveitamento destes rejeitos orgânicos e inorgânicos, dentre outras abordagens. Contudo, pouco utilizou-se, no decorrer do artigo, o termo “lixo”, tendo em vista a definição de seu conceito descrito no texto, como algo não passivo de reaproveitamento. Assim, a palavra lixo raramente aparece no corpo do trabalho. Mas, nas perguntas de pesquisa, utilizou-se dela pois, assim, o pesquisador se posiciona utilizando termo comum à população entrevistada, não correndo o risco de se dirigir ao entrevistado com uma palavra desconhecida, caso esse desconheça o significado da expressão “resíduos sólidos”.

A interpretação dos dados obtidos com a pesquisa se deu por meio da análise dos conceitos-chave elencados no referencial teórico e no repertório dos entrevistados. Portanto, essas informações foram base de subsídios para os questionamentos obterem respostas aos objetivos da pesquisa.

RESULTADOS OBTIDOS NAS ENTREVISTAS

A construção da pesquisa se efetivou, em sua 2ª etapa, por uma entrevista semiestruturada aplicada a parcela da população que reside na área central da cidade. Sua estruturação se fez com nove perguntas de pesquisa identificadas abaixo com seus respectivos resultados obtidos. Portanto, segue em destaque a seguir a descrição mensurando os percentuais que identificam os resultados concernentes a essa fase da pesquisa.

Ao investigar-se sobre a quantidade de pessoas que habitam as residências, identificou-se que 50% dessas possuem quatro ou mais moradores, 31,8% abrigam três moradores e 18,2% das residências são habitadas por apenas duas pessoas.

Na obtenção dos resultados efetuados com a segunda pergunta de pesquisa, que consiste em verificar o destino dado aos resíduos sólidos das residências na área de estudo, obtiveram-se os seguintes resultados: a maioria,

representada por 72,7% destinam seus resíduos sólidos domiciliares recicláveis a catadores de lixo, sendo que 22,8% realizam a coleta seletiva com posterior destino desse material efetuado por caminhões que as recolhem. Contudo, do total da população abordada na pesquisa, 4,5% não responderam à entrevista.

A terceira questão efetuada na pesquisa consiste em identificar se há aproveitamento nas residências de materiais inorgânicos, tais como: vidros de maionese, de café, sacolas de supermercado e caixinhas de leite. As respostas demonstram que 59,1% dos entrevistados realizam o aproveitamento desses materiais e 40,9% descartam estes materiais sem nenhum tipo de reaproveitamento.

Na questão seguinte, procurou-se identificar o percentual dessas residências que pretendem diminuir a produção de resíduos sólidos domiciliares. As respostas obtidas se expressam nos seguintes percentuais: a grande maioria, representado por 77% das pessoas, respondeu que sim, seguido de 13,7% que responderam nunca terem pensado a respeito e 4,8% responderam que não pretendem realizar a redução na produção desses resíduos. As pessoas que se negaram a responder a entrevista somam 4,5% dos entrevistados.

Ao abordar-se, na entrevista, a pergunta sobre visitação de um depósito de lixo a céu aberto ou aterro sanitário que desempenhe a separação de resíduos para reciclar, a grande maioria dos interrogados, 90,9%, respondeu que nunca visitou essas formas adotadas para dar destino ao lixo. Portanto, apenas 9,1%, parcela quase inexpressiva da população abordada, já realizaram visitas a aterros sanitários e lixões a céu aberto. Logo, concluí-se que várias pessoas entrevistadas, possuem pouco conhecimento sobre as formas corretas de destino do lixo e, sobretudo, que esse ao ser abandonado a céu aberto confere sérios impactos ao meio biofísico e social.

Na questão que interroga os entrevistados sobre o conhecimento de algum catador de lixo, as respostas obtidas foram as seguintes: parcela expressiva da população, representada por 63,6%, respondeu conhecer pelo menos um catador de lixo, enquanto que, 36,4% responderam não conhecer nenhum catador de lixo.

A questão seguinte que pretende saber da população abordada se essas sabem o que é coleta seletiva, as respostas obtidas foram “sim” para todos os entrevistados.

Na questão que interroga se os entrevistados possuem conhecimento que o destino inadequado dos resíduos pode resultar em prejuízo ao meio ambiente, a resposta “sim” representou 94,4% dos entrevistados, portanto, 5,6% das pessoas abordadas responderam não saber que o destino inadequado desses resíduos promove a degradação ambiental. Sobretudo, conclui-se com essa questão que há um bom nível de conscientização dos problemas socioambientais decorrentes do destino inadequado dos resíduos sólidos residenciais.

Também, abordaram-se os 94,4% da população que demonstraram anteriormente saber que o destino incorreto dos resíduos sólidos urbanos trazem danos ao meio ambiente em suas esferas físicas, biológicas e socioculturais. Nessa abordagem, interrogou-se sobre o conhecimento acerca das consequências decorrentes desse descaso com o lixo urbano. Os resultados obtidos foram 81% de respostas afirmativas, 6% das respostas denunciavam o não conhecimento das consequências advindas desse problema e 13% não responderam à questão.

Portanto, identificou-se, por meio dessas perguntas de pesquisa, que uma parcela considerável da população abordada dispõe de conhecimentos relevantes atinentes à problemática socioambiental decorrente do excesso na produção de lixo e, sobretudo, do destino incorreto conferido a esse material altamente nocivo ao equilíbrio das relações ecológicas e socioeconômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, as questões ambientais conquistaram posição de destaque na mídia e nos demais segmentos da sociedade. A partir dessa nova preocupação que se consolidou no espaço político e social, tem-se a existência de pressões legais na busca pela sustentabilidade. Essas cobranças, por sua vez, estimularam instituições das mais diversas áreas de atuação e a própria sociedade em geral a demonstrar atenção especial com as questões atinentes ao meio ambiente.

O planeta Terra, em seus momentos atuais, é constituído por ecossistemas naturais dos mais diversos tipos e padrões, ecossistemas agrícolas e socioecossistemas urbanos, sendo estes últimos uma configuração concedida pelas sociedades humanas. Contudo, é perfeitamente compreendido que os espaços

urbanos são, dentre todos que consolidam o imenso e complexo mosaico de paisagens diferentes da superfície terrestre, os ambientes mais alterados e, portanto, merecedores de atenção especial.

Esses ambientes construídos ou artificiais denominados cidades, caracterizados pela presença fervilhante da vida humana como palco de realização da maioria de suas atividades, espaço configurado pelos mais diversos tipos de relações, prazeres e lazeres, são também os maiores produtores de entropias ao meio ambiente. Indústrias, veículos automotores, produção incessante de resíduos dentre outros conduzem as cidades à perda de seu equilíbrio ambiental. Portanto, requerem estes, atenção especial da Academia na identificação e remediação de seus problemas.

Contudo, uma das grandes patologias a se remediar nesse crescente organismo vivo socioespacial denominado “cidade”, responde popularmente pelo nome de “lixo”. Esses resíduos sólidos orgânicos e inorgânicos são inexoravelmente classificados como um dos maiores vilões do meio ambiente biótico, abiótico e social. Portanto, esse é apenas mais um dentre vários estudos proferidos pela academia sobre o assunto.

Os estudos que deram origem à fundamentação teórica da pesquisa, apenas salientaram o que a ciência já havia confirmado, conduzindo tal conhecimento a uma contextualização com os resultados obtidos na pesquisa, visto que as respostas compiladas com as entrevistas se caracterizam como inéditas, pois não foi identificado, até o momento, nenhum estudo dessa natureza com a população residente na área central da cidade de São Ludgero.

As respostas obtidas com as perguntas de pesquisa efetuadas sobre os entrevistados denunciam que a população abordada está consciente da gravidade que o descarte inadequado dos resíduos domiciliares faz sobre a sociedade e o meio ambiente, degradando a paisagem natural e humanizada e, acarretando problemas de ordem psicossocial nas pessoas diretamente envolvidas com essas áreas impactadas. A população, alvo da pesquisa, também demonstrou conhecimento excelente sobre o que é a coleta seletiva e níveis quase satisfatórios sobre o reaproveitamento de determinados utensílios que apresentam possibilidades de reuso. Contudo, mesmo diante de bons níveis de conhecimento sobre o tema

abordado, muitos demonstram jamais ter tido contato com aterros sanitários e depósitos de lixo a céu aberto, o que certamente é natural.

Há também uma parcela considerável dessa população que não conhece ou se quer tiveram algum tipo de contato com catadores de lixo. Esse fato é uma evidência de que as pessoas que compõem as camadas mais abastadas da sociedade se privam de relações sociais mais expressivas, representada mediante o contato e, até mesmo, laços afetivos com pessoas de classe baixa. Assim, poucos contracenam com a outra realidade dessa segregação socioespacial urbana comum em países de economia emergente, auxiliando a acentuar o abismo da irracional e imoral exclusão social.

Sobretudo, há de se destacar que 77% da população entrevistada possui interesse de diminuir a quantidade de resíduos produzidos em suas residências. Caso haja essa diminuição nos índices de produtividade de resíduos proveniente dessa pequena população que se mostrou afim, haverá uma redução quase insignificante na quantidade deste material. Todavia, poder-se-á iniciar uma mudança de postura que se propague a um número maior de pessoas na busca pela sustentabilidade, alcançando assim resultados mais expressivos mediante uma cultura fortemente alicerçada na racionalidade e educação ambiental.

REFERÊNCIAS

BOEING, Fábio. **O processo de urbanização**: um estudo sobre a ocupação em áreas de risco socioambientais no bairro Alto Paraná em Orleans, Santa Catarina. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA), Criciúma: UNESC, 2009.

BRASIL. **Lei nº 6.938**, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Disponível em: www.mma.gov.br. Acesso em: jul. 2010.

_____. **Resolução CONAMA nº 001**, de 23 de janeiro de 1986. Estabelece as definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente. Disponível em: www.mma.gov.br. Acesso em: jul. 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. **Pegada ecológica e sustentabilidade humana**. São Paulo: Gaia, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas,

2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/senso2010. Acesso em: 9 nov. 2010.

MARTINEZ-ALIER, J.; VALDAMN, M. (Trad.) **O ecologismo dos pobres**: Conflitos ambientais e linguagem de valorização. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de Caso**: uma estratégia de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENEZES, Estera Muszat; SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis, 2000.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia de pesquisa aplicável as ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.) **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática: São Paulo: Atlas, 2003.

SANCHEZ, Luiz Enrique. **Avaliação de impacto ambiental**: conceitos e métodos. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

SILVEIRA, Mirelle Gonçalves. **O reflexo da incorporação de uma nova variável em um sistema de custos**: O custo ambiental. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Curso de Ciências Contábeis. Florianópolis: UFSC, 1997.

SOUZA, Demétrius Coelho. **O meio ambiente das cidades**. São Paulo: Atlas, 2010.

A LITERATURA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO: “O ATENEU”, DE RAUL POMPÉIA, E OS IMPACTOS PSÍQUICOS DOS PROCESSOS VERBAIS

Literature Serving Education : "O Ateneu", by Raul Pompeia and the Psychic

Impacts of Verbal Processes

Adelcio Machado dos Santos¹
Ana Paula Carneiro Canalle²

Recebido em: 02 dez. 2013
Aceito em: 13 dez. 2013

RESUMO

Este artigo colima o escopo de, a partir do texto composto por Raul Pompéia intitulado *O Ateneu*, analisar e explicar que o gênero literário, romance, fornece abundante subsídio com capacidade de servir como fonte para pesquisa em Educação. O referido texto é considerado um dos livros mais importantes do Realismo brasileiro e versa sobre o personagem Sérgio, já adulto, que a partir de uma narrativa descreve sua experiência como aluno interno do Colégio Ateneu. Trata-se o romance de um gênero literário que tem como pressuposto representar a realidade, intercalando, na narrativa, características psicológicas e socioculturais da época em que foi escrito, contribuindo, a partir do estudo da linguagem, de forma eficaz, para agregar valor às pesquisas da Psicologia em Educação. Importante ressaltar que, na medida em que os atores envolvidos no processo de aprendizagem dispuserem de informações a respeito dos conteúdos, maiores serão as oportunidades de melhoramento das atividades pedagógicas. Evidenciando-se, destarte, o amplo valor heurístico dos estudos psíquicos para a Educação e a exigência de se efetivar maior simultaneidade entre a Psicologia e a Pedagogia pela sinergia, gerando maior eficácia cognitiva.

Palavras-chave: Literatura. Educação. Impactos.

ABSTRACT

This article aims to analyse and explain the literary genre novel, based on the “O Ateneu” novel, written by Raul Pompeia, since it provides abundant material for research in education . The before named text is considered one of the most important books of Brazilian Realism and deals with Sergio as an adult character in a

¹ Pós-Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Gestão Educacional,, em Psicopedagogia; e em Supervisão, Orientação e Administração Escolar. Docente e Pesquisador da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp). Endereço: Rua Prof. Egidio Ferreira, nº 271, Apto. 303 – 88090-500 Florianópolis (SC) Brasil. E-mail: adelciomachado@gmail.com.

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora e docente do Curso de Letras Trilíngue da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe. Endereço: Rua Ladislau Liskievich, 254, Gioppo- 89500-000, Caçador (SC) Brasil. E-mail: anaccanalle@yahoo.com.br.

narrative that describes his experience as an internal student of the Ateneu School. The novels are a part of the literary genre that intends to show reality, merging into the narrative psychological and sociocultural characteristics of the historical period it was written. These factors, in addition to the study of language may effectively add value to searches of Psychology in Education. It is important to highlight that the more the parts involved on the educational process have information about the contents, the better developed will be the teaching activities. Importantly, to the extent that the actors involved in the learning process has information about the content, the greater the opportunities for improving educational activities. Thus, we evidence the broad heuristic value of psychic studies for Education and the requirement to conduct a closer alignment between Psychology and Pedagogy from the synergy, yielding greater cognitive efficiency.

Keywords: Literature . Education. Impacts .

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do conhecimento é sempre benéfico. Deve estar clara, para o pesquisador, a relevância de um tema que possa dirigir-se genericamente a três beneficiários: a sociedade, a ciência e a escola. Um tema tem relevância social quando seu desenvolvimento e suas conclusões acenam com uma contribuição direta para a sociedade. Isto é, ajudará a melhor encaminhar ou sanar uma necessidade social concreta.

A relevância científica é característica daquele tema que desenvolvido contribui para melhor esclarecer/resolver um problema detectado ou previsto no curso de um estudo ou pesquisa científica. Relevância acadêmica é característica do tema que desenvolvido contribui para o ensino/aprendizado a respeito de uma necessidade ou de um problema humano (SANTOS, 2005, p. 75).

Preleciona Mayer:

A maior riqueza de revelações psicológicas está acumulada em dramas, romances, poemas, autobiografias, onde aparece o homem real concreto na sua vivência irreduzível à observação exterior. E a literatura é confissão direta ou indireta, confidência ou lirismo

Destarte, pode-se utilizar a literatura, mormente os romances, para formação dos profissionais das licenciaturas. À guisa de exemplo, “O Ateneu”, da lavra de Raul Pompéia, pode fornecer clarificações acerca do impacto da escolarização na vidas pessoas.

No início do romance, o pai de Sérgio, passando a responsabilidade da

formação de seu filho à escola, adverte-o: “vá encontrar o mundo e tenha coragem para a luta”. Escola essa que tem em seu comando o Dr. Aristarco, profissional presunçoso, pleno de soberba e que tinha como objetivo principal o lucro. Alimentava o sonho de ver uma estátua (um busto) com a sua face. O narrador vai descrevendo seus desapontamentos, seus temores, suas dúvidas, refere-se à rígida disciplina, à descoberta da própria sexualidade e, também, das questões que nem sempre foram respondidas.

Sobre a linguagem, torna-se importante observar o enunciado de Nicola (2005, p.315), no qual afirma que Rousseau, no *Ensaio sobre a Origem das Línguas*, assegura que a linguagem nasceu sob o estímulo das emoções, não da utilidade social, como sustentava Demócrito³, ou depois de uma planificação racional. Para resolver todos os problemas práticos da vida, bastam os gestos e as ações; é somente para significar o amor e o ódio que as palavras se tornam imprescindíveis. A primeira linguagem dos homens era, portanto, poética, expressiva, ligada aos estados de ânimo. Depois vieram as gramáticas: ganhou-se em clareza, mas perdeu-se em poesia.

DISCUSSÃO

A Psicologia passa por uma crise. As suas teses mais radicais e fundamentais estão sendo revistas, razão por que na ciência e na escola reina uma grande confusão de ideias. Minou-se a confiança nos sistemas anteriores e os novos ainda não se constituíram a ponto de ousarem destacar de si mesmos uma ciência aplicada.

Vigotski (2004, p. XI) atenta que a crise na psicologia implica fatalmente crise também no sistema de psicologia pedagógica e sua reconstrução desde o início. Não obstante, nesse sentido, a nova psicologia é mais feliz que toda a sua predecessora, já que não terá de “tirar conclusões de suas teses e desviar-se quando deseja aplicar os seus dados à educação”.

³ Contrariando a opinião dominante no mundo antigo, Demócrito afirma que as palavras são estranhas às coisas que representam e são sinais puramente convencionais. De fato, nas diversas línguas empregam-se nomes diferentes para indicar o mesmo objeto. Pela primeira vez da história, coloca-se a tese do convencionalismo linguístico: as palavras não possuem, em si, como som, nenhum significado; são puras convenções que adquirem sentido somente pelo uso comum com base no critério de utilidade recíproca. (NICOLA, 2005, p.37)

Esse autor acrescenta ainda que a questão psicológica ocupa o próprio centro da nova psicologia. A teoria dos reflexos condicionados é a base sobre a qual deve ser construída a nova psicologia. Reflexo condicionado é nome daquele mecanismo que transfere da biologia para a sociologia e permite elucidar a essência mesma e a natureza do processo educacional.

Nesse contexto, a pedagogia é levada a operar com maneiras mais sintéticas de comportamento, com respostas integrais do organismo. Por isso a teoria dos reflexos condicionados pode constituir o fundamento para o presente fluxo. Na descrição e análise de formas de comportamento mais complexas tem-se de empregar plenamente todo o material cientificamente fidedigno da velha psicologia, traduzindo conceitos velhos para uma linguagem nova.

Como ciência da educação, a pedagogia precisa estabelecer com clareza e precisão como organizar essa ação, que formas ela deve assumir, de que procedimentos lançar mão e em que sentido. Outra tarefa consiste em esclarecer para si mesmo a que leis está sujeito o próprio desenvolvimento do organismo sobre o qual pretende agir.

Em função disso, a pedagogia abrange, essencialmente, diversos setores inteiramente particulares do conhecimento. Por um lado, já que levanta a questão do desenvolvimento, integra o ciclo das ciências biológicas, isto é, naturais. Por outro, uma vez que toda educação se propõe a determinados ideais, fins e normas, ela deve operar com as ciências filosóficas e normativas.

Por sua vez, a psicologia considera até mesmo as formas mais complexas da consciência como formas de determinados movimentos especialmente delicadas e imperceptíveis. Dessa maneira, a psicologia se torna ciência biológica por estudar o comportamento como uma das formas fundamentais de adaptação de um organismo vivo ao meio. Por isso vê o comportamento como processo de interação entre o organismo e o meio, e seu princípio explicativo passa a ser o princípio da utilidade biológica da psique.

Este artigo não colima exaurir o assunto que nele será tratado, ou, até mesmo, porém, consiste em realizar estudo evidenciando que a literatura pode servir como fonte de pesquisa e ensino da Psicologia da Educação. Será realizada uma

análise sobre o romance "O Ateneu", de Raul Pompéia. Com efeito, a área epistemológica é a Psicologia, podendo-se também utilizar, ao lado, a Linguística. A linguagem constitui roteiro para compreensão do psíquico, em especial, na área educacional.

Os assuntos ou temas escolhidos referem-se a necessidades humanas reconhecidas e anunciadas. Deve-se observar se existe alguma necessidade para o estudo de tal fato, sendo assim, observou-se que as obras literárias - em especial, as clássicas -, podem ser utilizadas em técnicas de ensino de Psicologia. Destarte, questiona-se, de que maneira as obras podem ser aproveitadas? Quais paralelos podem ser efetuados entre os romances e as realidades estudadas? Quais as reflexões e análises sobre o funcionamento linguístico devem ser feitas para privilegiar o raciocínio em lugar da memorização de nomenclaturas e definições?

Considerando que o objetivo geral revela a diretriz do conhecimento acadêmico ambicionado, envolvendo pesquisa e dissertação como uma sugestão ampla, define-se como tal a comprovação de que se pode utilizar o romance como fonte de pesquisa para compreender a educação. A partir do exemplo do texto literário "O Ateneu", tenciona-se demonstrar os problemas psíquicos que a escola autoritária produz no indivíduo. Pretende-se, destarte, demonstrar que o romance pode servir como subsídio para a pesquisa educacional.

A Psicologia, à semelhança de toda a Ciência, vive em crise diuturna, e a nova ciência vive o período de sua construção inicial. Contudo, isso não quer dizer que ela deva apoiar-se somente no seu próprio material. Ao contrário, é levada frequentemente a apoiar-se em todo o material cientificamente fidedigno de outras áreas do conhecimento.

À luz do magistério de Vigotski (2004, p. 8), uma vez que mudou na ciência o ponto de vista central e basilar sobre o objeto, tem-se sempre de dar um novo tratamento ao velho material, traduzir os velhos conceitos para a linguagem nova, elucidar e assimilar leis e fatos anteriores à luz das novas concepções.

Teorizar sobre algo é transformá-lo num objeto problemático, isto é, de interesse para um estudo de caráter metódico e analítico. Ora, o produto cultural que na atualidade se denomina de literatura (cuja designação variou ao longo da

história), desde que se fez presente na civilização ocidental, tem sido objeto de teorização no sentido amplo em que se está por ora empregando a palavra. Aliás, é preciso definir que a literatura é um produto cultural que surge com a própria civilização ocidental pelo fato de que textos literários figuram entre os indícios mais remotos da existência histórica dessa civilização (SOUZA, 2002, p. 8).

A escola deve considerar em seu trabalho as experiências de vida e as características psíquicas e socioculturais dos alunos a quem atende, buscando uma adequação pedagógico-didática à sua clientela, tornando possível um processo de aprendizagem realmente significativo (DAVIS, 1991, p.11).

Em estudo apresentado por Drügg (1999, p. 22), a Psicologia se constitui em um exemplo das necessidades geradas pelo advento de uma sociedade industrial capitalista na qual selecionar, orientar, adaptar e racionalizar são vistos como condições necessárias ao aumento da produtividade. Dessa maneira, a novidade apresentada pela Psicologia de Wundt – considerado como marco inicial da cientificidade da Psicologia -, não reside propriamente na mudança de objeto de estudo em relação ao que propunham os antigos filósofos, mas na introdução da abordagem experimental. Esse tornava a mensurar os fenômenos psíquicos ou a consciência conforme os ditames da nova ordem política e econômica.

Depois do desvelamento da face ideológica da Psicologia, colimando a hipótese inicial de que a psicologia e os psicólogos estariam veiculando interesses das classes hegemônicas, Patto (apud DRÜGG, 1999, p. 26) verifica que é necessário dar novo rumo à atuação do psicólogo na escola, o que passaria necessariamente por uma revisão da própria Psicologia. Mostrou-se contrária a posição, nada incomum entre os psicólogos, que supõe, para cada área de atuação, ser preciso outra psicologia.

Dessarte, a justificativa do presente estudo baseia-se no fato de que quanto mais informações os atores envolvidos no processo de aprendizagem tiverem dos conteúdos escolares, maiores serão as oportunidades de melhoramento das práticas pedagógicas. Percebe-se, assim, o grande valor teórico dos estudos psicológicos para a ciência da Educação e a exigência de se efetivar maior sincronismo entre a Psicologia e a Educação, na medida em que aumentam os reptos que as escolas devem adversar.

No curso do século XIX e parte do século XX, o estudo acadêmico da Psicologia esteve ligado ao da filosofia em muitos países, sendo considerada como uma “disciplina filosófica”. A independência da psicologia em relação à filosofia se desenvolveu quase sempre no curso da constituição da psicologia como ciência empírica e dos trabalhos de psicologia experimental, como os “Laboratórios de psicologia experimental”, do tipo do de Wundt na Alemanha e do de Titchener nos Estados Unidos (MORA, 2001, p. 2411).

No ano de 1879, criou-se o laboratório de Psicologia de Wundt, sendo considerado assim como o marco inicial da psicologia científica. Decorridos mais de cem anos, o que se observa é uma variedade de escolas e orientações, percebendo-se que a psicologia ainda não conseguiu atingir seu objetivo de constituir uma unidade teórica-metodológica, existindo apenas uma unidade ideológica (DRÜGG, 1999, p. 22).

No curso de quase todo o século XX, na maior parte dos países, pode-se falar da psicologia como ciência, independentemente da filosofia no sentido de que não é estudada já como uma disciplina filosófica, embora esteja relacionada à filosofia pelo menos na medida em que seus métodos, conceitos e pressupostos podem ser objeto de estudo filosófico.

Mora (2001, p. 2411) esclarece ainda sobre a existência de uma “filosofia da psicologia”, embora, na verdade, essa não tenha prosperado na medida em que isso ocorreu com a filosofia da física, da biologia e até da linguística.

Quanto à temática do presente estudo, podem-se ressaltar os dizeres de Maluf (2006, p. 135) o qual destaca que foi a partir da segunda metade da década de 1970 que se evidenciou no Brasil um crescente movimento de reflexão e crítica sobre as relações entre Psicologia e a Educação, buscando compreender os determinantes históricos e sociais da formação e da atuação do psicólogo escolar.

Essa autora acrescenta que essa nova Psicologia Escolar não se apresenta sob um paradigma unificado. Sua forma emergente é multifacetada, porém portadora de expressões comuns que a identificam. Ela pode ser reconhecida mais pelas ações dos profissionais do que pelo discurso.

Leite (2002, p. 169) relata que na análise do processo criador, o psicólogo

tem possibilidade de utilizar critérios extraliterários e atingir relativo rigor na explicação. Embora, ainda se esteja muito longe de se chegar a uma situação ideal, a psicologia tem condições de oferecer muitos caminhos para a investigação e superar afirmações mais ou menos místicas sobre o pensamento produtivo. Isso é compreensível, pois o processo criador, apesar de grande complexidade, é um processo adaptativo, uma forma de interação do organismo com o ambiente.

Como essa interação opera pelo domínio da Psicologia, augura-se dessa a descrição, a compreensão e, finalmente, a explicação do pensamento produtivo não apenas na literatura, mas em todos os domínios da atividade humana.

De outro vértice, o termo educação, de acordo com entendimento de Perini (2003, p. 9):

- a) o campo relativo às três fases do processo educativo e, mais precisamente: a formulação dos objetivos ou filosofia da ciência; a oferta das possibilidades de aprendizagem, denotada como instrução; a avaliação, o controle e a interpretação dos resultados da aprendizagem;
- b) a metodologia para elaborar procedimentos de pesquisa mais rigorosos e melhores teorias.

Essa autora acrescenta ainda que a filosofia da ciência, que está na base da formulação de objetivos educacionais, é um produto da cultura: os critérios de identificação são paradigmáticos do nível evolutivo da sociedade que os adota.

A educação muda mais atualmente do que mudou desde a criação da escola moderna há mais de trezentos anos de acordo com destaque de Drucker (apud SANTOS, 2002). Dessa maneira, a educação não pode limitar-se exclusivamente ao trabalho da escola, uma vez que já se cruzou de uma sociedade industrial em direção a uma sociedade de serviços, o que acarreta em nova combinação entre a educação e os negócios. Esse autor destaca que toda instituição deve transformar-se em um professor.

Nesse sentido, Santos (2002) também enfatiza que um novo mundo emerge a cada trinta ou quarenta anos, e os jovens não são capazes de compreender como seus pais e avós viviam em épocas passadas. Tal fato pode ser identificado, por exemplo, no decorrer do século XIII, quando na Europa, aconteceu a emigração em grande escala para as cidades, dando origem à rápida formação dos grupos sociais dominantes e o comércio entre povos mais distantes.

Ainda no século XV, deu-se a invenção da imprensa por Gutenberg, em seguida, a Reforma da Cristandade liderada por Lutero, a Revolução Industrial, o motor a vapor. Nesse período, Adam Smith (apud SANTOS, 2002) deu a lume o clássico “A Riqueza das Nações”.

Já no século XX, verifica-se o desenvolvimento das sofisticadas tecnologias de informação e comunicação, provocando significativas modificações no mundo, nos diferentes níveis e instituições da sociedade. Em outras palavras, as transformações que acompanham a evolução das tecnologias perpassam a sociedade como um todo, sua economia, política, cultura, religião e educação.

A sociedade contemporânea passa por um momento de transformações substanciais em todos os campos. Na sociedade, nomeada por Drucker (apud SANTOS, 2002) de pós-capitalista, o conhecimento é o principal recurso e sua característica dominante pode ser concebida como uma sociedade de organizações.

Vale para a psicologia da educação aquilo que é crítico em toda disciplina aplicada: a sua relevância depende, em larga escala, da definição do objeto a que se dedica.

Nesse contexto de grandes mudanças, a escola representa uma instituição desenvolvida pela humanidade para socializar o saber sistematizado, de acordo com entendimento de Penin e Vieira (2002). No entanto, sua função social tem apresentado grandes variações ao longo do tempo, relacionando-se aos diferentes momentos da história, às culturas de países, regiões e povos. Isso se deve ao fato de que cada sociedade e cada cultura geram as próprias formas de educação e escolarização. Todavia, ao mesmo tempo, a educação em nível mundial consegue manter determinadas constâncias, ou seja, valores e formas de convivência social que constituem a essência da tarefa escolar.

Em consonância com Perini (2003, p. 16), para alguns estudiosos, a Psicologia da Educação já dispõe de um patrimônio de dados empíricos que lhe permite programar a pesquisa de modo autônomo, buscando objetivos originais e integrando os resultados no âmbito das próprias teorizações.

Nas derradeiras décadas do século XIX, surgem propostas para estatísticas morais, estudam-se centros corticais psicológicos, fala-se da psicologia da

percepção e das representações, da hereditariedade psicológica, entre outros. Herdeira do positivismo que toma conta da Medicina em meados da terceira década do século XIX, a Psicologia desenvolve-se a partir da ideia de organismos; e, no Brasil, vinculada aos primeiros Cursos de Graduação em Medicina e Direito, criados após a chegada de João VI (CRUCES, 2006, p. 17-18).

Perini (2003, p. 15) acrescenta que a década de 1920 pode ser considerada a apresentação formal da psicologia da educação, como disciplina específica e autônoma, período em que o movimento funcionalista realçava a exigência da psicologia se tornar útil, sendo determinante para que os psicólogos iniciassem uma atividade mais sistemática de pesquisa na escola e, destarte, passassem a reconhecer como objetos de estudo de importância primária os problemas práticos ligados à relação ensino-aprendizagem.

Cruces (2006, p. 18) credita também que a demanda da profissionalização da Psicologia começa a existir na década de 1920, mas com o incremento das atividades psíquicas desencadeadas pela Revolução de 30 surgem as primeiras preocupações com a formação desses profissionais e o credenciamento de cursos nos quais eles pudessem ser devidamente preparados.

Ainda alicerçados na ótica de Perini (2003, p. 20), em que a perspectiva funcionalista, inspirada pelo paradigma evolucionista de Darwin, singulariza como objeto de estudo as funções da mente e desvia o centro da pesquisa para o comportamento ajustado, que foi benéfico para garantir a sobrevivência de cada indivíduo. Para o crescimento do funcionalismo e para a sua propagação no campo da Psicologia da Educação em desenvolvimento, foi determinante a participação de dois cientistas: John Dewey e James R. Angell.

Ao perflustrar as teses propugnadas por Platão e Aristóteles, Leite (2002, p. 341) alerta para o pequeno avanço que os pesquisadores tiveram na apreciação crítica da influência da leitura. Platão, na República, diz:

A primeira coisa a fazer será manter uma censura dos autores de ficção, e deixar que os censores aceitem as boas histórias e recusem as más; desejaremos que as mães e pajens contem apenas as histórias permitidas, e modelem – com as boas histórias – a alma das crianças, com mais cuidado do que o que empregam para modelar o seu corpo. Mas a maioria das histórias atuais deve ser rejeitada (PLATÃO em A República, in: LEITE, 2002, p.341).

Pode-se observar que Platão desaprova a literatura, presumindo que a ficção tenha a capacidade de influenciar negativamente o leitor. Por sua vez, Aristóteles (apud LEITE, 2002, p. 341) estima que “a catarse seja uma forma de expressão ou libertação de tendências preexistentes no indivíduo”.

Ainda no alvitre do autor supracitado, pode-se perceber que, historicamente, a proposição de Platão é a mais aceita, provavelmente porque se aproxima mais do senso comum. Entretanto, ao aprofundar um pouco mais a análise, pode-se verificar que Platão desaprovava a literatura tradicional, considerando que desejava estabelecer um novo sistema de educação.

Por sua vez, nas críticas à literatura contemporânea, rejeita-se a exposição de valores antagônicos ao arquétipo clássico. Da mesma forma, não é difícil constatar que a maior oposição dos censores da literatura diz respeito à exposição da vida sexual, o que seria contraditório à teoria de Platão.

Como os indivíduos, as Ciências também apresentam uma fase juvenil de afirmação criadora de luta pela independência. Da mesma forma que acontece com os jovens, essa busca de liberdade se manifesta através do domínio dos outros e da conquista. Quando, no século XVII, Descartes descobre o valor do método matemático, pretende subordinar todos os conhecimentos à *mathesis universalis*⁴; não se contenta com um método para todas as ciências, e procura mostrar a possibilidade de provar, geometricamente a existência de Deus (LEITE, 2002, p. 21).

Dentro dessa conjuntura, parece desnecessário discutir a legitimidade da análise psicológica da literatura, pelo menos, quando apresentada de forma modesta e limitada. Poder-se-ia dizer, em primeiro lugar, que é impossível comentar uma obra sem que se faça menção a processos psicológicos, e que a escolha do crítico não consiste em utilizar, ou não, a Psicologia, mas em utilizar a psicologia do senso comum ou a psicologia científica.

Leite (2002) diz que essa é uma alternativa a ser discutida, pois é

⁴ A matemática universal é o que se torna o mundo das ideias quando se supõe que a ideia consiste numa relação e numa lei, e não mais numa coisa. Kant tomou por realidade este sonho de alguns filósofos modernos; ainda mais, acreditou que todo conhecimento científico seria apenas um fragmento separado, ou melhor, um sinal antecipador da matemática universal. A partir daí a principal tarefa da crítica consistia em fundar esta matemática, isto é, em determinar o que deveria ser a inteligência e o que deveria ser o objeto para que uma matemática ininterrupta pudesse ligá-los um ao outro (SILVA, 1994, p. 81).

praticamente impossível descrever uma obra sem fazer referência, direta ou indireta, a ocorrências psicológicas tais como a imitação, a sugestão, a percepção de formas, a descrição de personagens, a aprendizagem do gosto e assim por diante.

Santos (2008) acrescenta que a literatura é vista como um dos elementos de construção do pensamento social, já que ambiciona uma direção para os verdadeiros valores da nacionalidade quando evidencia crenças e percepções pessoais, permitindo que os seres humanos possam refletir no seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Entre os brasileiros, nesse sentido, a literatura ganhou espaço desde o período colonial. Porém, apenas a partir de meados do século XIX que se consolidou, visto que passou a ter uma maior interação entre o autor e o público.

Nesse contexto, a obra “O Ateneu” de Raul Pompéia, trata-se de um romance que é um diário de um internato: as aulas, a sala de estudos, a diversão nos banhos de piscina, as leituras, o recreio, o que acontecia nos dormitórios, no refeitório e as disputas. O mundo da escola é sempre visto e retratado a partir da perspectiva particular de Sérgio (expressionismo). Dessa maneira, a instituição, os colegas, os professores e o diretor Aristarco são representados em função de determinada ótica, visivelmente caricatural, em que os erros, hipocrisias e ambições são projetados e realçados.

Combinando regozijos e tristezas, decepções e entusiasmos, o ator principal da obra - Sérgio, pacientemente reconstrói, através da memória, a adolescência vivida e perdida entre as paredes do referido internato. A história finda com o incêndio do Ateneu pelo estudante Américo. Nesse incêndio, o diretor fica perdido, estático com o que está acontecendo com seu patrimônio e acaba sendo abandonado pela esposa naquele mesmo dia.

O mundo não existe sem uma forma de linguagem. Tentar imaginar a vida humana sem a linguagem e suas diversas formas de expressar-se não é um exercício ocioso. O livro em análise apresenta os temas fonética e fonologia de forma diferente dos métodos de ensino geralmente desenvolvidos nas disciplinas (MAIA, 1991, p. 6).

A literatura tem origem na evolução natural e espontânea da tradição oral e

sua fonte natural é representada pelas pessoas que, transmitindo suas impressões e experiências, ora engendram mitos supersticiosos para explicar, fantasticamente, os fatos e os fenômenos da natureza; ora histórias e episódios heróicos, exaltando seus valentes guerreiros; ora fantasia, acontecimentos sentimentais ou místicos, criando, dessa forma, extraordinárias fontes literárias (CARVALHO, 1959).

De acordo com Carvalho (1959), a tradição oral representa a origem não apenas da literatura, mas também de toda manifestação do pensamento humano. É, portanto, de “contar e ouvir” que surgiu toda a literatura. A palavra é o mais notável privilégio do homem. É por meio da palavra que se forma o lastro do conhecimento humano, que se transmite de geração a geração, de sociedade para sociedade, alterando-se, mas conservando o seu sentido original.

Para Mendonça (1973), a fala é a atualização, real, concreta, singular do que ao nível genérico foi realizado por outra personagem. O primeiro chama-se significante; a segunda denomina-se história real. As pessoas habitam o segundo nos limites epistêmicos estabelecidos pela primeira e são sujeitos. Porém, esse significante é um lugar onde se marca a substituição. Quem o substitui é a comunidade que o atravessa pelos dois lados.

Esse autor acrescenta ainda que um primeiro que ela mostra, porque pensa qual é e onde as pessoas pensam ao reproduzi-la como centro da verdade chama-se consciente. As pessoas a pensam a partir do ponto suturado do significante que marca um conjunto de regras a cuja obediência está subordinada essa reprodução.

Do ponto de vista da lógica desse objeto, a distinção entre marcado pelo código e não marcado estabelece a armadura. Como esta é o ponto de irreduzibilidade da estrutura, lugar de atualização, do signo, ambas possuem características idênticas. A mais geral marca-se no lugar específico da mais particular (MEIRELES, 1973, p. 118).

Maia (1991) salienta que as palavras algumas vezes podem ser tomadas como signos mais precisos de uma linguagem artificial. Por convenção, elas podem até ser rótulos. Por outro lado, os seus recortes auditivos não necessitam ter manifestações físicas claras. Tem-se, portanto, nas línguas naturais, uma permanente e produtiva tensão entre a vagueza e a clareza.

Desde os primórdios da sociedade, o homem conservava todos os fatos e todas as lembranças através da tradição oral, com intenso colorido, devido a sua providencial imaginação que, naturalmente compensadora, supria também, muitas vezes, a memória. E contando-se, chegou-se à literatura. O conto é tão antigo quanto às comunidades humanas (CARVALHO, 1959).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os albores da civilização, o homem procurou criar uma linguagem a fim de exprimir-se e comunicar-se melhor com seus semelhantes. As linguagens foram tantas quantas foram as populações antigas que, com o passar do tempo, aperfeiçoaram-se e enriqueceram-se com o grande número de vocábulos. Assim, ao conseguirem dispor de uma linguagem evoluída, os povos haviam dado o primeiro passo rumo a uma arte que se vale de palavras para expressar: a literatura (SCORNAIENCHI, 1975).

De acordo com Meireles (1984, p. 18), sempre que uma atividade intelectual se manifesta através da palavra, cai, desde logo, no domínio da literatura. A literatura, portanto, não abrange somente o que se encontra escrito, embora esse pareça o modo mais fácil de reconhecê-la, talvez pela associação estabelecida entre os termos literatura e letras. A palavra pode ser apenas pronunciada, pois é o fato de usá-la, como forma de expressão, independentemente da escrita, o que designa o fenômeno literário.

Para Meireles (1984, p. 19):

A literatura precede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso, deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias; e exemplificam sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas – vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca.

As manifestações literárias primitivas decorrem das exigências da vida em comunidade, pela necessidade do entendimento e entretenimento entre os membros de um clã, para a evolução da sociedade, caminhando de forma progressiva. Para que se crie uma linguagem e, por conseguinte, uma literatura, a vida social é absolutamente necessária.

A linguagem é a carapaça e a antena humana. Ela protege contra os outros e informa a respeito deles, é um prolongamento dos sentidos humanos. O indivíduo está na linguagem assim como está no próprio corpo:

nós a sentimos espontaneamente ultrapassando-a em direção a outros fins, tal como sentimos as nossas mãos e os nossos pés; percebemos a linguagem quando é o outro que a emprega, assim como percebemos os membros alheios (SARTRE, 1989, p. 19).

A aprendizagem, a conservação, a transformação e a transmissão da cultura realizam-se por meio de uma grande variedade de práticas sociais. As práticas sociais organizam-se para expressar a cultura das comunidades humanas assumindo a condição de “sistema de signos” para transmitir essa cultura de um indivíduo para outro, de uma geração para a geração seguinte (LOPES, 1995).

Lopes (1995) também diz que a relação entre o homem e o mundo vem mediatizada pelo pensamento. A relação entre um homem e outro homem, dentro de uma sociedade, vem mediatizada pelos “signos”. Para que o pensamento transite de uma para outra subjetividade, deve ele formalizar-se em “signos”. Os signos são, por um lado, suportes exteriores e materiais da comunicação entre as pessoas e, por outro lado, são o meio pelo qual se exprime a relação entre o homem e o mundo que o cerca. A organização social dessas mediações atribui às linguagens a função de “sistemas modelizantes”.

Carvalho (1959) ressalta que a literatura é um elo entre os povos, sendo, portanto, uma necessidade. E, como a manifestação primitiva da literatura foi à linguagem oral, não se pode fixar sua origem. Ela veio de todas as partes do mundo e é realizada por todos os povos. Todas as grandes civilizações criaram sua própria literatura.

Nesse sentido, Sartre (1989), argumenta que o escritor é um falador, pois designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua. Se o faz no vazio, nem por isso se torna um poeta, mas um prosador que fala para não dizer nada. A arte da prosa se exerce sobre o discurso e sua matéria é naturalmente significativa. Portanto, de início, as palavras não são objetos, mas designações de objetos. Não se trata de saber se elas agradam ou desagradam por si próprias, mas sim se indicam corretamente determinada coisa no mundo ou determinada noção.

Escrevendo acerca da literatura e de sua importância, Sartre (1989, p. 22), faz as seguintes colocações:

Ninguém é escritor por haver decidido dizer certas coisas, mas por haver decidido dizê-las de determinado modo. E o estilo, decerto, é o que determina o valor da prosa. Mas ele deve passar despercebido. Já que as palavras são transparentes e o olhar as atravessa, seria absurdo introduzir vidros opacos entre elas. A beleza aqui é apenas uma força suave e insensível. Sobre a tela, ela explode de imediato; num livro ela se esconde, age por persuasão como o charme de uma voz ou de um rosto; não constrange, mas predispõe sem que se perceba, e acreditamos ceder a argumentos quando na verdade estamos sendo solicitados por um encanto que não se vê.

Para Sartre (1989), a literatura é caracterizada pela harmonia das palavras, sendo que esse equilíbrio das frases predispõem as paixões do leitor, sem que este se dê conta. Um escrito é uma empreitada, uma vez que os escritores desejam acertar em seus livros e, mesmo que mais tarde os séculos os contradigam, isso não é motivo para que os críticos os refutem por antecipação. Para o filósofo, o autor necessita engajar-se inteiramente nas suas obras, não como uma passividade abjeta, colocando em primeiro plano os seus vícios, as suas desventuras, as suas fraquezas, mas sim uma vontade decidida, empenhando-se em viver através de suas obras.

A literatura tradicional, isto é, a tradição oral, era transmitida de boca em boca, pelas mais singelas criaturas; ou levada a palácios, a cortes, reuniões ou vias públicas, por intermédio dos trovadores, dos jograis e outros divulgadores da literatura. Todo esse material foi se alterando, na medida em que era divulgado em meio as diferentes sociedades. É desse material que se serviram os escritores para a literatura escrita, afirma Carvalho (1959).

Todo esse acervo antigo, que conta com poemas mitológicos, poemas homéricos, poemas cavaleirescos e tantos outros, são fontes inesgotáveis para a literatura infantil nos dias de hoje. Dessa forma, se na antiguidade não havia um gênero infantil, visto que não se estabeleciam distinções psicológicas entre o adulto e a criança, o próprio conteúdo rudimentar e fantástico de então, que era transmitido oralmente, oferece, atualmente, temas interessantes ao gênero.

A tradição oral, primitiva, não distingue a criança do adulto. A criança era entendida como um adulto em miniatura que apenas se preparava para experiências

futuras. A distinção, conforme Carvalho (1959), certamente, situava-se entre o contador (que deveria ser o adulto baseado na experiência) e o ouvinte, onde se encontrava a criança. A criança deveria aprender a temer, a respeitar, a obedecer e a admirar, inspirada no conteúdo dos contos.

Esses contos constituíam uma satisfação para aqueles que se reuniam a ouvi-los ou contá-los. Representavam um verdadeiro elo de camaradagem, principalmente em se tratando de habitantes de regiões distantes, longe da vida social intensa, como os camponeses, os marinheiros, etc. Na época, era costume os reis terem, a seu serviço, contadores de histórias. Para Carvalho (1959), “contar e ouvir” é uma tendência natural do homem.

Historicamente, as Ciências da Linguagem e da fala alinham-se com a Psicologia de forma que uma maré racionalista siga uma maré empirista, que por sua vez provoca uma reação racionalista, e assim por diante. Entretanto, as relações entre a Psicologia e as Ciências Linguísticas não têm sido unilaterais. No momento, vive-se um clima fortemente racionalista em todas as disciplinas, originado na Linguística. Tudo começou no ano de 1959, com um ousado ataque à escola psicológica mais influente da época, o Behaviorismo, pelo então jovem linguista Noam Chomsky, que vê o indivíduo como um receptor passivo de estímulos, que aprende por imitação e repetição (MAIA, 1991, 12).

Ainda que Chomsky tenha argumentos muito fortes contra a Psicologia e a Linguística empiristas dos seus predecessores, a sua defesa de uma alternativa fortemente racionalista também deixa muitos insatisfeitos. Portanto, haveria uma terceira via entre o racionalismo e o empirismo que permitisse pensar a linguagem não como um reflexo do meio ou do indivíduo, mas como algo que se constitui na relação dos dois?

Como falante de uma determinada língua, é possível ter intuições claras sobre como se segmenta o fluxo da fala. Em outras palavras, o que a pessoa percebe ao ouvir português não é um contínuo, mas uma cadeia de sons discretos, que são denominados segmentos. Simbolizando cada segmento por um sinal gráfico e transcrevendo assim um grande número de palavras, é possível empreender um levantamento para buscar uma resposta àquela inusitada pergunta (MAIA, 1991, 13).

Em suma, é em virtude da arte de contar e ouvir histórias que a linguagem se desenvolveu e, com ela, a literatura que, inicialmente era transmitida oralmente e, posteriormente, passou a ser registrada, dando origem ao surgimento da figura do escritor.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio de literatura infantil**. 3. ed. ampl. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 1959.
- CRUCES, Alacir Villa Valle. Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade. In: ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de (Org.). **Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2006.
- DAVIS, Cláudia. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1991.
- DRÜGG, Ângela Maria Schneider. **O lugar da psicanálise na educação escolar**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. (Coleção trabalhos acadêmicos-científicos. Série dissertações de mestrado).
- LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e literatura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- LOPES, Edward. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MAIA, Eleonora Motta. **No reino da fala: a linguagem e seus sons**. São Paulo: Ática, 1991.
- MALUF, Maria Regina. Psicologia escolar: novos olhares e o desafio das práticas. In: ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de (Org.). **Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2006.
- MEIRELES, Antônio Sérgio L. Comunicação e linguagem. In: DA MATTA, Roberto et al. **Arte e linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1973. (Epistemologia e pensamento contemporâneo, 5).
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MORA, Ferrater J. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. Tomo III.
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna**. São Paulo: Globo, 2005.
- PENIN, Sonia T. Sousa; VIEIRA, Sofia Lerche. Refletindo sobre a função social da escola. In: VIEIRA, Sofia Lerche (Org.). **Gestão da escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PERINI, Silvia. **Psicologia da educação: a observação científica como metodologia**

de estudo. São Paulo: Paulinas, 2003.

SANTOS, Alessandra Rufino. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **Examapaku**: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais São Paulo. v. 1 n. 1. P. 1-10, 2008. Disponível em: <<http://revista.ufr.br/index.php/examapaku/article/view/70/26>>. Acesso em: 15 jan 2012.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento: revisada conforme NBR 1474:2005. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Clóvis Roberto dos. **O gestor educacional de uma escola em mudança**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SCORNAIENCHI, Darly Nicolanna. Literatura. In. ENCICLOPÉDIA DIDÁTICO-VISUAL DE PESQUISA ESCOLAR. **O saber em cores**. São Paulo: Maltese, 1975.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Bergson**: intuição e discurso filosófico. São Paulo: Loyola, 1994. (Coleção filosofia).

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2002. (Coleção Série Princípios).

VIGOTSKI, Lev. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.